

KÁTIA MARIA CAPUCCI FABRI

DA DIFERENCIAÇÃO DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS EM  
DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS ESCRITOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
IIINSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA  
2001

KÁTIA MARIA CAPUCCI FABRI

**DA DIFERENCIAÇÃO DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS EM  
DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS ESCRITOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

**Orientador:** *Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia*

UBERLÂNDIA-MG  
2001

Dissertação defendida e aprovada, em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2001, pela banca examinadora:

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia – Orientador (UFU)

---

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo – (UFU)

---

Profª. Dra. Maria Luíza Braga – (UFRJ)

Para os meus pais, Noêmia e Olímpio, que em vida me estimularam a buscar novos caminhos.

Para Renato, meu esposo, que com companherismo tem incentivado a minha trajetória acadêmica.

Para os meus filhos, Daniel e Renata, que participaram de todo o processo paciente e carinhosamente.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Luiz Carlos Travaglia, minha homenagem especial, pelo estímulo e orientação com que sempre acompanhou todos os passos desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo e ao Prof. Dr. João Bosco Cabral dos Santos pelas importantes sugestões no Exame de Qualificação.

Ao Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, coordenação, professores, funcionárias, pela oportunidade, acolhida e condições que ofereceram para a conclusão desta dissertação.

A todos os meus amigos e familiares pelas diferentes formas de apoio.

*A linguagem confere consistência ao ser humano.  
Consolida-lhe a identidade, configura-lhe a  
personalidade. O homem encarna-se na expressão.*

**Juvenal Arduíne**



2.2.2. Resultados .....	67
2.2.3. Análise dos dados .....	73
2.3. Dimensão semântica .....	79
2.3.1. Variações de significado das conjunções adversativas.....	79
2.3.2. Resultados .....	84
2.3.3. Análise .....	87
2.4. Dimensão argumentativa .....	93
2.5. Dimensão informacional.....	97
2.6. Dimensão pragmática .....	98
2.6.1. Resultado.....	99
2.6.2. Análise .....	100
2.7. Matrizes Teóricas II .....	102
2.7.1. Matriz teórica da dimensão sintática .....	102
2.7.2. Matriz teórica da dimensão semântica.....	103
2.7.3. Matriz teórica da dimensão argumentativa.....	103
2.7.4. Matriz teórica da dimensão informacional .....	103
2.7.5. Matriz teórica da dimensão pragmática .....	104
 CONCLUSÃO .....	 105
 SUMMARY.....	 110
 BIBLIOGRAFIA .....	 111
 ANEXO – Listagem dos textos constitutivos do corpus em que ocorreram conjunções adversativas .....	  116

## RESUMO

Partindo das teorias apresentadas pela Lingüística Textual e pela Semântica, este estudo investiga as diferenças no emprego das conjunções adversativas **mas, porém, contudo, todavia, entretanto** e **no entanto**, em quatro diferentes tipos de textos: **narrativo, descritivo, dissertativo** e **injuntivo**, de acordo com a proposta tipológica de Travaglia (1991).

As diferenças de uso das conjunções adversativas em estudo são verificadas nas dimensões **sintática, semântica, argumentativa, informacional** e **pragmática**.

O presente trabalho apresenta: a) uma visão dos estudos feitos pela Lingüística sobre essas conjunções, sobretudo sobre o **mas**; b) a etimologia delas, observando a relação emprego/origem; c) o que as gramáticas tradicionais dizem a respeito do assunto; d) e ainda a exposição de duas tipologias e concluindo com a adotada.

A pesquisa desenvolveu-se a partir da análise de **218** ocorrências, retiradas de **94** textos escritos, sendo 32 dissertativos, 24 narrativos, 19 descritivos e 19 injuntivos.

Os resultados apontam para identidades e diferenças no emprego dessas conjunções e os efeitos de sentidos que o autor pretende provocar no percurso de leitura do seu interlocutor.

Fica configurado nessa dissertação que há implicações sintáticas, semânticas, argumentativas, informacionais e pragmáticas no emprego dessas conjunções adversativas e também que há um estreita relação entre o uso delas e o tipo de texto.

**Palavras-chave:** Conjunção adversativa, Diferenciação, Identidade, Dimensões distintivas, Tipo de texto.

## INTRODUÇÃO

Este estudo pretende investigar as diferenças no emprego das conjunções adversativas **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto**, em quatro diferentes tipos de textos: **narrativo, dissertativo, descritivo e injuntivo** de acordo com a tipologia proposta por Travaglia (1991:49-57). Neste trabalho, centraremos nossa atenção somente nas conjunções adversativas, **mas, porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto**, não incluindo, por opção, outros conectores de contrajunção como: ao contrário de, apesar de, embora, ainda que e outros. Entendemos por conjunção elementos que estruturam sintagmas, períodos e parágrafos que compõem o discurso e especificamente a adversativa que estabelece uma adversidade entre essas estruturas. Estamos entendendo discurso como “toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação comunicativa determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo, como também o evento de sua comunicação” (Koch e Travaglia - 1997:8-9) e texto será visto como “ unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição) que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão” ( Koch e Travaglia – 1997:9). Segundo Koch (1984:110), as conjunções são responsáveis pela orientação argumentativa global do discurso, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões. Em um outro estudo (1992a:84-98), e que será detalhado posteriormente, ela apresenta o emprego dos operadores discursivos, termo cunhado por Ducrot, criador da Semântica Argumentativa ( ou Semântica da Enunciação), para designar certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção, o sentido, para que apontam. As diferenças de uso das conjunções em estudo serão verificadas nas **dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática**.

Para a realização dessa investigação, utilizamos a abordagem teórica da Lingüística Textual e da Semântica.

Segundo Fávero e Koch (1994:11), a **Lingüística Textual** toma como unidade básica, como objeto particular de investigação, não a palavra ou a frase, mas o texto, a forma específica de manifestação da linguagem, para a comunicação.

Nas gramáticas de frase, muitos fenômenos da linguagem não são tratados e isso levou muitos lingüistas a desenvolverem estudos no nível textual, como a Lingüística Textual que comporta manifestações diferentes como: a semântica do texto, que explica o que se deve entender por significação de um texto e como ele se constitui; a pragmática do texto, que diz qual é a função de um texto no contexto (extralingüístico); a sintaxe do texto, que verifica como vem sintaticamente expressa a significação de um texto e de que forma pode manifestar o que está à sua volta; e ainda a fonética do texto estreitamente correlacionada à sintaxe.

Ainda para Fávero e Koch (1994:14), a finalidade da Lingüística Textual é refletir sobre os fenômenos lingüísticos que não são explicáveis por meio de uma gramática do enunciado, e as suas tarefas básicas são:

- a) determinar os princípios de constituição de um texto, verificando o que faz com que um texto seja um texto;
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, pois a completude é uma das características essenciais do texto;
- c) diferenciar as várias espécies de textos.

Em um dos momentos dessa teoria, Oller (apud Fávero e Koch, 1994:16) considera a língua como um processo que se realiza em três dimensões:

- a) na semântica, com a operação da contrastação e a seleção dos elementos em relação a outros do mesmo tipo;
- b) na sintática, com a ocorrência de um arranjo temporal dos elementos;
- c) na dimensão pragmática, com o relacionamento entre os elementos sintáticos, semânticos e as informações veiculadas por meios não-verbais, bem como o conhecimento prévio disponível. Assim, para esse autor, o uso lingüístico, em enunciados concretos, sob a forma de processo de decisão, se realiza nessas dimensões: sintática, semântica e pragmática. É a pragmática da geração de frases que determina a opção a ser feita em cada situação sintática e semântica, diz ele.

Outra teoria âncora do nosso trabalho é a **Semântica**, entendida como a ciência que estuda a significação (Ilari e Geraldi,1995:5).

Guimarães (1995:49) lembra que esse termo semântica foi inicialmente usado por Bréal que aponta para dois pontos fundamentais: 1) as questões de significação não podem ser tratadas etimologicamente, mas levando em conta o seu emprego; 2) a palavra deve ser considerada nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico, nas frases em que aparecem.

Em um certo período, sobretudo com a Semântica Estrutural, excluiu-se do estudo da Semântica as relações entre língua, referente, mundo, sujeito, história, relações essas que afetam o sentido. Hoje, correntes da Semântica têm procurado repor esses aspectos excluídos dos estudos da linguagem.

Por isso, não podemos deixar de citar neste trabalho vertentes dessa disciplina. Segundo Orlandi (1981:13), a Semântica Lingüística, formal, é a teoria do funcionamento material da língua na sua relação com ela mesma, já a Semântica Discursiva analisa cientificamente os processos de uma formação discursiva dando conta do laço que une esses processos às condições de produção do discurso.

Guimarães (1995:49) diz que na linha dos trabalhos de uma Semântica da Enunciação, há a Semântica Argumentativa, que tem uma filiação direta com os estudos de Benveniste e também com os trabalhos de Austin, na filosofia da linguagem. Nessa semântica, a argumentação recebe um tratamento lingüístico, no sentido de que a questão da argumentação é vista como uma relação de sentidos na linguagem, ou seja, a argumentação não é uma relação da linguagem com o mundo, com os objetos, mas é uma relação que orienta de um sentido para o outro que se interpreta, como uma conclusão, em uma enunciação particular. Outro ponto importante da Semântica Argumentativa é que a argumentatividade faz pensar a textualidade, entendida como o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma seqüência de frases ( Val 1999:5). Koch e Travaglia (1997:43-44) dizem que a Semântica Argumentativa mostra que a interação pela linguagem é uma ação dotada de intencionalidade, e que a argumentação seleciona e estrutura os conhecimentos em texto. Ainda para Koch (1984:21), a Semântica Argumentativa preocupa-se com a construção de uma macrossintaxe do discurso e postula uma pragmática integrada à descrição lingüística, isto é, como um nível intermediário entre

o sintático e o semântico, considerando os três níveis interligados. Em decorrência, afirma que a argumentatividade está inscrita no nível fundamental da linguagem e que a enunciação, considerada como “um acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado e este considerado como uma unidade discursiva e caracterizado como elemento de uma prática social” (Guimarães – 1989:78), está presente no enunciado através de uma série de marcas, que são lingüísticas, e que por essas pode-se chegar à macrossintaxe.

Com base nessas teorias, buscamos respostas para alguns problemas levantados nesta pesquisa, e que resultaram da minha atuação como professora de Língua Portuguesa, insatisfeita com as explicações apresentadas pelas gramáticas escolares e tradicionais sobre a diferenciação entre as conjunções adversativas **mas**, **porém**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto** e **todavia**, pois, em geral, elas são tratadas como correlativas e servindo apenas como elementos de ligação, sem qualquer distinção no seu uso.

Assim, no curso de mestrado, nas disciplinas de Semântica e de Lingüística Textual, fiquei estimulada a investigar de forma mais profunda sobre esta questão: a diferença entre essas conjunções.

As interrogações foram feitas envolvendo não só essas conjunções adversativas **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto**, mas também a relação destas com a tipologia textual, já que o ensino de língua não acontece separado do ensino de tipo de texto.

As minhas preocupações iniciais foram:

- 1) Há uma predominância no emprego das conjunções adversativas entre os diferentes tipos de texto?
- 2) Caso haja essa predominância, o que a justifica?
- 3) As diferenças de valores e empregos dessas conjunções estão nas dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática?
- 4) As diferenças semânticas entre as adversativas influenciam na construção de um determinado tipo de texto?

Outro aspecto que me fez aprofundar os estudos das adversativas são as poucas pesquisas específicas sobre elas. Encontramos trabalhos lingüísticos principalmente sobre a conjunção **mas**, e nas gramáticas tradicionais elas aparecem simplesmente como elementos que servem para relacionar duas orações ou termos e possuem significados correlativos.

Sobre um estudo lingüístico do funcionamento textual discursivo em diferentes tipos de texto, temos apenas conhecimento do trabalho de Travaglia (1991), que desenvolveu, em sua tese de doutorado, uma pesquisa acerca das formas e categorias verbais em textos narrativos/ injuntivos/ dissertativos/ descritivos; argumentativo “stricto sensu”/ não argumentativo “stricto sensu”; preditivo/ não preditivo.

A partir dessas preocupações iniciais e fundamentados pelas leituras, levantamos as seguintes **hipóteses**:

- 1) As conjunções adversativas têm valores e condições de usos diferentes.
- 2) As conjunções adversativas têm valores diferentes e esses valores podem estar nas dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática.
- 3) As conjunções adversativas ou certas funções e valores das mesmas podem ser empregados com mais freqüência em determinados tipos de texto, porque o seu uso depende das instruções de sentido que o autor pretende instaurar no percurso de leitura do leitor.

Diante dessas hipóteses, nossa investigação foi pautada nos seguintes **objetivos**:

- 1) Estabelecer as diferenças entre as conjunções adversativas.
- 2) Verificar a relação existente entre o tipo de texto e o emprego das conjunções adversativas e/ou de certos valores ou funções das mesmas.
- 3) Verificar se há preferência de um tipo de texto por determinadas conjunções adversativas.
- 4) Verificar as instruções dadas no uso de cada conjunção, nos diferentes tipos de texto.

Assim, para desenvolvermos este estudo que diz respeito ao funcionamento textual-discursivo das conjunções adversativas em Português, observando as nuances existentes entre elas, e o seu emprego em textos dissertativos, narrativos, descritivos e injuntivos, utilizamos um corpus de **265 textos** escritos. Esses textos foram retirados de diferentes fontes como: jornais, periódicos, revistas, obras literárias, livros didáticos, manuais de instrução, livros de receita, etc. Dos **265** textos, **94** textos apresentaram as conjunções adversativas (ficou decidido que deveria aparecer pelo

menos uma conjunção no texto) e em **171** textos não foram encontradas ocorrências. Após esse levantamento, o corpus do trabalho para análise, com **94** textos, ficou distribuído da seguinte forma: **32** textos dissertativos, **24** narrativos, **19** descritivos e **19** injuntivos. A utilização desse número diferenciado para cada tipo de texto aconteceu em função das ocorrências de adversativas encontradas, uma vez que procurávamos um número razoável de ocorrências para cada tipo de texto.

A escolha dos tipos de texto foi feita seguindo a poposta tipológica de Travaglia (1991) definida pelo modo de interação dado pela atitude comunicativa do enunciador estabelecida pela perspectiva em que o enunciador se coloca em relação ao objeto do dizer.

Sabendo da dificuldade em encontrar textos formados exclusivamente de tipos puros, foi observado o aspecto da predominância nos textos escolhidos.

Após a seleção dos textos, foi feito um levantamento das conjunções adversativas **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto**, para análise, observando quais aspectos determinam e/ou estão envolvidos dentro das dimensões **sintática**, **semântica**, **argumentativa**, **informacional** ou **pragmática**.

Foi tomada também a decisão de não observar outros conectores de contração, verificando o problema somente nestes já citados e para não ampliar os fatos a serem observados.

A partir do levantamento, foi feita a análise dos dados, buscando justificativas, explicações e conseqüentemente respostas às questões que motivaram a pesquisa.

Essa pesquisa é descritiva de campo e bibliográfica.

À luz dos princípios da Linguística Textual e da Semântica, desenvolvemos esta dissertação, que é composta de dois capítulos. O **primeiro capítulo** diz respeito à fundamentação teórica: uma visão geral das dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática que orientaram as observações das diferenças existentes entre as conjunções em estudo; a etimologia das conjunções adversativas, que deve apontar se a origem dessas conjunções pode ou não explicar os seus diferentes usos; os estudos feitos a respeito dessas conjunções pela lingüística e pelas gramáticas tradicionais e finalmente uma exposição de duas tipologias propostas, concluindo com a adotada nesta pesquisa. O **segundo capítulo** apresenta resultados do levantamento feito da análise das ocorrências nos quatro tipos de texto, nas cinco dimensões, e, especificamente, nas dimensões sintática, semântica e pragmática, através de 18 tabelas, com a interpretação dos dados

obtidos, apontando as identidades e as diferenças de emprego das conjunções em estudo, nos quatro tipos de texto. Finalmente, expomos as conclusões a que a pesquisa chegou.

Assim, partindo da perspectiva do autor, vamos observar que, na verdade, ele, como responsável pela organização do texto, **pretende** definir os rumos de leitura do leitor, utilizando-se de diferentes recursos lingüísticos para conseguir os efeitos de sentidos desejados.

Acreditamos, assim, que a nossa investigação vem ampliar as já existentes na medida em que faz um estudo lingüístico textual discursivo das conjunções adversativas, em diferentes tipos de textos escritos da língua portuguesa, atentando para as diferenças entre tais conjunções, o que , até onde pudemos saber, não tinham sido abordadas.

# CAPITULO 1

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização deste estudo utilizamos as contribuições da Linguística Textual e da Semântica, sobretudo nos aspectos da tipologia textual, dos traços de significado e da argumentação. Apresentaremos, a seguir, alguns fundamentos teóricos a respeito das dimensões que serão base de nossas análises e por isso mesmo pertinentes para o nosso estudo.

### **1.1 - Dimensão sintática**

Lyons (apud Arrais 1988:26) define a estrutura sintática como um conjunto de regras responsáveis pela distribuição das palavras na frase, em termos de combinações possíveis de classes de palavras.

Já para Arrais (1988:26 - 28), há uma relação intrínseca entre o significado das palavras e sua distribuição na frase; não se mantém constante o significado de cada lexema, alterando as colocações desses lexemas na frase. Por essa razão, torna-se difícil traçar um limite entre sintaxe e semântica, já que a localização de cada componente é importante para aprofundar o problema da projeção do significado lexical no significado da frase. Para esse autor, na produção de uma frase a estrutura sintática e o significado soam como verso e reverso de uma mesma moeda, já que este (o significado) não se realiza sem aquela (a estrutura sintática). Assim a localização de cada componente é importante para a projeção do significado lexical no significado da frase, havendo então a interdependência entre sintaxe e semântica.

Berlinck (1997:60) diz que Votre e Naro consideram que a ordem em que um elemento aparece na frase depende do grau em que esse elemento é central ou periférico em termos comunicativos. Por exemplo, na ordem verbo mais sujeito, a informação não é dirigida para o sujeito, na verdade, a frase é apresentada como um bloco indivisível de informação relativa a um acontecimento ou a uma dada circunstância.

Estaremos considerando no nosso trabalho por diferenças sintáticas os aspectos formais, estruturais, cujas relações e regras de combinação dos elementos lingüísticos podem definir o significado do enunciado e, fundamentalmente, podem determinar os efeitos de sentido que o locutor pretende provocar em seu interlocutor. Enfim, a estrutura sintática, além de definir aspectos de relevância nos significados das relações, pode determinar também o percurso argumentativo que o locutor pretende impor ao seu interlocutor.

Concordamos com Todorov (apud Leite e Koch, 1989:17) quando afirma que uma teoria de sintaxe só será satisfatória se combinar harmoniosamente essa teoria com a teoria semântica. As questões da sintaxe e da semântica devem receber soluções complementares.

Fabri et alli (1999:3) fizeram um estudo, verificando as diferenças de emprego das conjunções adversativas **mas, porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto**, buscando explicações para as diferentes formas de estruturar o enunciado no uso dessas conjunções. Inicialmente, mostraram que o **mas** só é empregado em início da oração adversativa, o que não ocorre com as outras conjunções em estudo, cujas relações nas frases podem ocorrer em diferentes lugares como: no início da oração adversativa, após o tópico (sujeito), após o núcleo do comentário (verbo), após o tópico e o comentário, após a circunstância.

Essas posições confirmam que a direção que o autor dá à estrutura nas frases pode definir não só o significado destas, como também a orientação argumentativa e os efeitos de sentidos pretendidos por esse autor, como no exemplo retirado do estudo de Fabri et alli (1999:11):

- (1) Os Estados Unidos e a Rússia concordaram em reduzir arsenais nucleares quando assinaram o acordo Start 2 (p). A implementação da medida, **porém**, depende da ratificação pelo Parlamento russo, dominado pela oposição comunista (q).

No exemplo (1), o autor, ao colocar o **porém** após o tópico “a implementação da medida” na seqüência que representa contraste, dá realce a esse tópico e essa organização pode definir os rumos da leitura do leitor. Em p espera-se que o problema com a redução dos arsenais nucleares já esteja resolvido, já que os Estados Unidos e Rússia assinaram o acordo Start 2. Essa idéia permanece ainda no início do enunciado q, pois q é introduzido pelo tópico “a implementação da medida”, entretanto, após esse tópico, há a conjunção adversativa **porém** que instaura a contradição e que a partir daí passa-se a compreender que a situação é polêmica e não está definida: problemas poderão surgir, pois o Parlamento Russo, que tem grande maioria de oposição, ainda não ratificou; e de que adianta o acordo se a medida não for implementada? Assim o leitor pode perceber que a implementação da medida, realçada no início de q, é de suma importância para a solução do problema, e que de repente ela pode não ser concretizada, pois depende do parlamento. Observamos então que as relações sintáticas ocorridas nas frases não estão fechadas em si mesmas, elas se entrelaçam com os efeitos de sentidos, com a dimensão argumentativa, com o nível de informação e conseqüentemente com o jogo dessas relações e seus valores. Observamos na pesquisa dois aspectos em relação à dimensão sintática. O primeiro diz respeito às possibilidades de posição das conjunções adversativas na estrutura do enunciado, como apresentaram Fabri et alli (1999). Vejamos os exemplos:

A conjunção adversativa no início do enunciado (q):

- (2) Em partidas de fase classificatória, Moe registrou ao longo de 15 anos na NBA um aproveitamento de 54% de vitórias (p). **Porém** nos playoffs, fase de mata-mata, eliminatória, seu índice despencou para 39% (q). (Fabri et alli 1999:14)

Após o tópico de (q):

- (3) No Brasil, os indicadores macroeconômicos acusam elevação no volume de importações, gerando déficits crescentes na balança comercial dos últimos meses (p). O quadro, **entretanto**, já começa a se inverter, com sinais de retomada do crescimento das exportações (q). (Fabri et alli, 1999: 14 -15)

Após a circunstância de (q):

- (4) A secretaria não soube informar qual o percentual médio de redução. De acordo com sua assessoria de imprensa, o governo não sabe em quanto os atendimentos excedem o limite (p).

Em alguns hospitais, porém, a redução já ocorreu, segundo relatos dos diretores das instituições (q). (Fabri et alli, 1999:13)

Após tópico mais verbo de (q):

- (5) O Ministro da saúde, Carlos Albuquerque, concordou ontem com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, que classificou o atendimento público do Brasil de “pesadelo”(p).

Albuquerque disse, no entanto, que o comentário poderia ter sido feito pessoalmente e não por meio da imprensa (q). (Fabri et alli, 1999:21)

O segundo aspecto diz respeito aos tipos de elementos que as conjunções adversativas vão ligar e conseqüentemente a projeção de significado que a distribuição e ligação delas podem determinar. Quanto aos tipos de segmentos que elas podem ligar, vamos observar na estrutura **p adversativa q** apenas a natureza dos elementos **p**. Vamos considerar que esses elementos podem ser: **orações e trechos**, por trechos estamos entendendo que as conjunções adversativas ligam **um período inteiro ou um conjunto de períodos, um parágrafo inteiro ou um conjunto de parágrafos**. Por decisão, não será observada a natureza do tipo de segmento de **q**, uma vez que a oposição contida em **q** e dada pela adversativa sempre se projeta sobre **p**.

Observamos que no exemplo (2) a adversativa **porém**, que inicia q, relaciona-se com um período que é **p**. Em (4) e (5), **p** é um parágrafo, portanto q liga-se também a parágrafo. Buscaremos na análise observar se essas diferentes ligações alteram a orientação argumentativa e projetam de forma diferenciada o significado.

## 1.2 - Dimensão semântica

Segundo Benveniste (1995:286), o homem se constitui como sujeito na linguagem e pela linguagem. Cada locutor apropria-se da língua e designa-se como eu, instaurando a subjetividade da linguagem. A possibilidade dessa subjetividade ocorre por causa das formas lingüísticas apropriadas a sua expressão. A partir desse pensamento, desenvolveu-se no interior da Semântica Lingüística uma tendência visando à introdução, no campo de estudo da Lingüística, de fenômenos ligados à enunciação. A linguagem, segundo Possenti (1981:58), deve ser considerada como processo de interlocução, e é nesse processo que se constitui a forma lingüística adequada para veicular todos os tipos de significação.

Ducrot (1972:12) admite que as relações intersubjetivas inerentes à fala não se reduzem à comunicação (sentido estrito), ou seja, à troca de conhecimentos, mas introduz-se entre elas diversas relações inter-humanas, para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional.

Guimarães (1995: 65- 66), em seu estudo sobre o sentido, leva em consideração a história. Ele trata a questão do sentido como uma questão enunciativa em que a enunciação seja vista historicamente. A significação é histórica não só no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que é determinada pelas condições sociais de sua existência. Diante dessa concepção, o sentido só poderá ser considerado como discursivo e definido a partir do acontecimento enunciativo.

Em outro trabalho, Guimarães (1987:19), ao considerar que no enunciado há a representação de papéis diferentes do sujeito, isto é, no próprio enunciado se representa a cisão fundamental do sujeito, afirma que os recortes enunciativos, visto como “uma atividade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem - e - situação” (Orlandi, 1987:139), são sempre polifônicos. Todo enunciado contém uma dialogia interna, fundamental na constituição do sentido. O tratamento de sentido proposto por esse autor revela que os sentidos do recorte são efeitos, representados no enunciado de sua enunciação.

Guimarães ( 1987:23), ao citar Bakhtin, mostra como o fato polifônico corresponde à coexistência, em um mesmo espaço, de vozes de sujeitos diferentes. Para ele essa coexistência de vozes é histórico-social.

Outra questão importante para o nosso estudo é a dos conteúdos implícitos. Sabemos que os conteúdos expressos na língua não se apresentam somente de maneira explícita. O implícito, segundo Ducrot (1972:14-22), prende-se ao fato de que uma afirmação explicitada pode tornar-se um tema de discussões possíveis. Tudo que é dito, é reconstruído, podendo também repousar numa espécie de perspicácia do locutor, ou seja, o locutor procura trazer o destinatário para o seu jogo e dirigir a distância seus raciocínios. Para isso ele fornece ao seu destinatário os dados suscetíveis de levá-lo a esta ou aquela conclusão. Ele decide primeiro o efeito que quer obter, e em seguida busca as palavras capazes de provocá-lo.

Em nosso estudo sobre as conjunções adversativas, estaremos entendendo por diferenças semânticas todas aquelas que dizem respeito ao significado, ao conteúdo, ao valor dessas conjunções. Esse significado será estabelecido através de traços que determinarão as diferenças e semelhanças entre os valores das conjunções, orientando o seu uso em diferentes tipos de textos.

Assim, ao definirmos os traços significativos para as conjunções **mas**, **porém**, **contudo**, **entretanto**, **todavia**, **no entanto**, como de **quebra de expectativa**, **de retificação**, **de contraste**, **de negação**, esses traços serão vistos dentro de uma teoria da enunciação. Vejamos no exemplo (6):

(6) Pedro estudou muito (p), **mas** foi reprovado no vestibular (q).

O valor do **mas** nessa frase é de **quebra de expectativa**, ou seja, o primeiro enunciado - *Pedro estudou muito* - em uma determinada sociedade pressupõe sucesso, pois há vozes que assim afirmam, que convocam o leitor a esperar diante dessa afirmativa uma determinada conclusão (passar no vestibular) . Entretanto, a presença do **mas**, iniciando a seqüência do enunciado vem quebrar o esperado, propondo uma conclusão diferente, adversa daquela aguardada.

Ducrot (1981: 179) afirma que o papel da conjunção não se restringe apenas a assinalar essa oposição entre duas proposições que une, há no emprego dela todo um jogo enunciativo que envolve não só as intenções do locutor, mas também a forma como o interlocutor coloca em funcionamento esse jogo.

Neves (1984:21-24), em um estudo sobre o coordenador interfrasal **mas**, faz uma proposta de definição semântica básica para o **mas** quando essa conjunção ocorre após

pausa de final de frase. Para a autora, a noção de desigualdade é semanticamente a definição básica de **mas**. Ela propõe também que no exame das implicações semânticas existentes entre os segmentos coordenados por **mas**, se passa de uma desigualdade para o contraste, a contrariedade, e se chega à oposição, à negação, à anulação, à rejeição. Assim, temos em todo o enunciado com esse elemento algo de oposição que passa pela simples condição de desigualdade, até uma oposição máxima que é a anulação.

Neves propõe então uma bipartição de enunciados do tipo: p. **Mas** q, sendo que p nem sempre é uma frase localizável no texto anterior, podendo ser um elemento da situação. Dentro dessa bipartição que forma dois grupos maiores, poderá haver subagrupamentos.

Assim a autora apresenta o primeiro grupo como o da **contraposição**, considerando que se p e q são desiguais, q não elimina p, mas caminha em direção oposta:

(7) Vou bem (p). **Mas** você vai mal (q).

O fato de "você" estar mal não elimina o fato do "eu" estar bem, somente opõe um fato ao outro. Dentro dessa perspectiva, a autora apresenta outras possibilidades como:

1) contraste entre p e q:

(8) Creusa, certamente, não se dera ao trabalho de aparecer (p). **Mas** lá estavam Gumercindo e os outros empregados (q).

O estabelecimento do contraste nesse exemplo se faz com base em um eixo de identidade "comparecimento". Creusa não estava, mas os outros empregados compareceram, e a reunião ou o serviço (elemento implícito) pode ter acontecido.

2) Compensação entre p e q

(9) Tinha de resignar-se a tolerar, durante algumas horas, a presença de Suzana, seu olhar sardônico, as vingativas perguntas que não deixaria de fazer (p). **Mas** havia o menino, conversaria com ele (q).

A direção dos argumentos tem rumos diferentes, enquanto p é uma situação desagradável (presença de Suzana), q compensa essa situação com a presença do menino.

3) Com restrição a p, formulada em q

- (10) -Já vai para duzentos cruzeiros a sua história (p).  
 -**Mas** vale mais (q).

Nesse diálogo, há um subentendido: uma história que vale muito e contrastando a esse subentendido há uma restrição: o valor é pequeno pois a história vale mais.

Ainda dentro desse grupo de contraposição, Neves (1984:30-31) considera que p e q, sendo desiguais e q não eliminando p, podem caminhar na mesma direção:

- (11) Não reconhecera aquela voz; se tivesse reconhecido seria fácil saber (p).  
**Mas** o pior mesmo fora ele quase dando de cara com Geraldo...(q)

Q constitui um argumento iniciado por **mas** “o pior fora dar de cara com Geraldo”, que acrescido a p, “não reconhecera a voz”, na mesma direção argumentativa, se apresenta como superior.

Ou então p e q podem seguir em paralelo com direção independente à frase p. Constitui acréscimo de algo novo e marcadamente diferente:

- (12) (...) o senhor quer dizer que a morte para minha mãe seria muito melhor do que a vida (p). **Mas**... e se ela sarar (q)?

Q é um acréscimo, uma hipótese ainda não considerada (a cura da mãe pode ocorrer), já que q embora admitido é insuficiente (a morte da mãe seria melhor do que a vida).

Outro grupo exposto por Neves (1984:33-37) é o da **eliminação**, ou seja, um enunciado p. **Mas** q pode indicar que q elimina p. Esse enunciado pode trazer explícita a eliminação, como em:

- (13) Posso fumar?- pergunta Augusto (p). **Mas** logo anulou o gesto (q).

A eliminação aparece através da expressão léxica “anulou”. Ou, q pode também trazer implícita essa eliminação como:

- (14) ... o poço estava seco e era bonito o reflexo do espelinho correndo como uma lanterna pelas paredes escuras, sabe como é, não (p)? **Mas** de repente o espelho caiu e se espatifou lá no fundo (q).

O que vem expresso é a causa da qual resultou a anulação da subsequência de p ou o obstáculo causador da não seqüência de p, ou seja, o espelho caiu e se espatifou. Essas eliminações ocorreram diante de uma subsequência temporal em (13) com **logo**, e em (14) com **de repente**. A autora também apresenta a eliminação sem relação temporal pertinente entre p e q (q invalida p) como em:

- (15) Ia recolher-se aos seus aposentos, quando o telefone tocou (p). **Mas** não era Antonieta (q).

Nesse exemplo, q enuncia negativamente um subentendido de p “esperava-se um telefonema de Antonieta”.

Outras variantes da conjunção interfrasal **mas** são apresentadas pela autora, entretanto não serão apontadas aqui. Esse estudo de Neves deu suporte à nossa pesquisa no que diz respeito à abordagem semântica, pois a partir dele distribuimos as variações de significados das conjunções adversativas em quatro grupos, como veremos a seguir. Concordamos também com as observações que a autora faz sobre a impossibilidade de se determinar de forma fechada as diversas manifestações semânticas das conjunções adversativas. Na verdade, a nossa análise poderá ocorrer através de aproximações. Observamos ainda que estamos levando em consideração todas as ocorrências dessas conjunções, independente de sua localização na frase: início, meio ou fim.

Em nossa pesquisa propomos quatro variações básicas de significado para as conjunções adversativas em estudo:

**1) negação** → na forma de p **mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ no entanto/ porém** q, encontramos que q elimina, anula p, como em:

- (16) Preparou-se para fazer o discurso(p), **mas/ porém/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto** não o deixaram falar.(q)

Em (16) mesmo com o discurso preparado, não foi possível realizá-lo, pois não deixaram. Percebemos que q nega p na medida em que declara que a ação (de apresentar o discurso) não pôde ser concretizada.

Observamos também que a negação pode ocorrer em q, instaurando uma discordância entre p e q, como em (17):

(17) Ficou na fila do banco por uma hora (p), **mas/ porém/ entretanto/...** não conseguiu pagar a duplicata (q).

Mesmo tendo ficado na fila do banco por um bom tempo, não conseguiu realizar o que pretendia: pagar a duplicata. Observamos que q contrapõe-se à p através de uma negação que ocorre em q.

**2) retificação**→ o enunciado q corrige, retifica o enunciado p, não eliminando-o, como no exemplo (18):

(18) O namorado de Maria não é bonito(p),  **todavia/ mas/ porém/ contudo/...** é inteligente e isso basta (q).

A oração iniciada pela conjunção adversativa estabelece uma correção em relação à precedente, ou seja, não se elimina a idéia anterior (o fato de o namorado não ser bonito), apenas a retifica, levando em consideração um outro atributo do namorado, ser inteligente.

Vogt (1989:104), em colaboração com Ducrot, considera que essa construção com o **mas**, que vem sempre precedida de uma proposição negativa, ( não p mas q), apenas, retifica substituindo aquela que nega, sem permitir uma descrição polifônica.

**3) quebra de expectativa**→ a seqüência de q quebra a expectativa da seqüência p, há um conhecimento de mundo partilhado que é pressuposto e quebrado a partir da oração iniciada pela conjunção adversativa, como em:

(19) Ele veio à festa (p), **mas/ contudo/ porém/...** ficou de fora (q).

(20) Ele estudou muito (p), **mas/ entretanto/ no entanto/...** foi repovado no vestibular (q).

As expectativas implícitas em p dos exemplos (19) e (20) são: já que foi à festa deve entrar; já que estudou muito deve passar, entretanto não é isso que ocorre e o que era esperado a partir de p é quebrado nas seqüências q introduzidas pelas conjunções adversativas, ou seja, ficar de fora (portanto não participar da festa) e ser reprovado (mesmo que tivesse estudado).

**4) contraste:** considera que q não elimina p apenas distingue-se:

(21) Pedro é muito educado, **entretanto/ contudo/ todavia/...**(p) seu irmão é um estúpido, está sempre ofendendo às pessoas (q).

Em (21) observamos que a oração (q) introduzida pela conjunção adversativa não apresenta nenhuma quebra de expectativa em relação à idéia anterior, mas simplesmente diferencia uma da outra, isto é, entre os irmãos: um é educado, já o outro, com gênio diferente, é bruto, trata mal às pessoas. Percebemos também que no contraste, entre os dois enunciados, há uma mesma característica (ser educado) que se presta a uma comparação.

Na dimensão semântica, as análises das ocorrências das conjunções adversativas nos textos em estudo serão feitas a partir dessas quatro variações de significados: **negação, retificação, quebra de expectativa e contraste.**

### 1.3 - Dimensão argumentativa

Para Geraldi (1981:65), a argumentatividade é um modo corrente de interação, pois aquele que argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro com o alvo de modificá-las (ou aumentar a adesão para tais convicções). Quando um locutor, por seu discurso, procura intervir nos julgamentos, opiniões, preferências de seu

interlocutor, ele o faz pela argumentação, que é estabelecida no seu discurso. Dessa forma, a argumentação é uma atividade de estruturação lingüística de fatos, dados.

Ducrot (1981:178-179) afirma que muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa que objetiva levar o destinatário a determinadas conclusões ou delas desviá-lo. Essa função possui marcas próprias na estrutura do enunciado, ou seja, o valor da argumentação de uma frase não é somente uma consequência das informações que essa frase traz, mas ela pode comportar diversos morfemas, expressões, ou termos que, além do seu conteúdo informativo, também servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, conduzir o destinatário a uma determinada direção.

Ele diz ainda que para a seqüência lingüística A mas B tende-se a tirar de A uma certa conclusão  $r$ , entretanto não se deve fazê-la, pois B, tão verdadeiro quanto A, sugere a conclusão não r. Assim o enunciado A mas B supõe que para os interlocutores existe ao menos uma proposição  $r$  para qual A é um argumento e B é um contra-argumento. Há então no próprio enunciado uma alusão a uma caracterização argumentativa das proposições que o constituem. A utilização argumentativa faz parte do próprio valor do enunciado.

Guimarães (1981:98) observa que o locutor especifica pela estrutura argumentativa condições de relevância pelas quais uma frase se encadeia com outra produzindo um texto. Um argumento de onde se tira uma conclusão surge a partir de uma estratégia de relação, isto é, a indicação do locutor de como o destinatário deve ler o seu texto. O elemento lingüístico é então estabelecido de tal forma que as sentenças são articuladas para tentar conduzir o leitor a uma determinada leitura.

A escolha entre A, embora B (embora B, A) ou A mas B é uma escolha entre duas formas de relações diferentes com o interlocutor, ou seja: usar A embora B, (embora B, A) é especificar que a frase que lhe seguir considera o que foi dito em A e não em B, isto é, deve considerar a conclusão  $r$  e não a conclusão  $\sim r$ . Já a construção A mas B especifica que a frase que lhe seguir deve considerar o que foi dito em B e não o que foi dito em A, deve considerar a conclusão  $\sim r$  e não a conclusão  $r$ . O que se observa é que há uma ordenação dos argumentos em uma escala argumentativa, ou seja, os enunciados que apóiam uma conclusão estabelecida com base numa avaliação feita pelo locutor da força desse apoio, são hierarquizados por ele, locutor.

A respeito dessa hierarquização Ducrot(1981:181) diz:

“enunciar uma frase do tipo **p e/ou mesmo p'**, é sempre pressupor que existe um certo **r**, que determina uma escala argumentativa em que **p'** é superior a **p**. No exemplo: ‘ele tem doutorado do 3º ciclo (p) e mesmo doutorado de Estado (p')’, pressupõe-se que uma certa conclusão (talvez a competência da pessoa ou o seu conformismo) pode ser autorizada simultaneamente por esses dois títulos, e mais pelo 2º do que pelo 1º. Assim o emprego de tal enunciado não supõe que os dois diplomas tenham nos enunciados propostos uma mesma orientação argumentativa comum. Há uma relação de sentido mais forte ou mais fraca dos conteúdos”.

Essa relação de força entre um enunciado e outro é o que Ducrot chamou de escala argumentativa e que conduz a orientação do discurso. Ainda para esse autor, na escala argumentativa a segunda parte da frase **p mas q**, como no exemplo (22), não apaga o caráter negativo da apreciação, mas lhe justapõe uma apreciação positiva, a coordenação por **mas** indica que o segundo argumento, orientado no sentido inverso do primeiro, deve ser considerado como mais determinante.

(22) Ele não foi bem sucedido no bacharelado (p), **mas** é um dos rapazes mais inteligentes que eu conheço (q).

Ilari e Geraldi (1995:79) afirmam que não basta observar que há uma classe de argumentos a favor da tese defendida pelo locutor, o que deve ser observado é que esses argumentos se organizam segundo uma hierarquia, ou, de acordo com a semântica argumentativa, segundo uma escala, como vemos no exemplo (23):

(23) **Até** o governador compareceu ao enterro do bombeiro que morreu em serviço.

O papel específico de **até** é apontar que o resto da oração verbaliza um argumento que, numa hierarquia admitida pelo locutor e em relação à conclusão visada, tem posição elevada. Geraldi (1981:66), apontando para uma outra questão, evidencia a importância que assumem as imagens que o locutor faz a propósito das convicções de seu interlocutor diante do que se trata. Tais imagens determinarão as escolhas dos argumentos,

assim como a sua hierarquização, que estarão em jogo em seu discurso, e também os contra-argumentos a que rebaterá.

Travaglia (1997: 180) mostra-nos que a argumentatividade tem a ver com a relação dos recursos lingüísticos, com a intenção comunicativa em uma situação de interação e apresenta vários exemplos entre os quais selecionamos o seguinte:

- (24) a - Eu não fiz os exercícios **porque** estava doente.  
 b - Eu não fiz os exercícios **mas** estava doente.

Em (24), temos duas orações de tipos diferentes expressando a causa de o falante não ter feito os exercícios. Em (24 a), uma causal: o falante não tem nenhum pressuposto sobre o fato de o interlocutor ter alguma opinião sobre a razão pela qual ele não fez os exercícios e pretende tão somente informar a razão por um motivo qualquer (gentileza, para não ser punido já que a causa é justa). Em (24 b), uma adversativa: o falante pressupõe, ou sabe, por qualquer motivo (ele sabe o conceito em que o professor o tem ou alguém lhe relatou um comentário do professor) que o interlocutor julga que ele não fez o exercício por alguma causa que não será aceita como explicação, por exemplo, preguiça. Nesse caso, a causa é apresentada através de uma adversativa a fim de criar uma oposição argumentativa, rebatendo aquela pressuposta ou considerada pelo interlocutor.

O que observamos é que entre as duas maneiras de apresentar uma causa, há uma diferença argumentativa calcada na visão que o falante tem de seu interlocutor. O emprego do **mas**, altamente argumentativo, significa a oposição a uma imagem implícita que o locutor faz do seu interlocutor.

Koch (1992b:29-31) afirma que ao interagirmos pela linguagem procuramos atuar sobre nosso interlocutor na espera de determinadas reações. Esse processo ocorre, porque, no uso da linguagem, orientamos os nossos enunciados para certas conclusões, ou seja, dotamos esses enunciados com força argumentativa. A língua, diz a autora:

“ possuí, em sua gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados: a argumentatividade, diz Ducrot, está inscrita na própria língua. É a esses mecanismos que se costuma denominar marcas lingüísticas da enunciação ou da argumentação”. (Koch-1992b:29)

Sobre essas marcas, que são responsáveis pela estruturação do texto, pela orientação discursiva, temos um outro trabalho de Koch (1992a:85-94) que examina os principais conectores interfrásticos e distingue dois tipos básicos de elementos de conexão interfrástica: os do tipo lógico e os do tipo discursivo. Os primeiros têm a função de apontar o tipo de relação lógica que o locutor estabelece entre o conteúdo de duas proposições em um único enunciado, um ato de fala único como, por exemplo:

(25) **Se** devolver o dinheiro no dia determinado, **(então)** não pagará multa.

Observamos duas proposições: uma introduzida pelo conector **se** (antecedente) e outra por **então** (conseqüente), estabelecendo uma relação em que se afirma; sendo o antecedente verdadeiro, o conseqüente também o será: “devolvendo o dinheiro em tal dia (não se questiona, não há outra voz), conseqüentemente a multa será liberada”.

Já os encadeadores do tipo discursivo estruturam os enunciados dos textos por meio de encadeamentos sucessivos, resultantes de atos de fala diferentes. Esse encadeamento pode ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto. Isso justifica a denominação dada aos conectores desse tipo de operadores ou encadeadores de discurso.

Esses conectores denominados encadeadores de discurso e responsáveis pela estruturação do texto e sua orientação discursiva se dividem em operadores argumentativos e operadores de seqüencialização. Estes têm duas funções: a) de exprimir a ordenação relativa dos estados de coisas a que se referem, segundo o locutor teve a percepção ou o conhecimento de um dado estado de coisa no mundo relatado, que é a seqüencialidade temporal expressa por operadores como antes, depois, primeiro, por fim, etc; b) de assinalar a ordem segundo a qual os assuntos abordados no texto são apresentados e desenvolvidos, que é seqüencialidade textual. Quanto aos operadores argumentativos (Koch, 1992a:90-92), pode-se dizer que eles são responsáveis pela orientação discursiva global dos enunciados que encadeiam, com valor essencialmente argumentativo, orientam o sentido do texto em uma dada direção. São marcas lingüísticas fundamentais na enunciação. Para Koch, segundo a relação que estabelecem, dividem-se em:

1) Operadores de conjunção como: **e, não só... mas também, tanto, além disso, além de, ainda, nem** (igual a “e não”), que adicionam enunciados cujos conteúdos constituem argumentos a favor de uma mesma conclusão:

- (26) O candidato apresentou propostas concretas de governo, **além disso**, revela pleno conhecimento dos problemas da população. É sem dúvida o melhor candidato.

A favor da conclusão de quem é o melhor candidato, há a soma de dois argumentos conectados pelo operador de conjunção **além disso**: apresentação de propostas concretas e pleno conhecimento dos problemas da população.

2) Operadores de disjunção argumentativa com orientações discursivas diferentes resultantes de dois atos de fala distintos. A orientação é estabelecida pelos operadores **ou, ou então**:

- (27) Faça o que foi combinado. **Ou** você se esqueceu de sua promessa.

Há nesse enunciado duas falas distintas: uma que ordena e outra que cobra uma promessa. A conexão entre elas ocorre através do operador de disjunção **ou** que além de argumentativo tem também um caráter pragmático: a cobrança.

3) Operadores de contração que pertencem a área semântica de oposição, tais como: **mas, porém, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, embora, apesar de**, etc, se opõem a algo explícito ou implícito em enunciados anteriores.

- (28) Todos participaram das comemorações, **mas** muitos discordaram delas.

A primeira parte do enunciado conduz o leitor a concluir que as comemorações foram satisfatórias, já que todos participaram, entretanto a seqüência aponta para uma conclusão diferente, instaurada pelo operador de contração **mas**: a discordância das comemorações.

4) Operadores de justificativa ou explicação: **pois, que, porque**, através dos quais se introduz um ato de justificativa ou de explicação do conteúdo ou do ato de fala de um enunciado anterior.

- (29) Deve ter faltado energia, **pois** a geladeira está descongelada.

Observamos aqui que não se trata de uma relação de causa e conseqüência entre os conteúdos de duas proposições, expressos por meio de um único ato de fala, mas tem-se um segundo enunciado resultante de um novo ato de fala, que visa a justificar o anterior: descongelamento explica porque se afirma a falta de energia, funcionando como evidência para se afirmar.

5) Operadores de conclusão: **portanto, logo, então, por conseguinte**, que introduzem um enunciado de valor conclusivo em relação a dois atos de fala anteriores, um dos quais geralmente fica implícito.

(30) José é indiscutivelmente honesto, **portanto** é a pessoa indicada para assumir o cargo de tesoureiro.

O enunciado incorpora dois atos de fala explícitos; um que afirma sobre a honestidade de José e um outro que argumenta conclusivamente ser o José o indicado para assumir o cargo de tesoureiro e ainda um outro implícito, de consenso em uma sociedade, de que as pessoas honestas são indicadas para o cargo de tesoureiro.

6) Operadores de comparação que estabelecem entre dois termos uma relação de comparação, são eles: **(tanto tal) ... como, mais...(do) que, menos ... do que**, e possuem um caráter por excelência argumentativo. Koch (1992a:93) mostra que segundo Vogt a estrutura argumentativa analisa-se sempre em termos de tema e comentário, apresentando-se este como argumento em relação àquele. Assim, no enunciado:

(31) João é mais alto que Pedro.

Se Pedro for o tema, por exemplo, em resposta a uma pergunta como: Pedro é capaz de alcançar aquele galho? A argumentação será desfavorável a Pedro, podendo ser parafraseada assim: Não Pedro, mas João é capaz de alcançar aquele galho.

Em um outro estudo, Koch (1992b:31-38) examina outros tipos de operadores:

7) Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão: **até, mesmo, até mesmo, inclusive**, como no exemplo:

- (32) A apresentação foi coroada de sucesso: estiveram presentes personalidades do mundo artístico, pessoas influentes nos meios políticos e **até ( até mesmo, inclusive)** o Presidente da República.

O sucesso da apresentação foi realmente enorme, pois contou **até** com a presença do Presidente - o **até** assinala um argumento mais forte que orienta para uma conclusão.

8) Operadores que têm por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos: **já, ainda, agora**, etc:

- (33) Paulo **ainda** mora no Rio.

Há o pressuposto com o operador **ainda** de que Paulo morava lá antes.

9) Operadores que se distribuem em escalas opostas: afirmação total, ou negação total: **um pouco** e **pouco**:

- (34) Ela estudou **um pouco** para o vestibular.

Se estudou um **pouco** tem a possibilidade de passar no vestibular.

- (35) Ela estudou **pouco** para o vestibular.

Em (35), o operador **pouco** aponta para as poucas chances que a estudante tem de passar no vestibular, podendo provavelmente ser reprovada.

Dessa forma, esses operadores discursivos têm por função estruturar, através de encadeamentos, os enunciados em textos, orientando o seu sentido em uma determinada direção argumentativa.

Entre todas essas relações apresentadas por Koch, responsáveis pela estruturação argumentativa do texto, apenas a relação com os operadores de contrajunção será nosso objeto de investigação.

Assim, observar a dimensão argumentativa no corpus do trabalho será observar o conjunto de instruções utilizadas pelo locutor que vão permitir um percurso do leitor por caminhos diversos e possíveis em suas leituras e se os conectores (conjunções) em estudo têm diferenças do ponto de vista de como estruturam a argumentação no enunciado.

## **1.4 - Dimensão informacional**

Para desenvolvermos as questões que envolvem a dimensão informacional, é necessário correlacionar os fenômenos lingüísticos com o tipo de informação transmitido por uma oração e/ou contexto em que o mesmo aparece.

Braga e Silva ( 1984:28-29 ) afirmam que, de acordo com Halliday, os textos falados em inglês se estruturam a partir de “unidades de informação”, que podem ser constituídas por uma ou mais cláusulas, e que nessa estrutura encontra-se o foco da informação. Esse foco é uma espécie de ênfase através da qual o falante identifica que parte da mensagem será interpretada como informativa, assim, o que é focal é “new” (novo). Ele diz que uma informação é nova não porque não foi mencionada previamente, apesar de isso ser freqüente, mas porque o locutor a apresenta como não sendo recuperável a partir do texto precedente que contém a informação dada. Temos então uma estrutura da unidade de informação formada pelo “given”, dado e pelo “new”, novo.

Para Chafe (apud Braga e Silva 1984:29), a noção de consciência é o elemento mais importante para decidir se uma mensagem é “given” (old) = dada ou “new” = nova. Informação dada é o conhecimento que o falante assume estar na consciência do ouvinte no momento da enunciação, enquanto que a informação nova é aquela que o falante supõe estar introduzindo na consciência do ouvinte através do que se diz. Ainda para esse autor, o dado é estabelecido na consciência do ouvinte pelo contexto extralingüístico e/ou lingüístico, pois falante e ouvinte podem encontrar-se no mesmo contexto físico, compartilhando do mesmo campo perceptível ou, então a informação poderá estar na consciência do falante porque foi mencionada previamente.

Diante disso, entendemos que as diferenças informacionais fazem parte da estrutura da frase, do texto, tendo em vista a informação dada e a nova que nela aparecem.

Como a relação entre locutor e interlocutor é interacional é preciso inicialmente levar em consideração a informação que um dos participantes queira dar e também a perspectiva que se toma dessa informação como, por exemplo, se uma informação é consenso em uma dada sociedade:

(36) Não tenho dinheiro (p), **mas** vou comprar um carro (q).

A adversativa aparece contrariando algo de consenso, de conhecido, de dado, pois o fato de não ter dinheiro, na consciência do interlocutor, significa não poder comprar, e a compra de um carro significa endividar-se, o que é um problema. A informação nova também traz um grau de expectabilidade, dependendo da escolha das construções e das conjunções que serão usadas pelo locutor.

No exemplo a seguir, Travaglia (1997:181-189) constata através do emprego das conjunções **porque, como, já que, uma vez que, visto que (como)** que a escolha entre uma e outra conjunção pode alterar o nível de informação pretendido e a força argumentativa.

(37) a . Eu não fiz os exercícios (p), **porque** estava doente (q).  
b. **Como** eu estava doente (p), não fiz os exercícios (q).

Em (37 a), ao iniciar a oração com a conjunção **porque**, o locutor apresenta a causa como uma informação nova (não conhecida pelo seu interlocutor), também como uma entre muitas causas possíveis que justifica “não fazer os exercícios”. Em (37 b), ao iniciar a causal com a conjunção **como**, o locutor apresenta a causa como informação conhecida, lembrando ou referindo a causa determinante já sabida do interlocutor. Considere-se os exemplos (38) e (39):

(38) a. **Já que** eu estava doente (p), não fiz os exercícios(q).  
b. **Uma vez** que estava doente (p) não fiz os exercícios (q).

(39) **Visto que (visto como)** eu estava doente (p), não fiz os exercícios (q).

Nos exemplos (38 a, b), a causa é apresentada como informação conhecida, indicando que em vista da causa é de razão que se verifique a conseqüência. Diz Travaglia que é “como se houvesse um consenso entre os interlocutores de que aquela causa justifica aquela conseqüência”. **Uma vez que**, ao introduzir uma informação conhecida, não admite contestação por ser consenso e **já que** tem ainda mais força argumentativa por acrescentar uma idéia também de aceitação consensual da causa a que o interlocutor não pode escapar.

No exemplo (39), a informação conhecida é dada na causa, e é enfática, isto é, **visto que** ou **visto como** faz sobressair a idéia de que aquilo que é dito na oração principal é devido à consideração do que é dito na oração causal. Do ponto de vista argumentativo, a informação dada, conhecida dos interlocutores que aparece na causa não admite refutação, além disso, não pode ser negada (só se nega a informação nova).

Koch (2000: 23-24) confirma que a informação semântica que o texto contém distribui-se em dois blocos: o “dado” e o “novo”, e que a construção de sentido dependerá da disposição e da dosagem desses dois blocos.

A função da informação dada é estabelecer pontos de ancoragem para a informação nova. Essa informação nova faz remissão, freqüentemente, a conteúdos de consciência estocados na memória dos interlocutores, que, a partir de pistas encontradas na superfície textual, são (re) ativados pela inferenciação.

Ainda para essa autora, com a ancoragem na informação dada, a progressão textual é operada através da introdução de informação nova, estabelecendo-se, assim, as relações de sentidos. Quanto às relações adversativas, parece-nos que a informação nova aparece na oração introduzida pela conjunção **mas**. Vejamos os exemplos (40) e (41).

(40) Estava doente (p), **mas** fez os exercícios (q).

(41) O namorado de Marta não é bonito(p), **mas** é muito educado(q).

Em (40) é de se esperar que quem está doente, está incapacitado para realizar tarefas, entretanto a seqüência da frase quebra essa expectativa e apresenta uma informação diferente da esperada, daquela já estabelecida na consciência do interlocutor (estar doente pode significar não fazer exercícios). Em (41) observamos que o **mas** introduz uma oração que retifica, ou seja, q corrige p, e ao corrigir acrescenta uma informação ainda não apresentada ao leitor, que pode levar a uma conclusão implícita: apesar de não possuir atributos físicos, o namorado de Marta possui outro atributo importante, o de ser educado, portanto ele pode ser um bom partido.

Em um estudo sobre tópico/comentário e orientação discursiva, Geraldi (1981:72-79) diz que a continuidade de um discurso se desenvolve em um movimento duplo: de retorno e de avanço. Retorno porque o já dito é re-significado, e seus possíveis sentidos são delimitados, especificados. Avanço, porque se constitui como novo tópico da enunciação seguinte, com novas possibilidades.

O avanço e o retorno ocorrem em enunciados lingüísticos que possuem duas variáveis: um tópico (tema) que é emitido com base em um motivo e um comentário (propósito) que faz com que o interlocutor conheça o propósito de algo. Essa articulação tópico/comentário é estabelecida na coordenação de enunciados: em frases coordenadas, a segunda oração retoma a primeira como seu tópico:

(42) Está chovendo (p), **portanto** não sairemos (q).

O conteúdo posto em p (chovendo) é retomado por q que dá uma orientação argumentativa a partir do conector **portanto**, levando o interlocutor a uma conclusão esperada e estabelecendo através desse comentário (portanto não sairemos) uma informação nova que pode possibilitar a continuidade do discurso como no exemplo:

(43) Está chovendo (p), **mas** sairemos (q).

O conteúdo posto em p é retomado por q com uma orientação argumentativa diferente da esperada, já que “chuva” pode ser um impedimento para sair. A partir da adversativa **mas**, estabelece-se um comentário que avança com uma informação nova, possibilitando a continuidade do discurso.

Dessa forma, vai se construindo o discurso com os comentários aos tópicos que preenchem espaços e resignifica-os, transformando-os em argumentos informativos.

Nas nossas análises, iremos investigar se as orações iniciadas pelas conjunções adversativas trazem novas informações ou não, e se o comentário que elas introduzem colaboram realmente para dar continuidade ao texto.

## 1.5 - Dimensão pragmática

Para Koch (1984: 88-89), a linguagem deve ser vista como uma forma de ação tipicamente humana, social e intencional. Diante disso, deve-se admitir que no efetivo uso da linguagem, os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos se encontram integrados. Isso significa que traços pragmáticos exerçam interferência direta tanto no nível semântico, quanto no nível sintático. A autora afirma ainda que não se pode considerar como extralingüísticos os fatores de ordem pragmática.

Em um outro estudo sobre estratégias pragmáticas de processamento textual, Koch (1996: 35-38) diz que a pragmática é o estudo da língua em contexto, devendo-se levar em conta, além da situação comunicativa propriamente dita, também os propósitos, as convicções, as crenças dos usuários da língua e os papéis dos interlocutores.

A teoria Pragmática, para Van Dijk (1981:166-266), considera os usos sistemáticos das elocuições como um tipo particular de ações sociais. O principal propósito da Pragmática é especificar as condições sob as quais uma elocução funciona, ou se considera um ato de fala. Para Searle (1984:26-28), falar uma língua é executar atos de fala, como: fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer promessas, etc. Toda comunicação lingüística envolve atos de fala. Esse ato de fala é apropriado a algum contexto, que pode ser definido como uma série de características de uma situação do discurso, como crenças, desejos, avaliações de falantes e ouvintes. Van Dijk observa também que a distinção precisa entre relações de conexão no nível semântico e pragmático parece sutil.

Em um outro capítulo, esse autor emprega o termo conectivo pragmático para diferenciar dos conectivos de uso semântico. Os pragmáticos expressam relações entre atos de fala, ao passo que conectivos semânticos expressam relações entre fatos denotados. Ele defende que os conectivos pragmáticos são freqüentemente iniciais em sentenças, seguidos por uma pausa e expressos com entonação específica, na linguagem falada. Entretanto, os traços semânticos, na análise dos conectivos pragmáticos, podem estar presentes, dificultando, às vezes, a separação entre uma análise e outra. Vejamos os exemplos:

(44) a. Yesterday we went to the movie **and** afterwards we went to the pub for

a beer.( Ontem nós fomos ao cinema e depois fomos a um bar para uma cerveja)

b. Why didn't Peter show up? **And**, where were you that night? (Por que Peter não apareceu? E, onde você esteve aquela noite?)

Em (44a ), a conjunção **and** (e) tem um uso semântico: ela expressa uma relação de soma entre dois fatos ordenados no tempo. Já em (44b), a conjunção inicial **and** (e) é usada para indicar que o falante quer adicionar algo ao primeiro ato de fala, e também que ele tem uma outra pergunta a ser feita. Sua função é caracterizada pela idéia de continuação entre atos de fala, ou entre movimentos em turnos de uma conversação.

Nesse mesmo estudo, Van Dijk diz que os conectivos semânticos têm certas implicações pragmáticas, por exemplo, para p **mas** q há uma condição que usualmente implica ~ r. Vejamos:

(45) Harry was ill, **but** he came to the meeting anyway.(Harry estava doente, **mas** veio à reunião assim mesmo)

Estar doente é uma razão normal para não participar de encontros e por isso o **but** (mas) pode ser empregado. O nosso conhecimento sobre encontros e sobre a doença gera certas expectativas que o falante assume e que são divididas com o ouvinte, requerendo, dessa forma, o uso de **but**. Nesse caso, essa forma de implicação usual é baseada em um conhecimento de mundo e expectativas específicas do falante e do ouvinte sobre ter q quando p é dado. Além da quebra de expectativa instaurada pelo **but** (mas), há um julgamento, por parte do interlocutor, da atitude de Harry, provocado pelo seu “esforço, compromisso” em ter comparecido à reunião mesmo doente. No exemplo a seguir, o **but** (mas) questiona condições no diálogo:

(46) a.Can you tell me the time?(Você pode me dizer as horas?)

b. **But**, you have a watch yourself.(**Mas**, você não tem um relógio?)

A função pragmática de **but** (mas) no diálogo é indicar que o falante não aceita um ato de fala prévio, questionando uma de suas condições. Nesse exemplo, o significado contrastivo pertence ao ato de fala, diz respeito à ação. Ao apresentá-lo, Van Dijk diz que o falante *b* não aceita a solicitação feita por *a* e questiona a situação de alguém não poder desempenhar o pedido sobre ele mesmo. Assim, a função pragmática de **but** no diálogo indica que o falante não aceita o ato de fala anterior, questionando a significação das suas condições. Nesse exemplo, a conjunção adversativa atua no plano da ação, do pragmático e não no plano do conteúdo, do semântico.

Em (47) observamos que o **but** pragmático não liga somente atos de fala de diferentes falantes. Vejamos:

(47) Yes, I'll buy a mink coat. **But**, I must first ask my boss for a promotion.  
(Sim, eu comprarei um casaco de pele. **Mas** eu tenho que primeiro pedir uma promoção ao meu chefe.)

O mesmo falante pode concatenar seu ato de fala por **but** (mas), a fim de marcar uma não satisfação de condições ilocucionárias, ou para enfatizar que um ato de fala prévio se sustenta sob circunstâncias específicas. No exemplo (47), o segundo ato de fala não somente restringe o anterior, mas ao mesmo tempo envolve nele aspectos semânticos: a ação denotada pela segunda sentença pode ser uma condição para a ação prometida, denotada pela primeira.

A maioria dos conectivos pragmáticos pode ser designada com uma função em termos de satisfação de condições para o ato de fala antecedente ou subsequente. Um falante somará, questionará, atacará uma dessas condições, ou mesmo o ato de fala como um todo. As variações podem ser estilísticas, retóricas e conversacionais: alguma forma será mais educada, mais agressiva do que a outra forma.

Ainda para Van Dijk (1981:279), as conjunções podem ser empregadas para uma correção como em:

(48) You want a sandwich? **Or**, aren't you hungry?(Você quer um sanduíche?  
**Ou**, você não está com fome?)

Através do conectivo pragmático **or** (ou) há uma correção, com forma de suspensão momentânea do ato de fala precedente. O ouvinte então deve reagir, considerando esse ato de fala precedente como negativo ou positivo.

Enfim, para esse autor, há sempre um ato de fala principal, que é modificado por um outro ato de fala, introduzido pelo conectivo pragmático.

O nosso estudo observa quais os usos pragmáticos que ocorrem com as conjunções adversativas em estudo, se há diferenças nesses usos entre as conjunções e também em que tipo de textos esses empregos se manifestam com mais frequência.

Após a visão teórica das dimensões que nortearão nossas análises, apresentaremos matrizes teóricas dessas dimensões, possibilitando uma visão espacial desse nível teórico pelo qual o trabalho está pautado, e em seguida apresentaremos informações diacrônicas sobre as conjunções em estudo. Esse estudo dará suporte para a análise das ocorrências na verificação das variações de emprego, em diferentes tipos de texto.

## **1.6 - Matrizes Teóricas I**

### 1.6.1. Matriz teórica da dimensão sintática

<b>POSSIBILIDADES DE POSIÇÃO</b>	<b>TIPOS DE ELEMENTOS</b>	<b>REGULARIDADES</b>
--------------------------------------	-------------------------------	----------------------

No início do enunciado (q) Após o tópico de (q) Após o comentário de (q) Após a circunstância de (q) Após tópico + comentário de (q)	(p) adversativa (q)	(p) adversativa (q)
<b>TIPOS DE SEGMENTOS DA ESTRUTURA (P)</b>	<b>TIPOS DE ELEMENTOS</b>	<b>REGULARIDADES</b>
Orações Trechos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Período</li> <li>• Conjunto de períodos</li> <li>• Parágrafo</li> <li>• Conjunto de parágrafos</li> </ul>	(p) adversativa (q)	(p) de diferentes naturezas, adversativa (q)

### 1.6.2. Matriz teórica da dimensão semântica

<b>TRAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>	<b>VARIAÇÕES DE SIGNIFICAÇÃO</b>	<b>REGULARIDADES</b>
Quebra de expectativa	(q) quebra a expectativa de (p)	Conhecimento de mundo partilhado
Retificação	(q) retifica (p)	... não p, adversativa q
Contraste	(q) não elimina (p)	(q) apenas distingue-se de (p)
Negação	(q) nega, anula (p)	(p), adversativa não (q)

### 1.6.3. Matriz teórica da dimensão argumentativa

<b>NATUREZA</b>	<b>TIPO DE RELAÇÃO</b>	<b>REGULARIDADES</b>
-----------------	------------------------	----------------------

Operadores argumentativos Encadeadores do discurso	Contrajunção	Adversidade a algo explícito ou implícito nos enunciados anteriores
---	--------------	---

#### 1.6.4. Matriz teórica da dimensão informacional

TIPO DE INFORMAÇÃO	NATUREZA DO CONTEXTO	UNIDADES DE INFORMAÇÃO
Informação dada	Conhecimento partilhado	Cláusulas
Informação nova	Conhecimento introduzido	Foco de informação

#### 1.6.5. Matriz teórica da dimensão pragmática

NATUREZA	TIPO DE RELAÇÃO	SÉRIE DE CARACTERÍSTICAS
Conectivos pragmáticos	Inter-relações entre atos de fala	Situações do discurso Crenças Desejos Avaliações

### 1.7 - Conjunções adversativas – informações diacrônicas

Para verificarmos as diferenças existentes no emprego das conjunções adversativas **mas, porém, contudo, entretanto, no entanto e todavia** decidimos buscar informações na origem dessas conjunções, pois achamos que alguns fatos sintáticos ou semânticos ou de outra natureza poderiam ser explicados, tendo em vista a origem delas. As nossas referências são Nascentes (1966) e as pesquisas de Barreto (1999a: 76-100) que utilizou um corpus constituído por três sincronias diferentes: a) o português arcaico: textos em prosa do século XIII ao XV; b) o português moderno: textos dos séculos XVI e XVII e c) o português contemporâneo: textos de língua falada, século XX. Vejamos as informações que julgamos fundamentais.

**Contudo** (da prep. com do lat. cum + indef. tudo, do lat. todum); conjunção coordenada adversativa; séculos XVII, XX. Apresenta as variantes **cõ tudo** e **con tudo** e

ocorre em textos do século XVI como reforço adverbial adversativo, quase sempre precedida da conjunção **e**. No século XVII, **contudo** já ocorre como conjunção adversativa, iniciando orações com verbos no indicativo, comportamento sintático conservado no português contemporâneo. Seu emprego é mais comum em textos de registro formal ou literário, entretanto ocorre na língua falada, em Portugal.

**Entanto** (da preposição em + indefinido tanto, do indefinido latino tantu); conjunção coordenativa adversativa; século XVI. No português contemporâneo, apresenta a forma **no entanto**, que ocorre, freqüentemente, na língua escrita ou falada. No português falado de Portugal é empregado, por vezes, como reforço adverbial, precedido da conjunção adversativa **mas**, emprego que é normal também no português falado do Brasil. Aparece também como intantun, **por isso**.

**Entretanto** (da preposição entre, do latim inter + tanto, do latim tantu -); conjunção coordenativa adversativa; séculos XVI, XVII, XX. Ocorre em posição inicial no período, introduzindo uma oração com verbo no indicativo. É, hoje, mais empregada na língua escrita. O português falado emprega, comumente, a forma **entretanto que**.

**Mas** (do advérbio latino magis); conjunção coordenativa adversativa, séculos XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XX. Indica contrajunção, apresenta, no português arcaico, as variantes: mays ~ mais ~ mas e opõe, como também no português contemporâneo, sintagmas, sentenças independentes com verbos no indicativo e no subjuntivo. Ocorre ainda como encadeador da narrativa, abrindo um bloco de idéias diversas das que foram expostas anteriormente. No português contemporâneo aparece opondo a itens lexicais, é a única conjunção adversativa que só pode ocorrer no início de uma oração ou de um enunciado. Aparece também na língua falada. O valor adversativo do **mas** parece ter-se firmado a partir do século XVI.

**Todavia** - (de toda, do latim, tuta + via, do latim via); conjunção coordenativa adversativa; século XV, XVI, XVII, XX. Apresenta-se, no português arcaico, como reforço adverbial adversativo, precedida do **e**, significando ‘sempre’, ‘constantemente’, ‘de toda maneira’ na forma gramaticalizada  **todavia** ocorre no século XIII, como advérbio significando ‘sempre’ e, no século XV, como conjunção adversativa, com o valor de **contudo**. Entendemos forma gramaticalizada como apagamento semântico, condensação, modificação do item lexical que passa a ter valor e função gramatical, ou seja, a passagem de um lexema a gramema ou de um gramema para função ainda mais gramatical.

Outra explicação: da aglutinação toda + via significou primeiro ‘em todo caminho’, ‘completamente’. Depois, ‘constantemente’ ‘a cada passo’. Mais tarde tomou o valor adverso como **mais pero** alternando com **mas pero**, nessas formas, **pero** se apresenta como um reforço da adversativa, equivalente a **contudo**, **apesar disso**.

**Porém** - (da preposição latina per + en, forma apocopada do advérbio latino ende), conjunção coordenada adversativa, séculos XV, XVI, XVII, XX. Apresenta, no português arcaico, as variantes **porende** ~ **poren** ~ **porém** ~ **pere** ~ **pore** e liga sintagmas, sentenças independentes com verbos no indicativo ou no subjuntivo. No português contemporâneo, difere da conjunção adversativa **mas**, quanto à distribuição: **mas** ocupa sempre a posição inicial na sentença, enquanto o **porém** pode ocupar ou não a posição inicial; nos textos arcaicos, **porém** ocupa sempre a posição inicial do período. Ocorre, ainda, no português arcaico, estabelecendo uma relação explicativa e conclusiva. Como conjunção explicativa ou conclusiva liga sentenças independentes com verbos no indicativo, podendo ocupar posição inicial no período ou vir precedida da conjunção **e**, funcionando como elemento de natureza adverbial. No século XVII, **porém** ocorre exclusivamente como conjunção adversativa, podendo ser empregada em posição inicial na sentença ou em posição pós-verbal.

Passamos em seguida a uma visão da gramática tradicional e dos estudos lingüísticos sobre essas conjunções.

## 1.8 - Conjunções adversativas na visão das gramáticas tradicionais

Pereira (1937:572-573) afirma que as conjunções **mas** e **porém** são palavras sinônimas que pertencem à classe das adversativas, porque indicam que a oração coordenada por elas iniciada expressa sentido contrário ou adverso ao da outra oração. Ele diz também que, apesar da sinonímia, distinguem-se em ser o **porém** mais forte que o **mas**, no contraste que exprimem. O **mas** veio do advérbio latino “**magis**”, que guardou seu valor de advérbio na forma menos contrata “**mais**”. O **porém** originou-se da combinação da preposição por (pro) com o advérbio do verbo (ende - inde) por + em. Era comum no latim reforçar certas conjunções coordenativas e à semelhança do latim, reforçamos também em: **e contudo**, **mas porém...**

Em Almeida (1952:305), encontramos uma posição diferente quanto ao valor adversativo de **mas** e **porém**. Esse autor afirma que a força do **mas** é maior que a do **porém** e que o **mas** ainda se diferencia, porque vem sempre no início da oração de contraste. Sobre a conjunção  **todavia**, o autor diz que tem a mesma significação de **contudo**, **entretanto**, e **no entanto**.

Melo (1968: 321-322) já apresenta o **porém** como uma conjunção adversativa mais forte que **mas**, pois pode colocar-se à frente, no meio, ou no fim da oração que ela coordena, como nos exemplos:

(49) **Porém**, da armada a gente vigiava, como por longo tempo.(Camões)

(50) Este pensamento jamais se objetivou, **porém**, numa imagem.(Ciro dos Anjos)

(51) Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar. Escusada é a jura, **porém**. (Garret)

Bueno (1968:366-367), tratando das conjunções adversativas, faz referência apenas ao **mas** e ao **porém**. Ele diz que o **mas** originado do latim **magis** teve outrora a função reiterativa e não adversativa como tem hoje e por esse motivo ele pode aparecer ao lado de outras conjunções como: **mas porém** e ainda **mas todavia**, **mas contudo**. Quanto ao **porém**, ele diz que da origem **per inde**, temos o **porende** e o **porém**. No português arcaico, essa conjunção significou **por isso**. Na literatura, diz Bueno, encontramos **pero** ao lado de **mas**, como se usa em italiano, tendo o **pero** o sentido de **ainda que**, como em:

(52) **Mas pero** muito trabalhasse, nunca se dele pôde despachar ( mas ainda que muito trabalhasse) (Crônica de Guiné)

Said Ali (1964:133) diz que para exprimir claramente a contradição ou a restrição a um fato, ou a sua conseqüência, usa-se a oração adversativa caracterizada pelas conjunções **mas** ou **porém**. Em Said Ali (1971:223), o **porém** é apresentado como filiado ao advérbio “proinde” e respectiva forma observada “proin”, que na antiga língua portuguesa eram usados “porende” e “porém” com o sentido de **por isso**. Com o tempo, “porende” foi substituído pela forma mais curta **porém**, que entrou na Renascença com a notável transformação semântica: em vez de significar “por isso”, “por essa razão”, passa a

dizer o mesmo que **mas**, **apesar disso**, **contudo**. Esse autor explica ainda que a origem adverbial do **porém** possibilita o uso dele no meio e, até, no fim da oração, lugar impróprio para as conjunções. Said Ali, ainda nesse estudo, mostra que no português antigo, o **entretanto** aparece com o caráter de conjunção equivalente a **enquanto**, como na linguagem da Renascença (sec. XV e XVI), em que **entretanto** e **entanto** possuíam o valor temporal de “entre mentes”, “enquanto isso sucede”. Para ele, as conjunções adversativas **contudo**,  **todavia**, **entretanto** e **no entanto** são correlativas enfáticas, com uma aplicação puramente ocasional, podendo usá-las com o **mas** concomitantemente.

Cunha e Cintra (1985:565-571) definem as conjunções coordenativas como aquelas que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical, ligando elementos independentes. Sobre as adversativas eles dizem que estas, além de ligar dois termos ou duas orações de igual função, acrescentam-lhes uma idéia de contraste. Em um estudo semântico específico sobre o **mas** (são os únicos autores de gramática, pesquisados, que fazem esse tipo de estudo), eles apresentam os múltiplos valores dessa conjunção. Além da idéia básica de oposição, de contraste, pode exprimir também:

a) restrição, como no exemplo (53), em que a permissão de ir é acompanhada da restrição de “por um tempo”, marcada pelo **mas**:

(53) Vai, se queres, disse-me este, **mas** temporariamente.(Machado de Assis)

b) retificação:

(54) - O Major, hoje, parece que tem uma idéia, um pensamento muito forte.  
- Tenho, filho, não de hoje, **mas** de há muito tempo.(Lima Barreto)

A retificação que o Major faz “que a idéia que ele tem não é de hoje” é estabelecida a partir do emprego do **mas** quando diz que a idéia já tem tempo.

c) atenuação ou compensação:

(55) Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria.(Machado de Assis)

A situação de transtorno pela qual vinha passando é atenuada com a seqüência que se inicia por **mas** e introduz a idéia de dissimulação, de ocultação.

d) adição:

(56) Anoitece, **mas** a vida não cessa.(R. Brandão)

A idéia de que anoitecer pode significar o fim, também contém a idéia de soma, uma noite e mais um dia, e a vida continua.

Cunha e Cintra, nessa gramática, dizem que o **mas** e também o **porém** servem para mudar a seqüência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso, como em:

(57)**Mas** os dias foram passando. ( José Lins do Rego)

Bechara (2000:321-323) afirma que as adversativas enlaçam unidades, apontando uma oposição entre elas. Afirma também que somente o **mas**, **porém** e **senão** são adversativas por excelência. Quanto às outras conjunções adversativas: **entretanto**, **contudo**, **todavia**, ele diz que a tradição gramatical, pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, tem incluído entre as conjunções coordenativas, assim como tem feito com o **pois**, o **logo** e o **portanto**. Entretanto o autor as considera como advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais. Uma das diferenças que esse autor aponta é que os advérbios guardam com o núcleo verbal, uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em qualquer posição dentro da oração em que se inserem, como nos exemplos:

(58) Eles não chegaram nem **todavia** deram a certeza da presença

(59) Eles não chegaram nem deram, **todavia**, certeza da presença.

(60) Eles não chegaram nem deram certeza da presença, **todavia**.

Observamos então que a gramática tradicional, de forma geral, trata essas conjunções como elementos meramente relacionais, que servem apenas para relacionar duas orações ou dois termos da mesma oração, com valor restrito ao contraste, sem refletir sobre o poder argumentativo dessas conjunções.

## 1.9 - Conjunções adversativas na visão dos estudos lingüísticos

As conjunções adversativas em estudo são também chamadas, nos estudos lingüísticos, de operadores argumentativos do discurso, ou seja, elementos responsáveis pela estruturação de um conjunto de frases enquanto discurso, e sobre elas, encontramos trabalhos voltados sobretudo para o **mas**.

Koch (1984:104-105) diz que existe na gramática de cada língua uma série de morfemas que funciona como operadores argumentativos ou discursivos como, por exemplo, as conjunções de contrajunção, também chamadas de adversativas.

Na gramática estrutural, as conjunções são descritas como morfemas gramaticais (gramemas) do tipo relacional, em oposição aos morfemas lexicais (semantemas, lexemas), sendo colocados, na descrição lingüística, em segundo plano. Essa é também a mesma consideração da gramática gerativa. No entanto, a Semântica Argumentativa recupera o valor desses elementos, por considerar que eles são responsáveis pela determinação do valor argumentativo dos enunciados, constituindo, portanto, marcas lingüísticas importantes da enunciação.

Ducrot (1981:245), ao asseverar que a argumentatividade está inscrita na língua e que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, afirma que as conjunções também são responsáveis pela organização e conseqüentemente pelo caminho argumentativo do texto. Para ele, o emprego argumentativo dos enunciados não se deduz de inferências, mas se firma nas estruturas lingüísticas manifestadas nos enunciados. Vogt (1989:103 - 118), em colaboração com Ducrot, propôs uma explicação semântica para a principal conjunção adversativa (como eles afirmam): **mas** (português), **mais** (francês), **ma** (italiano), das línguas latinas, que deriva, não do adversativo latino **sed**, mas do advérbio **magis**. Em um determinado momento, em algumas dessas línguas, a mesma forma fonética teve duplo valor de **mas** e de **mais**.

Para explicitar a relação existente entre o sentido da conjunção **mas** e o sentido do advérbio **magis**, os autores fizeram uma relação com a origem da derivação histórica, dizendo que o **mas** possui duas funções diferentes:

- a) uma de “**MasSN**” ( do alemão “sondern” e do espanhol “sino”) que serve para retificar e que vem sempre após uma proposição negativa.
- b) outra função de “**MasPA**” (equivalente ao alemão “aber” e ao espanhol “pero”), que introduz uma proposição que orienta para uma conclusão não esperada, como nos exemplos a seguir:

(61) Ele não é inteligente (p), **mas** apenas esperto (q).

(62) Ele é inteligente (p), **mas** estuda pouco (q).

Em (61), q introduzida pela adversativa **mas** tem a função apenas de retificar o que foi dito em p, sem poder argumentativo: esperto corrige inteligente, na estrutura p não mas q. Temos então o **mas** com a função de **MasSN**.

Em (62), q introduzida por **mas** assume a função de contrastar com p: apesar de inteligente, não é dedicado, não estuda o suficiente, e, implicitamente, podemos argumentar que ele pode ser reprovado. Tem-se um **MasPA**.

Consideram também que esse morfema adversativo que veio do comparativo de superioridade “magis” e que tem a função de **masSN** tende a tomar nas línguas românicas a função de **masPA**. Portanto há uma afinidade semântica entre o comparativo de superioridade e o adversativo, não apenas no seu papel de SN, mas também no papel de PA. Vejamos essa relação no exemplo(63):

(63) Magis Deum miseri quam beati colunt (Deus é mais venerado pelas pessoas infelizes). (Máxima de Sêneca)

Declarando a devoção das pessoas infelizes superior à das pessoas felizes, Sêneca pode querer fazer, ao mesmo tempo, uma crítica a estes, e um elogio àqueles. A hipótese dos autores é que **MasPA** é derivado de **magis** de superioridade. Esse morfema põe em balança dois argumentos que autorizam conclusões inversas. Se, por exemplo, D propõe um passeio a L e L responde:

(64)Tenho vontade de passear, **mas** tenho dor nos pés.

L apresenta sua dor nos pés como um argumento oposto à conclusão à qual pode conduzir sua vontade de passear, e o conjunto vai contra esta conclusão, constituindo, assim, um argumento para recusar o convite.

Ducrot (1981:238-239), tratando de dois fenômenos discursivos: o ato de conclusão e o ato de avaliação, apresenta um diálogo com a presença da conjunção **no entanto** e explicações para o emprego dela:

(65) a X:- Parece que Pedro foi reprovado no exame.  
b Y- **No entanto**, ele parece muito contente.

A réplica de Y pode ter duas funções:

- a) a de refutar a fala de X, ou seja, dizer que Y realiza um ato de dedução: ao assinalar um fato ( o ar de contentamento de Pedro) ele tira uma conclusão (sem dúvida, Pedro não foi reprovado) contrária à afirmação de X. Essa interpretação ocorre se **no entanto** é precedido de uma dúvida colocada diante da afirmação de X como, por exemplo: “Não é possível” ou “Você tem certeza”,
- b) também é possível que Y queira assinalar algo de bizarro, estranho, ou seja: “Pedro tem um ar de contentamento mesmo estando fracassado.” Há então a coexistência de dois lados que se excluem, e que se podem tirar conclusões como: “Pedro é excepcional”( interpretação quase necessária se **no entanto** é precedido da interjeição como “Incrível !”ou “Não é possível”).

Para mostrar que a própria língua distingue as duas funções que são atribuídas a **no entanto**, basta comparar com **contudo** que somente é susceptível de desempenhar a função apreciativa. Se a resposta de Y começasse por **contudo** (apesar disso), compreender-se-ia necessariamente que ele quis pôr em evidência um contraste.

Enfim, o que Ducrot afirma é que a utilização de um enunciado tem o objetivo de orientar o destinatário para certas conclusões, desviando-o de outras. Essa orientação está apoiada na estrutura lingüística, e o uso de uma outra estrutura pode ou não apontar

diferenças de sentido. No exemplo (66), ainda de Ducrot (1972:102), a réplica será sentida como agressiva e pode transformar o debate em disputa. O enunciado que contesta os pressupostos do primeiro locutor é difícil de ser introduzido por conjunções como **no entanto**, **entretanto**. É, antes, introduzido por um **mas**, conjunção susceptível de marcar qualquer oposição, tanto pessoal quanto intelectual.

- (66) a -Pedro sabe que João virá.  
b - **Mas**, como? João não virá?

Na verdade, de toda literatura pesquisada, somente Ducrot faz referências ao emprego dessas outras conjunções adversativas como o **no entanto** e o **contudo**. Os outros estudos referem-se exclusivamente ao **mas**.

Rudolph (1989:183), em um estudo de conjunções e partículas para conexão, coloca em sua análise que o **mas** pode introduzir uma anti-tese, indicando um contra argumento – ao invés de trazer um pró argumento, como em:

- (67) Como espectadores fora da praia nós podemos ter dúvidas sobre a falta de preocupação do partido republicano pelos menos afortunados, e sua infiltração por uma turbulência militante de fundamentalistas religiosos. **Mas** essas são questões essencialmente para eleitores americanos decidirem.

A autora diz então que, ao escolher a estrutura com **mas**, o locutor demonstra ser livre para elaborar o que pensa de uma forma mais apropriada para convencer o leitor. No exemplo (67), ele usou um contra argumento introduzido pelo **mas**: “mesmo que o partido republicano não se preocupe com os menos afortunados, somente os americanos podem decidir sobre isso”.

Outra pesquisa sobre a conjunção adversativa é apresentada por Leite et alli (1989:50-70). Nela, são mostrados vários valores semânticos de estruturas adversativas, privilegiando a estrutura com o **mas**.

Para esse estudo, “a unidade-eixo das comunicações não é a palavra, nem a função, mas o valor das relações que se fazem dentro do contexto, e que se serve de palavras e funções” (Leite et alli-1989:16). Assim, esse estudo apresenta-nos a adversativa **mas** com 20 valores semânticos diversos, a saber: 1) valor adversativo de inclusão; 2)

valor adversativo de exclusão; 3) valor adversativo excludor com elemento implícito; 4) valor adversativo objetativo; 5) valor adversativo contrastante; 6) valor adversativo descompensador pela consequência; 7) valor adversativo compensador; 8) valor adversativo atenuante; 9) valor adversativo atenuante pela possibilidade de vencer o obstáculo; 10) valor adversativo superativo; 11) valor adversativo pela apresentação de outro enfoque; 12) valor adversativo justificativo; 13) valor adversativo comparador por diferença; 14) valor adversativo entre algo negado e algo afirmado; 15) valor adversativo de desconexão; 16) valor adversativo de desencontro ou de decepção; 17) valor adversativo de reprovação ( ou de aprovação); 17 a- valor adversativo de reprovação; 17 b- valor adversativo de aprovação; 18) valor adversativo refutativo; 19) valor adversativo por algo inaceitável; 20) valor adversativo de obrigatoriedade ou compulsivo.

A seguir, apresentamos, a título de exemplo, enunciados com alguns destes valores.

(68) Convidarás todos os teus amigos, **mas** não o Laerte.” (exclusão)

(69) A chuva torrencial de hoje inundou a cidade, **mas** teremos sol amanhã.  
(atenuante)

(70) O menino não estudou, **mas** estava com muita febre há dias. (justificativa)

(71) Você pode estudar ou não, **mas** terá que fazer os exames. (obrigatoriedade)

Em (68), o primeiro conjunto da frase não exclui, a exclusão inicia com a presença do **mas** que coloca Laerte fora.

Em (69), a primeira parte do enunciado é um obstáculo (chuva torrencial), atenuado pela segunda parte (sol), já que não se pode eliminar a primeira parte.

Em (70), os motivos comuns de não estudar como: preguiça, peraltice, são excluídos através da justificativa para a situação, no caso, febre há dias.

Em (71), observamos três conjuntos de significado, dois explícitos: “as possibilidades de estudar ou não, e o exame que terá que ser feito”, e um implícito: “mesmo escolhendo não estudar, fará o exame”. A conjunção adversativa está entre a possibilidade de escolha e a obrigatoriedade da ação.

Georgakopoulou e Goutsos (1998: 887-907) observaram, em um estudo sobre os conectivos gregos, que **alá** (mas) e **ómos** (contudo/porém/entretanto), quando operam, na língua falada grega, como marcadores de discurso, tendem a aparecer em posição inicial na frase. Para os autores, o marcador de discurso contribui para o desenvolvimento do discurso em um nível global e com função seqüencial, como em (72):

(72) Eu passei uma semana (em Atenas) e só consegui uma cadeira no trem uma vez (p).**Mas** eu olho para todas aquelas pessoas e digo o que elas estão fazendo, como podem pegar isso todos os dias (q).

Assim, em (72), o **mas** funciona como um marcador de discurso, sinalizando o tópico discursivo global da conversação, isto é, que a vida em grandes cidades, e especialmente em Atenas, é insuportável. Esse **mas** assinala a posição seqüencial de retorno a um tópico previamente introduzido e desse modo realça o que está por vir na frase.

Consideramos na nossa pesquisa que a decisão entre o emprego de uma conjunção adversativa e outra pode ser uma manobra utilizada pelo locutor que pretende dar uma determinada direção à leitura de seu interlocutor. Como os estudos pesquisados ficaram centrados sobretudo no **mas**, pretendemos, no nosso, compreender melhor essas opções feitas pelo locutor e através de uma análise, verificar se o uso tem além de implicações semânticas também pragmáticas, informacionais, sintáticas e argumentativas. O material para essa verificação foi coletado em diferentes tipos de textos. Apresentaremos então, a seguir, estudos sobre tipologia e a tipologia com que escolhemos trabalhar.

## 1.10 - Sobre a tipologia textual

Como foi colocado anteriormente, as conjunções são instrumentos fundamentais na orientação argumentativa, do mesmo modo seu emprego pode ter motivações em diversas dimensões como: sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática. Dizer que elas são elementos meramente relacionais,

correlativos, de uso puramente ocasional (gramáticas tradicionais), deve ser contestado na análise do corpus. Essa análise deverá verificar o emprego das adversativas em diferentes tipos de texto.

Quanto ao estabelecimento da tipologia textual, sabemos que existem inúmeras propostas. Apresentamos aqui duas propostas tipológicas que consideramos pertinentes para nosso estudo, optando por trabalhar com a segunda, que nos pareceu melhor por ser mais objetiva e por não misturar elementos tipológicos definidos por parâmetros diversos. Todavia a primeira explicita alguns elementos importantes e por essa razão será aqui apresentada.

A primeira tipologia é a proposta por Fávero e Koch (1987:3-10). Essas autoras partem do estabelecimento de critérios adequados, apresentados em três dimensões interdependentes: dimensão pragmática (macroatos de fala, modos de atualização em situações comunicativas); dimensão esquemática global (modelos cognitivos ou esquemas formais, culturalmente adquiridos); e dimensão lingüística de superfície (marcas sintático/semânticas) para proporem uma tipologia de base, com seis tipos de texto que resumidamente apresentamos a seguir.

### **1. Tipo narrativo:**

- a) dimensão pragmática → enunciados de ação, mundo narrado. Exemplos: romances, contos, reportagens, etc.
- b) dimensão esquemática global → sucessão temporal e causal, com antes e depois: orientação, complicação, ação, resolução, moral, etc.
- c) dimensão lingüística de superfície → tempos verbais do mundo narrado, circunstancializadores, discurso relatado.

### **2. Tipo descritivo:**

- a) dimensão pragmática → enunciados de estado/situação, mundo narrado ou comentado, caracterizações de personagens e espaço em narrativas. Exemplos: guias turísticos, verbetes de enciclopédias, relatos, etc.

- b) dimensão esquemática global → ordenação espaço-temporal, apresentação das qualidades e elementos componentes do ser descrito, palavra de entrada: denominação, definição, expansão e/ou divisão.
- c) dimensão lingüística → verbos de estado, situação ou indicadores de propriedades, atitudes, qualidades, adjetivação abundante, parataxe, etc.

### **3. Tipo expositivo ou explicativo:**

- a) dimensão pragmática → conceitos, fazer saber. Exemplos: manuais didáticos, científicos.
- b) dimensão esquemática global → análise e/ou síntese de representação conceitual, ordenação lógica, tema.
- c) dimensão lingüística → conectores do tipo lógico, tempos verbais do mundo comentado, hipotaxe.

### **4. Tipo argumentativo “stricto sensu”:**

- a) dimensão pragmática → convencer, persuadir, fazer crer. Exemplos: textos publicitários, peças jurídicas, matérias opinativas.
- b) dimensão esquemática global → ordenação lógica dos argumentos e contra-argumentos, premissas, argumentos, conclusão.
- c) dimensão lingüística → modalizadores, verbos introdutórios de opinião, operadores argumentativos, etc.

### **5. Tipo injuntivo ou diretivo:**

- a) dimensão pragmática → direcionar, orientar, fazer saber fazer. Exemplos: manuais de instrução, receitas, etc.
- b) dimensão esquemática → prescrição de componentes seqüencialmente ordenados.
- c) dimensão lingüística → verbos no imperativo, infinitivo, futuro do presente, vocativos, parataxe, etc.

## 6. Tipo preditivo:

- a) dimensão pragmática → predizer, fazer crer, fazer saber. Exemplos: horóscopos, profecias, previsões em geral.
- b) dimensão esquemática → superestrutura preditiva, prenúncio de eventos, situações, comportamentos com base em relações de causalidade, em deduções lógicas ou por simples casualidade.
- c) Dimensão lingüística → tempos verbais com perspectiva prospectiva, parataxe, ausência de conectores, adjetivação abundante.

Para nossa pesquisa, adotaremos a proposta tipológica apresentada por Travaglia (1991). Por essa razão, não nos deteremos em outras propostas de tipos de textos.

Travaglia (1991:39-61) considera a tipologia como a possibilidade de particularização, de singularização dos discursos e ao mesmo tempo de sistematização e análise. O tipo, nessa perspectiva é, então, uma atividade estruturada sendo as suas regularidades sedimentadas dentro desses tipos.

O autor faz uma proposta tipológica que permite ver com mais clareza a relação estreita que há entre o modo de enunciação, o tipo de texto e os recursos lingüísticos empregados. Ele propõe três tipologias, de que só registraremos os pontos fundamentais, suficientes à nossa pesquisa, evitando assim nos estendermos desnecessariamente.

**1) descrição, dissertação, injunção e narração**, cujo modo de enunciação é estabelecido para cada um dos tipos em relação ao referente, ao objeto de dizer, ao assunto sendo dado pela perspectiva em que o enunciador/locutor e interlocutor se colocam em relação ao saber/ conhecer x o fazer/ acontecer e o tempo e espaço.

- a) na descrição, o enunciador está na perspectiva do espaço em seu conhecer, o que transforma o interlocutor em “voyeur” do espetáculo.
- b) na narração, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer, na perspectiva do tempo e o interlocutor como o assistente.

- c) na dissertação, o enunciador está na perspectiva do conhecer/saber, abstraindo-se do tempo e do espaço, e o interlocutor é posto como ser pensante, que raciocina.
- d) na injunção, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer posterior ao tempo da enunciação, o interlocutor como aquele que realiza aquilo que se quer, ou se determina que seja feito.

Quanto ao objetivo da enunciação, à atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer, Travaglia coloca que na **descrição**, o que se quer é caracterizar, dizer como é; na **narração**, o que se quer é contar, dizer os fatos, acontecimentos; na **dissertação**, busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar o conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações; na **injunção**, diz-se a ação requerida, desejada, o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação.

Ainda, nessa pesquisa, Travaglia, ao falar de seqüenciamento e ordenação, apresenta:

- a) o tempo referencial, que é o tempo de ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica. Em relação a esse tempo, a descrição e a dissertação se caracterizam pela simultaneidade das situações, a narração pela não simultaneidade e a injunção pela indiferença à simultaneidade ou não das situações.
- b) o tempo da enunciação, que é o momento da produção do texto que pode ou não coincidir com o referencial. Na descrição, dissertação e narração, pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior; já na injunção não há simultaneidade, sendo o tempo da enunciação sempre anterior. Quanto à frequência, na narração é mais comum que o tempo da enunciação seja posterior, na descrição posterior e simultâneo e na dissertação é quase sempre simultâneo, embora haja as três possibilidades para esses últimos tipos de texto.

Conforme o tempo da enunciação seja posterior, simultâneo ou anterior, teremos descrições, narrações e dissertações respectivamente passadas, presentes e futuras.

## 2) discurso da transformação e discurso de cumplicidade:

No discurso da transformação o locutor vê o alocutário como não estando de acordo com ele e, por isso, precisa transformá-lo em seu cúmplice, buscando influenciar, inculcar, persuadir, fazê-lo aderir ao seu discurso. Esse **discurso da transformação** resulta no texto argumentativo “*stricto sensu*”, ou seja, textos em que a argumentação se apresenta de maneira explícita e atinge o seu grau máximo, pois há tomadas de posições e debates. No **discurso da cumplicidade** o alocutário é visto como uma projeção de concordância com o locutor no imaginário deste.

## 3) preditivo e não-preditivo:

Os textos preditivos aparecem sempre como descrições, narrações ou dissertações futuras em que o locutor/enunciador está fazendo uma antecipação no seu dizer, está pré-dizendo. Assim, a **predição** é uma antecipação pelo dizer de situações cuja realização terá ocorrência posterior ao tempo da enunciação, é uma previsão, um anúncio antecipado.

Dentre as três tipologias apresentadas por Travaglia (1991), o nosso trabalho se centrará na primeira, ou seja, naquela cujo modo de enunciação é estabelecido para cada um dos tipos (descrição, narração, dissertação, injunção) em relação ao referente/ objeto de dizer/ assunto, e é dado pela perspectiva em que o enunciador/locutor se coloca em relação ao saber/ conhecer x fazer/ acontecer e em relação ao tempo e ao espaço. Por isto mesmo utilizamos como matriz teórica o quadro a seguir, extraído de Travaglia (2001:6-7) e baseado na proposta de Travaglia (1991).

### 1.10.1 Matriz Teórica da Tipologia Textual

**QUADRO 1** – Propriedades dos tipos dados pela perspectiva do falante em relação ao objeto do dizer:

	<b>Descrição</b>	<b>Dissertação</b>	<b>Injunção</b>	<b>Narração</b>
<b>Perspectiva do enunciador/ produtor de texto</b>	Enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer.	Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço.	Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação	Enunciador na perspectiva do fazer / acontecer inserido no tempo
<b>Objetivo do enunciador</b>	O que se quer é caracterizar, dizer como é.	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e síntese de representações.	Diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação.	O que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência.
<b>Forma como se instaura o interlocutor</b>	Como o “voyeur” do espetáculo	Como ser pensante, que raciocina.	Como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça.	Como o assistente, o espectador não participante, que apenas toma conhecimento, se inteira do(s) episódio(s) ocorrido(s).
<b>Tempo referencial (o tempo da ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica)</b>	Simultaneidade das situações.	Simultaneidade das situações.	Indiferença à simultaneidade ou não das situações.	Não simultaneidade das situações, portanto sucessão.
<b>Tempo da enunciação (o momento da produção/recepção do texto que pode ou não coincidir com o referencial)</b>	Pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior. É mais freqüente o tempo posterior e simultâneo.	Pode ou não haver coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior. A freqüência maior ocorre com o tempo simultâneo.	O tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação.	Pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior. É mais comum o tempo da enunciação ser posterior.

(TRAVAGLIA – 1991)  
(TRAVAGLIA - 2001:6-7)

## CAPITULO 2

### RESULTADOS E ANÁLISES

#### 2.1 - Preliminares

Para verificarmos as diferenças no emprego das conjunções adversativas **mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto**, em quatro diferentes tipos de textos: **dissertativo, narrativo, descritivo e injuntivo**, formamos, inicialmente, um corpus de 265 textos. Dentre esses 265 textos, 94 possuíam pelo menos uma das conjunções enfocadas neste estudo e foram assim distribuídos: 32 dissertativos, 24 narrativos, 19 descritivos e 19 injuntivos. Essa diferença de número de textos de cada tipo se deve ao número de conjunções em estudo presentes nesses tipos de textos, como registrado na tabela 1 que apresenta uma visão geral dos quatro tipos de textos e a presença ou não das conjunções em estudo, nesses textos.

**TABELA 1** - Tipos de textos e presença de conjunções.

TIPO DE TEXTO	PRESENÇA DE CONJUNÇÃO		SEM CONJUNÇÕES		TOTAL	
	COM CONJUNÇÕES					
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Descritivo	19/94	20,2	57/171	33,3	76/265	28,7
Dissertativo	32/94	34,1	9/171	5,3	41/265	15,5
Narrativo	24/94	25,5	12/171	7,0	36/265	13,6
Injuntivo	19/94	20,2	93/171	54,4	112/265	42,2
TOTAL	94/265	35,5	171/265	64,5	265/265	100,0

A tabela 1 mostra que a grande maioria dos textos inicialmente pesquisados foi do tipo injuntivo (42,2%), sendo seguido pelos descritivos (28,7%). Em relação aos textos com conjunção, a maior proporção ficou para os textos dissertativos (34,1%), sendo esses seguidos dos narrativos (25,5%). Enquanto que para aqueles sem conjunção, mais da metade (54,4%) ficou com os textos injuntivos, seguidos pelos descritivos (33,3%). Observamos, enfim, que para compor o corpus da pesquisa foram encontrados mais textos sem a conjunção adversativa (64,5%), do que com a conjunção (35,5%). Esses números mostram que as conjunções adversativas são mais freqüentes nos textos dissertativos e narrativos e menos freqüentes nos descritivos e injuntivos.

A seguir apresentamos uma visão geral de ocorrências das conjunções em estudo nos diferentes tipos de texto, o que pode ser observado na tabela que apresenta as conjunções adversativas e todas as suas ocorrências nos quatro tipos de texto.

**TABELA 2** - Distribuição do emprego das conjunções adversativas nos quatro tipos de textos:

TIPOS CONJUNÇÕES	Descritivos		Narrativos		Dissertativos		Injuntivos		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	37/42	88,1	65/73	89,0	43/70	61,4	26/33	78,8	171/218	78,4
Porém	2/42	4,8	4/73	5,5	6/70	8,6	4/33	12,2	16/218	7,3
Contudo	0/42	0,0	1/73	1,4	3/70	4,3	1/33	3,0	5/218	2,3
Todavia	0/42	0,0	0/73	0,0	2/70	2,9	0/33	0,0	2/218	1,0
Entretanto	1/42	2,3	0/73	0,0	5/70	7,1	1/33	3,0	7/218	3,2
No entanto	2/42	4,8	3/73	4,1	11/70	15,7	1/33	3,0	17/218	7,8
Total	42/218	19,3	73/218	33,5	70/218	32,1	33/218	15,1	218/218	100,0

Em nosso corpus, encontramos 218 ocorrências das conjunções em estudo, sendo em ordem decrescente de ocorrência:

- mas**: 171 (78,4%);
- no entanto**: 17 (7,8%);
- porém**: 16 (7,3%);
- entretanto**: 7 (3,2%);
- contudo**: 5 (2,3%);
- todavia**: 2 (1,0%).

A tabela 2 evidencia o maior emprego da conjunção adversativa **mas** (78,4%), nos quatro tipos de textos, com uma distância evidente para o emprego da conjunção **no entanto** (7,8%) e **porém** (7,3%) que aparecem em seguida. As outras conjunções também tiveram um baixo uso em relação ao **mas**. Quanto ao emprego das conjunções em estudo nos diferentes tipos de texto, observa-se que foi nos textos narrativos (33,5%) e dissertativos (32,1%) que elas tiveram maior ocorrência. O **mas** tem uma frequência alta em todos os textos, enquanto que o **todavia** aparece somente nos textos dissertativos, o **porém** apresenta uma distribuição mais ou menos equitativa entre os tipos de textos com uma predominância interessante nos textos injuntivos. **No entanto** marca a sua presença principalmente nos dissertativos. Observamos também que nos textos dissertativos há a presença de todas as conjunções e que a conjunção **todavia** (1,0%) só apareceu nesse tipo de texto.

## 2.2 - Dimensão sintática

### 2.2.1 Posições e relações

Para observarmos as diferenças sintáticas em nosso trabalho, consideramos as relações e regras de combinação dos elementos lingüísticos na estrutura do enunciado e cruzamos essas relações com os efeitos de sentido que elas podem determinar, já que, segundo Arrais (1989:26-28), na produção de uma frase, a estrutura sintática e o significado soam como verso e reverso de uma mesma moeda, pois este (o significado) não se realiza sem aquela ( a estrutura sintática ).

As tabelas de 3 a 12 apresentam as diferentes posições que as conjunções adversativas podem ocupar no enunciado, nos diferentes tipos de textos, assim como, os elementos relacionados por essas conjunções.

#### 2.2.1.1 Posições das conjunções adversativas na estrutura do enunciado

No corpus de nossa pesquisa, encontramos as conjunções adversativas em diferentes posições na frase e percebemos que essas posições são responsáveis por diferentes efeitos de sentidos que o autor pretende provocar no leitor. Mostraremos a

seguir, através de ocorrências retiradas do corpus<sup>1</sup>, o que estamos entendendo por cada posição da conjunção na frase, a saber:

**a) No início da oração adversativa:**

(73) O navio tem 21 cabines, 36 metros de comprimento e 147 toneladas, radares, sonares, satélites e aparelhos de última geração, não tem piscina, **mas** a região é pródiga em lagoas de coral onde a embarcação às vezes se detém. (T. Desc. 1)

**b) Após o sujeito da adversativa:**

(74) Para estradas não pavimentadas, a velocidade máxima é de 60 km/h. O motorista consciente, **porém**, mais do que observar a sinalização e os limites de velocidade, deve regular sua própria velocidade...(T. I. 13)

**c) Após o verbo da adversativa:**

(75) Suportarás a preterição e o menosprezo nas áreas da atividade profissional. Não renunciarás, **contudo**, ao dever de aprimorar-te, a fim de ser mais útil à comunidade à qual te vinculas. (T. I. 16)

**d) Após a conjunção:**

(76) No extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes, o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses... E, **no entanto**, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. (T. Diss.21)

**e) Após circunstância (adjunto adverbial):**

---

<sup>1</sup> A referência das ocorrências retiradas do corpus serão identificadas pelas siglas: T. Desc. = Texto Descritivo, T. I. = Texto Injuntivo, T. Diss. = Texto Dissertativo, T. N. = Texto Narrativo; e também pelo número correspondente ao texto (Anexo).

(77) Quando Aureliano Chaves deixou o Ministério das Minas e Energia, em dezembro de 88, já se cogitava a possibilidade de sua candidatura... A executiva do partido resolveu então “recomendar”, com unanimidade, sua candidatura. Ao longo do mês, **porém**, ao tentar costurar o apoio do partido voltou a afirmar que não seria “candidato de um partido dividido”. ( T. N. 21)

**f) Após oração :**

(78) De modo geral, deve-se reconhecer que a elevação das margens de prudência financeira vem em boa hora e é adequada ao atual período de turbulência internacional. É preciso lembrar, **no entanto**, que os grandes casos de insolvência bancária ocorridos no ano passado não decorreram de uma excessiva liberalidade das regras do Banco Central...(T.Diss. 20)

2.2.1.2 Elementos relacionados pelas conjunções

Foi observado também no corpus a relação da estrutura que contém a conjunção, que chamamos de (q), com a natureza da estrutura precedente, que chamamos de (p), que apresentamos a seguir com exemplos retirados dos textos que compõem o corpus do trabalho. A estrutura  $\underline{p}$  será indicada por colchetes [ ].

a) quando (p) é um **sintagma**:

(79) ...os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante;[ a boca forte (p) ], **mas** bem modelada e guarnecida de dentes alvos...(q) (T. Desc. 10)

b) quando (p) é **oração** ou **orações**:

(80) [O menino chorou, berrou, soluçou (p)], **mas** ela deixou ele lá(q).  
(T.N.7)

---

c) quando (p) é um **trecho** e pode ser estruturado de diferentes maneiras, a saber: período (ex. 81), conjunto de períodos (ex. 82), parágrafo (ex. 83), conjunto de parágrafos (ex. 84):

(81) [Já está na hora de confiar mais em si mesma e no seu estilo de viver, capaz de encontrar prazer meio a atribulações (p)]. **Porém**, evite críticas demasiadas - isso transforma os bons fluidos em energias negativas (q). (T. I. 8)

(82)[Não podemos justificar o desenvolvimento escolar apenas pelas possibilidades de crescimento econômico que ele gera. Ao contrário, o crescimento econômico só é justificável pelo desenvolvimento social, educacional, inclusive, que ele propicia (p)]. **Entretanto**, não podemos ignorar a relação direta existente entre a melhoria do sistema escolar e o desenvolvimento econômico (q). (T. Diss. 12)

(83)[Antônio Trinca, paulista de Lins, resolveu pescar no Rio Miranda, em Mato Grosso do Sul, no sábado passado. Quase perdeu seu nariz por causa disso. Durante a pescaria apareceu um jacaré de um metro e dez de comprimento; Trinca conseguiu acertar um tiro no bicho e , julgando-o morto, colocou-o no porta-malas de seu carro, pensando em levar um “troféu” para a sua cidade. Ao lado do jacaré abatido, Trinca deixou sua arma (p)].

Na volta do rio, **no entanto**, o pescador parou para matar um pássaro pantaneiro que estava pousado numa árvore. Foi pegar sua arma no porta-malas. (T. N. 13)

(84)[Impossível seria minimizar as relações da administração Blair. Em primeiro lugar, a educação adquiriu uma importância aparentemente sem precedentes na política governamental, e os professores foram transformados nos profissionais mais valorizados e requisitados da nação. Uma campanha para recrutar professores e elevar a moral da profissão está a todo vapor na mídia, e nos cinemas britânicos um comercial apresenta Tony Blair (dentre outras 17 figuras públicas) lembrando o público que “ninguém se esquece de um bom professor”.

Uma verba adicional de mais de dois bilhões de libras foi destinada à melhoria das escolas.

Contagiados pelo entusiasmo, dinamismo e simpatia de Blair, 35 firmas já canalizaram 120 de seus funcionários como mentores das escolas de um dos mais carentes distritos londrinos.

Educar é punir? (p)]

**Todavia** o frenesi de Blair e de sua equipe de reformadores tem atraído críticas de várias frentes. (q) (T. Diss. 5)

A seguir, apresentamos as tabelas de 3 a 7 que expõem a posição das conjunções adversativas, na estrutura do enunciado e em diferentes tipos de textos, e de 8 a 12 que mostram os elementos relacionados pelas conjunções adversativas, também, em diferentes tipos de textos. Tanto para as posições, quanto para as relações com a estrutura precedente (natureza de p), construímos uma tabela para cada tipo de texto e uma tabela geral para os quatro tipos em conjunto.

### 2.2.2 Resultados

#### a) Posição das conjunções adversativas na estrutura do enunciado

**TABELA 3** - Conjunções adversativas e suas diferentes posições na estrutura do enunciado nos **textos descritivos**

Posição Conjunções	Início da adversativa		Após o sujeito		Após o verbo		Após conjunção		Após circunstância		Após oração		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	37/41	90,3	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	37/42	88,1
Porém	1/41	2,4	1/1	100,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	2/42	4,8
Contudo	0/41	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/42	0,0
Todavia	0/41	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/42	0,0
Entretanto	1/41	2,4	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1/42	2,3
No entanto	2/41	4,9	0/1	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	2/42	4,8
Total	41/42	97,6	1/42	2,4	0/42	0,0	0/42	0,0	0/42	0,0	0/42	0,0	42/42	100,0

A tabela 3 afirma o uso superior do **mas** (88,1%) nos textos descritivos em relação às outras conjunções. Essa conjunção é sempre empregada no início da adversativa (90,3%) e se considerarmos apenas ela tem-se 100% do **mas** nesta posição. Observamos também que essa é uma posição privilegiada para todas as conjunções nos textos descritivos, pois temos 97,6% dentre as outras posições apresentadas na tabela, para todas as conjunções. Encontramos apenas 1 **porém** após o sujeito.

**TABELA 4** - Conjunções adversativas e suas diferentes posições na estrutura do enunciado nos **textos narrativos**.

Posição Conjunções	Início da adversativa		Após o sujeito		Após o verbo		Após conjunção		Após circunstância		Após oração		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	65/68	95,5	0/2	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/2	0,0	0/0	0,0	65/73	89,0
Porém	1/68	1,5	1/2	50,0	1/1	100,0	0/0	0,0	1/2	50,0	0/0	0,0	4/73	5,5
Contudo	1/68	1,5	0/2	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/2	0,0	0/0	0,0	1/73	1,4
Todavia	0/68	0,0	0/2	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/2	0,0	0/0	0,0	0/73	0,0
Entretanto	0/68	0,0	0/2	0,0	0/1	0,0	0/0	0,0	0/2	0,0	0/0	0,0	0/73	0,0
No entanto	1/68	1,5	1/2	50,0	0/1	0,0	0/0	0,0	1/2	50,0	0/0	0,0	3/73	4,1
Total	68/73	93,2	2/73	2,7	1/73	1,4	0/73	0,0	2/73	2,7	0/73	0,0	73/73	100,0

A tabela 4 evidencia o significativo uso da conjunção **mas** (89,0%) dentre as outras conjunções, confirmando a sua posição sempre no início da adversativa. Para o **porém** (5,5%) e o **no entanto** (4,1%), observamos uma distribuição maior pela oração adversativa, encontrando-se ora no início, ora após o sujeito, o verbo e a circunstância. Já o **contudo** (1,4%) aparece somente no início. Mesmo com algumas conjunções sendo empregadas em posições diferentes na estrutura do enunciado, a tabela mostra-nos que há preferência, nesse tipo de texto, pelo início da adversativa (93,2%).

**TABELA 5** - Conjunções adversativas e suas diferentes posições na estrutura do enunciado nos **textos dissertativos**.

Posição Conjunções	Início da adversativa		Após o sujeito		Após o verbo		Após conjunção		Após circunstância		Após oração		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	43/54	79,6	0/2	0,0	0/2	0,0	0/2	0,0	0/6	0,0	0/4	0,0	43/70	61,4
Porém	2/54	3,7	0/2	0,0	0/2	0,0	0/2	0,0	3/6	50,0	1/4	25,0	6/70	8,6
Contudo	0/54	0,0	0/2	0,0	0/2	0,0	0/2	0,0	2/6	33,3	1/4	25,0	3/70	4,3
Todavia	1/54	1,9	1/2	50,0	0/2	0,0	0/2	0,0	0/6	0,0	0/4	0,0	2/70	2,9
Entretanto	2/54	3,7	0/2	0,0	1/2	50,0	0/2	0,0	1/6	16,7	1/4	25,0	5/70	7,1
No entanto	6/54	11,1	1/2	50,0	1/2	50,0	2/2	100,0	0/6	0,0	1/4	25,0	11/70	15,7
Total	54/70	77,1	2/70	2,9	2/70	2,9	2/70	2,9	6/70	8,6	4/70	5,6	70/70	100,0

A presença da conjunção **mas** (61,4%) no início da adversativa e, em proporção bem maior em relação às outras, é apresentada na tabela 5. A seguir temos

a conjunção **no entanto** (15,7%) que é empregada em diferentes posições na oração adversativa como no início, após o sujeito, após o verbo, a conjunção e a oração. O **porém** (8,6%) também é empregado em posições diferentes no enunciado. Observamos nessa tabela que, mesmo com a presença das conjunções em proporção maior no início da adversativa (77,1%), há uma distribuição pelo enunciado, com a presença delas em todas as posições.

**TABELA 6** - Conjunções adversativas e suas diferentes posições na estrutura do enunciado nos **textos injuntivos**

Posição Conjunções	Início da adversativa		Após o sujeito		Após o verbo		Após conjunção		Após circunstância		Após oração		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	26/28	92,8	0/1	0,0	0/3	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/1	0,0	26/33	78,8
Porém	1/28	3,6	1/1	100,0	1/3	33,3	0/0	0,0	0/0	0,0	1/1	100,0	4/33	12,2
Contudo	0/28	0,0	0/1	0,0	1/3	33,3	0/0	0,0	0/0	0,0	0/1	0,0	1/33	3,0
Todavia	0/28	0,0	0/1	0,0	0/3	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/1	0,0	0/33	0,0
Entretanto	1/28	3,6	0/1	0,0	0/3	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/1	0,0	1/33	3,0
No entanto	0/28	0,0	0/1	0,0	1/3	33,4	0/0	0,0	0/0	0,0	0/1	0,0	1/33	3,0
Total	28/33	84,9	1/33	3,0	3/33	9,1	0/33	0,0	0/33	0,0	1/33	3,0	33/33	100,0

A tabela 6 confirma novamente o maior emprego da conjunção **mas** (78,8%), quando comparado às outras conjunções e posicionando-se sempre no início da adversativa. Em seguida observamos o emprego do **porém** (12,2%), situando-se tanto no início, quanto após o sujeito, o verbo e a oração. As conjunções **contudo** e **no entanto** têm o mesmo emprego (3,0%) e se posicionam da mesma forma na estrutura do enunciado, ou seja, após o verbo. A preferência pelo emprego no início da adversativa (84,9%) também predomina nos textos injuntivos.

**TABELA 7** - Conjunções adversativas e suas diferentes posições na estrutura do enunciado nos **quatro tipos de textos**

Posição	Início da adversativa		Após o sujeito		Após o verbo		Após conjunção		Após circunstância		Após oração		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	171/191	89,6	0/6	0,0	0/6	0,0	0/2	0,0	0/8	0,0	0/5	0,0	171/218	78,4
Porém	5/191	2,6	3/6	50,0	2/6	33,3	0/2	0,0	4/8	50,0	2/5	40,0	16/218	7,3
Contudo	1/191	0,5	0/6	0,0	1/6	16,7	0/2	0,0	2/8	25,0	1/5	20,0	5/218	2,3
Todavia	1/191	0,5	1/6	16,7	0/6	0,0	0/2	0,0	0/8	0,0	0/5	0,0	2/218	1,0
Entretanto	4/191	2,1	0/6	0,0	1/6	16,7	0/2	0,0	1/8	12,5	1/5	20,0	7/218	3,2
No entanto	9/191	4,7	2/6	33,3	2/6	33,3	2/2	100,0	1/8	12,5	1/5	20,0	17/218	7,8
Total	191/218	87,6	6/218	2,7	6/218	2,7	2/218	1,0	8/218	3,7	5/218	2,3	218/218	100,0

A confirmação do emprego do **mas** (89,6%), no início da oração adversativa é evidenciada na tabela geral 7. Outro ponto a ser observado é o uso do **no entanto** (7,8%) em todas as posições na estrutura do enunciado, seguido do **porém** (7,3%) que só não aparece após a conjunção. A tabela 7 também confirma a presença de todas as conjunções (87,6%) no início da oração adversativa e com uma diferença acentuada em relação às outras posições, como após o sujeito (2,7%), após o verbo (2,7%) e assim sucessivamente.

### b) Elementos relacionados pelas conjunções

**TABELA 8 - Relações da estrutura (q) com as diferentes naturezas da estrutura precedente (p) nos textos descritivos.**

Natureza de p	Sintagma		Oração		Trechos										Total	
					Período		Conjunto de Período		Parágrafo		Conjunto de Parágrafo		Subtotal			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	5/5	100,0	21/22	95,5	6/7	85,7	1/2	50,0	4/4	100,0	0/2	0,0	11/15	73,3	37/42	88,1
Porém	0/5	0,0	1/22	4,5	1/7	14,3	0/2	0,0	0/4	0,0	0/2	0,0	1/15	6,7	2/42	4,8
Contudo	0/5	0,0	0/22	0,0	0/7	0,0	0/2	0,0	0/4	0,0	0/2	0,0	0/15	0,0	0/42	0,0
Todavia	0/5	0,0	0/22	0,0	0/7	0,0	0/2	0,0	0/4	0,0	0/2	0,0	0/15	0,0	0/42	0,0
Entretanto	0/5	0,0	0/22	0,0	0/7	0,0	0/2	0,0	0/4	0,0	1/2	50,0	1/15	6,7	1/42	2,3
No entanto	0/5	0,0	0/22	0,0	0/7	0,0	1/2	50,0	0/4	0,0	1/2	50,0	2/15	13,3	2/42	4,8
Total	5/42	11,9	22/42	52,4	7/15	46,7	2/15	13,3	4/15	26,7	2/15	13,3	15/42	35,7	42/42	100,0

A tabela 8 mostra que o **mas** é a única conjunção que se relaciona com sintagma (100%), essa conjunção relaciona-se também com orações (95,5%) e com trechos (73,3%), em uma proporção maior do que as outras conjunções. Em seguida, a tabela apresenta o **no entanto** (13,3%), com um emprego maior do que o **porém** e o **entretanto**(6,7%), na sua relação com trechos. Quando comparamos a relação da oração adversativa (q) com o segmento anterior (p), observamos que essa oração (q) se relaciona mais com orações (52,4%) do que com trechos (35,7%) e com sintagmas (11,9%).

**TABELA 9 - Relações da estrutura (q) com as diferentes naturezas da estrutura precedente (p) nos textos narrativos.**

Natureza de p Conjunções	Sintagma		Oração		Trechos										Total	
					Período		Conjunto de Período		Parágrafo		Conjunto de Parágrafo		Subtotal			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	0/0	0,0	38/39	97,4	12/16	75,0	4/5	80,0	11/13	84,6	0/0	0,0	27/34	79,5	65/73	89,0
Porém	0/0	0,0	1/39	2,6	1/16	6,3	1/5	20,0	1/13	7,7	0/0	0,0	3/34	8,8	4/73	5,5
Contudo	0/0	0,0	0/39	0,0	1/16	6,3	0/5	0,0	0/13	0,0	0/0	0,0	1/34	2,9	1/73	1,4
Todavia	0/0	0,0	0/39	0,0	0/16	0,0	0/5	0,0	0/13	0,0	0/0	0,0	0/34	0,0	0/73	0,0
Entretanto	0/0	0,0	0/39	0,0	0/16	0,0	0/5	0,0	0/13	0,0	0/0	0,0	0/34	0,0	0/73	0,0
No entanto	0/0	0,0	0/39	0,0	2/16	12,4	0/5	0,0	1/13	7,7	0/0	0,0	3/34	8,8	3/73	4,1
Total	0/73	0,0	39/73	53,4	16/34	47,1	5/34	14,7	13/34	38,2	0/34	0,0	34/73	46,6	73/73	100,0

Na tabela 9, observamos que a oração adversativa (q) não se relaciona com o enunciado precedente (p), estruturado como sintagma. O **mas** foi a conjunção mais empregada (89,0%) e se relacionou em proporção bem maior (97,4%) com (p), estruturado como oração. Tanto o **mas** quanto o **porém** ligaram-se a (p) da mesma forma, ou seja, sendo (p) oração, período, conjunto de período e parágrafo, apresentando, assim, uma distribuição igual com a estrutura precedente. A única ocorrência de **contudo** teve como (p) um período e **no entanto** teve como (p) o período e o parágrafo. Observamos também que nenhuma conjunção relacionou-se com conjunto de parágrafo no texto narrativo.

**TABELA 10 - Relações da estrutura (q) com diferentes naturezas da estrutura precedente (p) nos textos dissertativos.**

Natureza de p Conjunções	Sintagma		Oração		Trechos								Total			
					Período		Conjunto de Período		Parágrafo		Conjunto de Parágrafo				Subtotal	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	0/0	0,0	28/29	96,5	6/13	46,0	3/8	37,5	4/15	26,7	2/5	40,0	15/41	36,6	43/70	61,4
Porém	0/0	0,0	1/29	3,5	1/13	7,8	1/8	12,5	3/15	20,0	0/5	0,0	5/41	12,2	6/70	8,6
Contudo	0/0	0,0	0/29	0,0	1/13	7,8	1/8	12,5	1/15	6,7	0/5	0,0	3/41	7,3	3/70	4,3
Todavia	0/0	0,0	0/29	0,0	1/13	7,8	0/8	0,0	0/15	0,0	1/5	20,0	2/41	4,9	2/70	2,9
Entretanto	0/0	0,0	0/29	0,0	0/13	0,0	1/8	12,5	2/15	13,3	2/5	40,0	5/41	12,2	5/70	7,1
No entanto	0/0	0,0	0/29	0,0	4/13	30,6	2/8	25,0	5/15	33,3	0/5	0,0	11/41	26,8	11/70	15,7
Total	0/70	0,0	29/70	41,4	13/41	31,7	8/41	19,5	15/41	36,6	5/41	12,2	41/70	58,6	70/70	100,0

Observamos na tabela 10 que, nos textos dissertativos, a relação das orações adversativas ocorre com maior frequência com (p) representado por trechos (58,6%), e por orações (41,4%). Observamos também que o **mas** (96,5%) se relaciona sobretudo com orações, sendo **entretanto** importante na relação de (q) com (p) representado por todos os tipos de trechos. É interessante notar a importância na relação com (p) representado por trechos das conjunções **no entanto** (26,8%), **entretanto** e **porém** ( com 12,2% cada ). Nenhuma conjunção tem como estrutura precedente o sintagma em textos dissertativos.

**TABELA 11 - Relações da estrutura (q) com as diferentes naturezas da estrutura precedente (p) nos textos injuntivos**

Natureza de p Conjunções	Sintagma		Oração		Trechos								Total			
					Período		Conjunto de Período		Parágrafo		Conjunto de Parágrafo				Subtotal	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	0/0	0,0	16/16	100,0	8/10	80,0	0/0	0,0	2/6	33,2	0/1	0,0	10/17	58,8	26/33	78,8
Porém	0/0	0,0	0/16	0,0	2/10	20,0	0/0	0,0	1/6	16,7	1/1	100,0	4/17	23,5	4/33	12,2
Contudo	0/0	0,0	0/16	0,0	0/10	0,0	0/0	0,0	1/6	16,7	0/1	0,0	1/17	5,9	1/33	3,0
Todavia	0/0	0,0	0/16	0,0	0/10	0,0	0/0	0,0	0/6	0,0	0/1	0,0	0/17	0,0	0/33	0,0
Entretanto	0/0	0,0	0/16	0,0	0/10	0,0	0/0	0,0	1/6	16,7	0/1	0,0	1/17	5,9	1/33	3,0
No entanto	0/0	0,0	0/16	0,0	0/10	0,0	0/0	0,0	1/6	16,7	0/1	0,0	1/17	5,9	1/33	3,0
Total	0/33	0,0	16/33	48,5	10/17	58,8	0/17	0,0	6/17	35,3	1/17	5,9	17/33	51,5	33/33	100,0

Observamos, na tabela 11, que a maior parte das conjunções relaciona-se com (p) quando (p) se estrutura como trechos (51,5%), quando comparamos com

oração (48,5%). A tabela mostra ainda que nenhuma conjunção relaciona-se com sintagma e conjunto de períodos e que na injunção quase todas as conjunções podem ter como precedente o parágrafo (35,3%), exceto o  **todavia**, que não apareceu nesse tipo de texto.

**TABELA 12** - Relações da estrutura (q) com diferentes naturezas da estrutura precedente (p)  **nos quatro tipos de textos.**

Natureza de p Conjunções	Sintagma		Oração		Trechos										Total	
					Período		Conjunto de Período		Parágrafo		Conjunto de Parágrfo		Subtotal			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	5/5	100,0	103/106	97,2	32/46	69,6	8/15	53,3	21/38	55,3	2/8	25,0	63/107	58,9	171/218	78,4
Porém	0/5	0,0	3/106	2,8	5/46	10,9	2/15	13,3	5/38	13,2	1/8	12,5	13/107	12,1	16/218	7,3
Contudo	0/5	0,0	0/106	0,0	2/46	4,3	1/15	6,7	2/38	5,2	0/8	0,0	5/107	4,7	5/218	2,3
Todavia	0/5	0,0	0/106	0,0	1/46	2,2	0/15	0,0	0/38	0,0	1/8	12,5	2/107	1,9	2/218	1,0
Entretanto	0/5	0,0	0/106	0,0	0/46	0,0	1/15	6,7	3/38	7,9	3/8	37,5	7/107	6,5	7/218	3,2
No entanto	0/5	0,0	0/106	0,0	6/46	13,0	3/15	20,0	7/38	18,4	1/8	12,5	17/107	15,9	17/218	7,8
Total	5/218	2,3	106/218	48,7	46/107	43,0	15/107	14,0	38/107	35,5	8/107	7,5	107/218	49,0	218/218	100,0

A tabela geral 12 evidencia que a relação das adversativas ocorre em proporção semelhante quando a estrutura precedente (p) se apresenta como oração (48,7%) ou como trechos (49,0%), ficando a relação com o sintagma em uma proporção bem inferior (2,3%). Observamos também que na relação com trechos, o período teve uma proporção maior (43,0%), seguido do parágrafo (35,5%).

### 2.2.3 Análise dos dados

Os dados apresentados na tabela 2 nos revelam inicialmente a preferência pelo empregado do **mas** nos quatro tipos de textos. De acordo com nossa intuição, era esperado que a seguir viesse o **porém**, mas não foi o que ocorreu, pois a conjunção **no entanto** (não em grande proporção) aparece em número maior de ocorrências, principalmente nos textos dissertativos. Assim, contrariando essa intuição, o **porém** apresenta uma frequência menor que o **no entanto**, embora a diferença não seja significativa. A justificativa para esse fato esperamos encontrar na análise das

dimensões sintáticas, semânticas e argumentativas. Observamos também nessa tabela o pouco uso da conjunção  **todavia** (1,0%), seguido do  **contudo** (2,3%) e do  **entretanto** (3,2%). Assim essa tabela nos mostra que em textos escritos a preferência se estabelece com o  **mas** (78,4%),  **no entanto** (7,8%) e o  **porém** (7,3%).

Acreditamos que o emprego do  **mas** em uma proporção bem diferenciada das outras conjunções se deve ao fato de essa conjunção relacionar-se com os diferentes segmentos que constituem a estrutura do enunciado, principalmente quando esse segmento é estruturado como oração. Entretanto o  **mas** não possui a mesma mobilidade de posição dentro da frase como as outras conjunções, pois ele é empregado sempre no início da oração adversativa. Observamos que as conjunções  **porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto**, além de se posicionarem no início da oração como o  **mas**, posicionam-se também após o sujeito, o verbo, a conjunção, a circunstância e a oração. Essas posições evidenciam que o autor determina a ordem das palavras na frase e ao fazer isso ele projeta um significado que diferencia do outro. Votre e Naro ( apud Berlinck,1997:60) dizem que a ordem em que o elemento aparece na frase depende do grau em que esse elemento é central ou periférico como, por exemplo, na ordem verbo mais sujeito, a informação não é dirigida para o sujeito. Dessa mesma forma ocorre no nosso trabalho: quando o autor estrutura sua frase, estabelecendo a localização da conjunção antes ou depois do sujeito ou do verbo, etc, ele está tentando direcionar o efeito de sentido que quer provocar na leitura do leitor.

Na verdade, observamos que há uma interdependência entre as dimensões sintáticas, semânticas e argumentativas, pois há uma combinação entre as relações que o autor estabelece ao estruturar o enunciado e a projeção de significado que essa estrutura pode desencadear. No exemplo (74), o autor, ao colocar o  **porém** após o sujeito da seqüência que representa o contraste: “ o motorista consciente” ele dá realce a esse tópico (sujeito) e essa organização pode definir os rumos que o produtor pretende do leitor. O autor poderia ter iniciado a oração adversativa com o  **porém**, entretanto não o fez, porque quer chamar a atenção, focar a informação para o sujeito dessa oração, ou seja, “ a velocidade máxima é de 60km, o motorista consciente (e isto é que importa),  **porém** deve regular sua própria velocidade”. Verificamos também que, além do sentido determinado pela posição do sujeito antes da conjunção adversativa (o foco da atenção está no sujeito), há uma orientação argumentativa

estabelecida, que aponta para o leitor o que é um motorista consciente e também para a sua responsabilidade no trânsito.

Ducrot (1981:178-179) assevera que o valor da argumentação de uma frase não é somente a consequência das informações que essa frase traz, mas ela comporta expressões, palavras que, além de seu conteúdo informativo, também servem para conduzir o leitor a uma determinada direção, orientação argumentativa, nesse caso: argumentar a favor de uma luta geral da sociedade: “o motorista consciente é capaz de regular sua velocidade e conseqüentemente evitar acidentes”.

Assim, a partir dessa estratégia de relação, o leitor é dirigido a chegar a uma determinada conclusão que foi conduzida pelo autor.

Ao analisarmos as posições das conjunções em estudo, na estrutura do enunciado, verificamos que poderiam ser permutadas entre elas (somente o **mas** não permite outra posição que não a do início da adversativa), parecendo não haver alteração de sentido. Entretanto, há conjunções com emprego bastante reduzido como  **todavia** e mesmo o  **contudo** e  **entretanto**, como mostram os dados.

Outra observação que podemos fazer, a partir das tabelas, é que somente nos textos dissertativos as conjunções estão presentes em todas as posições do enunciado. Esse fato parece mostrar que esse tipo de texto, como diz Travaglia (1991:50), que coloca o interlocutor como ser que busca o refletir, o explicar, o fazer saber, possibilita ao autor utilizar diferentes estratégias para levar seu interlocutor a atingir os objetivos a que esse tipo de texto se propõe. O que não ocorre com os textos descritivos e injuntivos, que possuindo um menor número de conjunções, como apresenta a tabela 2 (15,1% e 19,3% respectivamente), essas conjunções estão posicionadas principalmente no início da adversativa (87,6% tabela 7).

Acreditamos que esse fato ocorre porque esses tipos de textos, segundo Travaglia (1991), estabelecem uma relação com o interlocutor de espectador, de observador (textos descritivos) e de realizador de uma situação (textos injuntivos) e por isso o autor não necessita de estratégias lingüísticas, como o emprego da conjunção em diferentes posições na frase, para convencer o leitor, já que seus objetivos estão nos planos do mostrar, caracterizar para os descritivos e incitar, ordenar para os injuntivos.

Os narrativos (tabela 4) possuem uma distribuição pela oração adversativa semelhante à do injuntivo (tabela 6), com predominância para o início da oração

adversativa (93,2%) para os narrativos e (84,9%) para os injuntivos. Parece-nos que também nesse tipo de texto, o autor não se preocupa tanto em focar esse ou aquele elemento da frase, pois o seu interlocutor se coloca como assistente, ouvindo/lendo fatos, acontecimentos.

Enfim, observamos na tabela geral 7 que a predominância do emprego da adversativa, que se estabelece no início da oração, ocorre principalmente com a conjunção **mas**. Esse fato leva a crer que essa é uma posição das conjunções nos textos escritos e que o largo emprego do **mas** usado somente no início faz com que esse número seja bem maior (87,6%) quando comparado ao número das outras conjunções. Esse emprego pode ser justificado pela intenção do autor em propor a adversidade imediatamente após a proposição antecedente. As outras posições apontam para a necessidade que o autor tem de focar, enfatizar uma ou outra palavra/expressão/frase. Dessa forma, concluímos que empregar as conjunções em diferentes posições, dando foco a elementos que são considerados pelo autor como fundamentais, ou até não focalizando nenhum, em um determinado tipo de texto, faz com que esse autor tente dirigir, manobrar os efeitos de sentidos e a orientação argumentativa que ele (autor) pretende do seu interlocutor.

Encontramos também nos estudos da Gramática Tradicional comentários sobre essa mobilidade das conjunções em estudo. Esse fato é explicado porque elas tiveram origem como reforço adverbial o que possibilitou o emprego das conjunções **no entanto, contudo, todavia, entretanto e porém** não só no início, como no meio e até no fim da oração. Não encontramos em nosso corpus nenhuma ocorrência da conjunção ao final da oração, como citou Bechara (2000), no exemplo (60). Essa origem adverbial também explica o emprego da conjunção adversativa após uma outra conjunção, como no exemplo (76): “E, **no entanto**, sentimos que o contrário também é verdade...”. Pereira (1937) afirma que era comum no latim reforçar certas conjunções coordenativas e à semelhança do latim reforçamos também, como em: **e contudo, mas porém...**

Quanto à natureza dos elementos relacionados (estrutura precedente p) às conjunções em estudo (estrutura q), a tabela geral 12 mostra que com pouca diferença as conjunções ligaram-se igualmente a trechos (49,0%) e a orações (48,7%). No caso dos dissertativos o resultado apresentado na tabela 10 foi de 58,6% para relações com trechos e 41,4% para relações com orações.

Buscamos justificativas para esse fato no tipo de texto, já que o texto dissertativo permite estruturas mais complexas, pois seu modo de interação (Travaglia:1991), de relação com o interlocutor apresenta-se através da reflexão, da análise. O interlocutor é visto como ser que avalia, que julga. Diante disso, o autor elabora o seu texto, empregando as conjunções adversativas em frases que se opõem a períodos, parágrafos, conjunto de períodos, conjunto de parágrafos, como foi apresentado nos exemplos (81), (82), (83) e (84). O interlocutor deve estar atento, buscando as relações entre a oração adversativa e os elementos a que ela se contrapõem, que podem ser mais simples se forem um sintagma, oração, período ou mais complexos se forem conjunto de períodos, parágrafos, conjunto de parágrafos. Outra observação importante é que nem sempre o elemento a que a adversativa se opõe é facilmente localizável e por isso exige do interlocutor maior reflexão. Vejamos o exemplo a seguir:

- (85) [A bancada ruralista aprovou ontem, na Comissão de Agricultura da Câmara, um projeto que rola a dívida do setor agropecuário, que pode chegar a R\$ 25 bilhões, por 20 anos, com quatro de carência, juros líquidos de 3% ao ano e um desconto de 40%.

Essas reivindicações soariam imodestas até para banqueiros amparados pelo Proer, governos estaduais beneficiados pelo Proes, concessionários de serviços públicos apoiados pelo BNDES, financistas sustentados pelo Banco Central na crise cambial e políticos agraciados por rodadas sucessivas de federalização de dívidas estaduais e municipais (p)].

**No entanto**, os R\$ 25 bilhões que os agricultores querem jogar sobre o tesouro têm o mesmo caráter desses fantásticos exemplos: são pressões pela socialização de prejuízos (q). (T. Diss. 2)

Notamos nesse exemplo (85) que a oração iniciada pela conjunção **no entanto** se opõe aos dois parágrafos precedentes: ao da bancada ruralista que aprovou projeto que rola dívida de R\$25 bilhões por quatro anos e o outro que diz que essas reivindicações soariam imodestas até para banqueiros.... Após esses dois parágrafos o leitor se depara com uma conjunção adversativa que ao estabelecer a oposição faz uma crítica às pressões impostas pela socialização dos prejuízos.

Observamos então que o leitor para compreender a que o **no entanto** se opõe deve “raciocinar” buscando a referência opositiva em todas as idéias colocadas anteriormente.

Um outro tipo de texto que apresenta essa mesma relação, ou seja, a oração adversativa se relacionando mais a trechos é o injuntivo. Nele temos 51,5% para relação com trechos e 48,5% para relação com orações (tabela 11). Vejamos:

(86) [Em todas as dificuldades, trabalhe, ore, e perdoe (p)].

Reconheçamos, **porém**, que, em qualquer processo de sustentação da saúde, o primeiro passo será sempre “trabalhar” (q).(T.I.16)

Observamos em (86) que o autor incita o interlocutor a fazer mais de uma ação. Ele determina que se deve trabalhar, orar, perdoar, e depois iniciando um novo período contrasta a todas as ações requeridas anteriormente, reconhecendo que uma ação é mais importante: “trabalhar”. Assim o uso do **porém** também aponta para um sentido que na escala argumentativa se apresenta como mais forte.

A relação com sintagma aparece somente com textos descritivos e com a conjunção **mas**, isso parece mostrar também uma relação com o tipo de texto, já que no descritivo o interlocutor é um “voyeur” do espetáculo (Travaglia:1991) e o que o autor quer é caracterizar, dizer como é, e essa intenção pode ocorrer em estruturas mais simples, como no exemplo (87):

(87) O auditório está localizado a pouco mais de cinco quilômetros da Vila Abernésia, o centro comercial da cidade, e para chegar a ele de carro é necessário pegar [as agradáveis (p)], **porém** estreitas estradinhas cercadas de muito verde que lhe dão acesso (q).(T.Desc.8)

Ao caracterizar as estradinhas, o autor utilizou-se do contraste entre dois sintagmas: “agradáveis, **porém** estreitas” e isso basta para o interlocutor perceber “como é”.

## 2.3 - Dimensão semântica

As diferenças semânticas serão vistas a partir do valor que cada conjunção adversativa pode estabelecer no enunciado a que ela pertence. As conjunções investigadas neste estudo: **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto**, **no entanto** são aquelas que comportam o sentido que vai do contraste até a negação. Segundo Neves (1984), como vimos, em todo enunciado com a conjunção adversativa **mas** tem algo de oposição que passa pela simples condição de desigualdade, até uma oposição máxima que é a anulação. Fizemos em nossa pesquisa uma distribuição dos significados das conjunções em quatro variações como mostramos a seguir, com exemplos do corpus.

### 2.3.1 Variações de significado das conjunções adversativas

Instituímos quatro variações básicas de significado para as conjunções adversativas:

1) **negação**: na forma de **p mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ no entanto/ porém q**, encontramos:

a) o reconhecimento de uma entidade em **p** e em seguida sua negação, refutação:

(88) É um país sórdido que escamoteia até as palavras.[ Quem deveria pagar IR (p)], **mas** não o faz (q), não pratica sonegação, no vocabulário desse Brasil indecente. (T. Diss. 23)

**P** reconhece que há pessoas que deveriam pagar imposto de renda (IR), entretanto **q**, oração introduzida pela adversativa **mas**, nega a ação que deveria ser praticada, afirmando que essas mesmas pessoas não pagam IR.

b) o reconhecimento de uma entidade em **p** e a negação de outra entidade em **q** contrapondo-se à já reconhecida:

(89) [Foram presos o mecânico Edivaldo Pereira da Silva,23, e os adolescentes M.A.V., 17, e D.B., 17.

No domingo passado, outros três homens foram presos sob suspeita de pertencer à gangue da batida (p)], **mas** eles não foram reconhecidos pelas mulheres vítimas...(q) (T. N. 14)

P declara que homens suspeitos de pertencer à gangue da batida foram presos, em seguida, a seqüência q , introduzida pelo **mas**, contrapõe-se a p através da negação nela contida: os presos suspeitos não foram reconhecidos pelas vítimas e portanto poderão ser libertados, havendo assim uma negação na oração adversativa.

Verificamos nos corpus que as negações aparecem lexicalizadas através de palavras como: não, nenhum, nada, sem, etc, como no exemplo:

(90)[ Muita gente se amontoou na porta (p)], **mas ninguém** teve coragem de se aproximar dos estranhos (q) .(T.N.22)

P reconhece uma situação ( gente amontoadada) e em seguida q, introduzida por **mas**, nega uma outra situação, através da palavra **ninguém**, contrapondo-se à antecedente. (apesar de gente amontoadada, ninguém aproximou-se dos estranhos).

Encontramos também nos textos verbos que se opõem como discorde/concorde ou evite/use e que negam a frase precedente. Vejamos em (91):

(91) [**Evite** abreviações em casos de títulos de graduação (p)], **mas as use** em se tratando de jargões (q). (T.I.5)

Em p , ordena-se para evitar, já em q , através do imperativo use, essa ordem é alterada, impondo uma outra situação.

**2) Retificação:** na estrutura **p,mas/ porém/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto q** , o enunciado q pode:

a) corrigir, retificar p:

(92) Eram 5 horas da manhã e [o cortiço acordava, abrindo, não os olhos (p)], **mas** a sua infinidade de portas e janelas alinhadas(q). (T.N.14)

Vogt (1989:104), em colaboração com Ducrot, considera que a construção não p, mas q é empregada para retificar, ou seja, a oração introduzida pela conjunção adversativa **mas** admite sempre uma correção à oração antecedente, em forma de substituição, como no exemplo (92), “portas e janelas” em **q** apresentam-se como correção de **p** “os olhos”, sem permitir uma descrição polifônica. Há somente uma retificação entre entidades.

Nesse caso, esses autores apresentam uma relação entre o sentido da conjunção **mas** e o sentido do advérbio **magis**. Para eles, quando o **mas** funciona como retificador ele é **MasSN** e não introduz um argumento de oposição, mas simplesmente um elemento de correção. Já em outras estruturas, em que o **mas** ocorre sem a negação antecedente, ele funciona como **MasPA**, orientador de uma conclusão não esperada e portanto argumentativa, como visto anteriormente. Ainda em (93), o **masSN**, como retificador:

(93) Na boiada já fui boi  
 mas [um dia me montei  
 não por um motivo meu  
 ou de quem comigo houvesse  
 que qualquer querer tivesse(p)]  
**porém** por necessidade  
 de o dono de uma boiada  
 cujo vaqueiro morreu(q).(T.N.2)

No exemplo (93), a adversativa **porém** estabelece uma correção, uma retificação em relação à estrutura precedente (p), isto é, o personagem que um dia montou o fez não por motivo próprio ou de outros, o fez pela necessidade da situação, causada pela morte de um vaqueiro. Temos então a construção não p porém q que retifica o “querer, a vontade” pela “necessidade”. Observamos então que não só o **mas** faz parte desse tipo de construção, como também as outras adversativas são empregadas nessa mesma estrutura e com o mesmo valor.

b) mudar a orientação do assunto de p, dando seqüência ao texto:

(94) [Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro quadro de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos jasmims e grandes campânulas

roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de ouro nas pontas das asas (p)].

**Mas** logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, pássaros rápidos e certos...

**Mas** o quintal da casa abandonada ostenta uma delicada mangueira, ainda com moles folhas cor de bronze sobre a cerrada fronde sombria...

**Mas** por detrás estão as velhas casas, pequenas e tortas, pintadas de cores vivas, como desenhos infantis, com seus varais carregados de toalhas de mesa...

**Mas**, depois disso, aparecem várias fachadas, que se vão sobrepondo uma às outras, dispostas entre palmeiras e arbustos vários, pela encosta do morro(q). (T. Desc. 4)

A seqüência descritiva do exemplo (94) mostra que a presença do **mas** no início dos parágrafos aponta para uma mudança de foco de assunto, organizando o texto e assegurando a sua progressão. A cada parágrafo introduzido pela conjunção **mas** admira-se um plano diferente do quadro que a autora gostaria de pintar.

(95) [O pai examinou a situação e propôs: \_ “Olha, Henriquinho, se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí vem cá com o pai.”

O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse (p)]:  
“**Mas** nós vamos fazer pra ela um grande funeral (q)”.(T.N.17)

No exemplo (95), a narrativa caminha com a presença do narrador e a fala do pai que tenta consolar o filho, entretanto é interrompida a partir do emprego do **mas** que ao introduzir a voz do pai, dá uma nova orientação à conversa, acrescentando uma outra idéia a de “ fazer um grande funeral”, como um consolo para o mesmo.

**3) Contraste:** na estrutura p **mas/ porém/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto** q, estamos considerando que q não elimina p apenas distingue-se, há entre p e q um eixo de comparação do mesmo elemento ou de elementos diversos que pode apresentar-se em termos de semelhança ou de dissemelhança.

(96) [ Durante uma conversa ou uma reunião, quanto mais você discordar, mais iminente será a briga.. Posicione-se (p) ], **mas** refreie seus impulsos de levar a coisa para o lado pessoal (q). (T.I.1)

O exemplo (96) constata um eixo de identidade entre p e q : a atitude. O contraste é estabelecido pela dissemelhança existente entre p atitude de discordar, posicionando-se e q atitude de refrear os impulsos.

(97) [A diminuição dos limites máximos de empréstimos contribui, em tese, para que os bancos restrinjam um pouco mais a oferta de crédito, o que pode aprofundar as tendências recessivas na economia (p)]. Na prática, **porém**, é cedo para avaliar se esse efeito terá magnitude significativa (q)...(T.Diss.20)

Em (97),o eixo de identidade entre p e q diz respeito às medidas que vão afetar os serviços bancários. O contraste se institui entre a teoria (diminuição dos limites de empréstimos, restringindo e causando recessão) e a prática (é cedo para avaliar qual será o efeito).

**4) Quebra de expectativa:** na estrutura p **mas/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto/ porém** q, a seqüência q quebra a expectativa criada pela seqüência p. Há um conhecimento de mundo partilhado que é pressuposto e quebrado a partir da oração iniciada pela conjunção adversativa.

(98) [ ...O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes, o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua.

Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses...(p)]

E, **no entanto**, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos (q).(T.Diss. 21)

A seqüência p de (98) aponta para uma rejeição ao estrangeiro já que ele nos provoca medo, desconfiança e é tão diferente de nós. Entretanto a seqüência q quebra essa expectativa de rejeição na medida em que considera a partir do **no entanto** ser verdade que sonhamos com essa mesma terra rejeitada e que ela pode realizar nosso desejo.

(99) [ Há também quem se anime com as fontes sulfurosas a 70° C. Dizem que são terapêuticas (p)], **mas** queimam a pele e fedem a ovo podre, a enxofre (q). (T.Desc.19)

De acordo com o nosso conhecimento de mundo o que é terapêutico é benéfico e pode levar à cura, entretanto a seqüência q, iniciada pelo **mas**, quebra a expectativa criada e apresenta os problemas das águas sulfurosas como queimaduras e mau cheiro.

A seguir, apresentamos as tabelas de 13 a 16 que mostram os valores semânticos das adversativas em estudo, nos quatro tipos de texto e a tabela 17 que expõe uma visão geral desses valores.

### 2.3.2 Resultados

#### Valores semânticos das conjunções adversativas

**TABELA 13** - Distribuição dos valores semânticos estabelecidos para as conjunções adversativas, nos **textos descritivos**.

Conjunção \ Valor	Negação		Retificação		Contraste		Quebra de expectativa		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	2/2	100,0	10/12	83,4	14/16	87,5	11/12	91,7	37/42	88,1
Porém	0/2	0,0	0/12	0,0	2/16	12,5	0/12	0,0	2/42	4,8
Contudo	0/2	0,0	0/12	0,0	0/16	0,0	0/12	0,0	0/42	0,0
Todavia	0/2	0,0	0/12	0,0	0/16	0,0	0/12	0,0	0/42	0,0
Entretanto	0/2	0,0	1/12	8,3	0/16	0,0	0/12	0,0	1/42	2,3
No entanto	0/2	0,0	1/12	8,3	0/16	0,0	1/12	8,3	2/42	4,8
Total	2/42	4,7	12/42	28,6	16/42	38,1	12/42	28,6	42/42	100,0

Na tabela 13, observamos o maior emprego da conjunção **mas** (88,1%) quando comparado ao das outras conjunções, como o **porém**, o **no entanto** com 4,8% e o **entretanto** com 2,3%. Dentre os valores analisados, o contraste (38,1%) foi o mais usado, sendo seguido da quebra de expectativa (28,6%) e a retificação (28,6%). A negação (4,7%) apresenta um baixo emprego nos textos descritivos.

**TABELA 14** - Distribuição dos valores semânticos estabelecidos para as conjunções adversativas, nos **textos narrativos**.

Valor Conjunção	Negação		Retificação		Contraste		Quebra de expectativa		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	17/18	94,4	15/16	93,8	14/14	100,0	19/25	76,0	65/73	89,0
Porém	1/18	5,6	1/16	6,2	0/14	0,0	2/25	8,0	4/73	5,5
Contudo	0/18	0,0	0/16	0,0	0/14	0,0	1/25	4,0	1/73	1,4
Todavia	0/18	0,0	0/16	0,0	0/14	0,0	0/25	0,0	0/73	0,0
Entretanto	0/18	0,0	0/16	0,0	0/14	0,0	0/25	0,0	0/73	0,0
No entanto	0/18	0,0	0/16	0,0	0/14	0,0	3/25	12,0	3/73	4,1
Total	18/73	24,7	16/73	21,9	14/73	19,2	25/73	34,2	73/73	100,0

Observamos na tabela 14 que o valor semântico quebra de expectativa (34,2%) foi o mais empregado, sendo seguido da negação (24,7%). Os outros valores apresentam emprego equivalente entre si: retificação (21,9%) e contraste (19,2%). As conjunções  **todavia**  e  **entretanto**  não foram empregadas nesse tipo de texto.

**TABELA 15** - Distribuição dos valores semânticos estabelecidos para as conjunções adversativas, nos **textos dissertativos**.

Valor Conjunção	Negação		Retificação		Contraste		Quebra de expectativa		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	10/15	66,7	13/14	92,8	12/17	70,6	8/24	33,3	43/70	61,4
Porém	0/15	0,0	0/14	0,0	1/17	5,8	5/24	20,8	6/70	8,6
Contudo	0/15	0,0	1/14	7,2	0/17	0,0	2/24	8,3	3/70	4,3
Todavia	1/15	6,7	0/14	0,0	0/17	0,0	1/24	4,2	2/70	2,9
Entretanto	2/15	13,3	0/14	0,0	2/17	11,8	1/24	4,2	5/70	7,1
No entanto	2/15	13,3	0/14	0,0	2/17	11,8	7/24	29,2	11/70	15,7
Total	15/70	21,4	14/70	20,0	17/70	24,3	24/70	34,3	70/70	100,0

O emprego do **mas** ocorreu em 61,4%, sendo que dentre os valores semânticos a proporção maior foi na retificação (92,8%). O **no entanto** (15,7%) apresenta-se com um

emprego quatro vezes menor em relação à conjunção **mas** e o maior valor empregado com **no entanto** foi o de quebra de expectativa (29,2%). O uso desse valor predominou com 34,3%, sendo que os demais mantiveram frequências semelhantes: contraste (24,3%), negação (21,4%) e retificação (20,0%).

**TABELA 16** - Distribuição dos valores semânticos estabelecidos para as conjunções adversativas, nos **textos injuntivos**.

Conjunção \ Valor	Negação		Retificação		Contraste		Quebra de expectativa		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	13/14	92,9	1/3	33,4	12/16	75,0	0/0	0,0	26/33	78,8
Porém	0/14	0,0	0/3	0,0	4/16	25,0	0/0	0,0	4/33	12,2
Contudo	1/14	7,1	0/3	0,0	0/16	0,0	0/0	0,0	1/33	3,0
Todavia	0/14	0,0	0/3	0,0	0/16	0,0	0/0	0,0	0/33	0,0
Entretanto	0/14	0,0	1/3	33,3	0/16	0,0	0/0	0,0	1/33	3,0
No entanto	0/14	0,0	1/3	33,3	0/16	0,0	0/0	0,0	1/33	3,0
Total	14/33	42,4	3/33	9,1	16/33	48,5	0/33	0,0	33/33	100,0

A tabela 16 evidencia o uso do **mas** (78,8%), sendo que essa conjunção foi mais empregada com o valor semântico da negação (92,9%). Observamos também nessa tabela que nenhuma conjunção foi empregada com o valor de quebra de expectativa e que o contraste (48,5%) foi o valor mais empregado, sendo seguido da negação (42,4%) e da retificação (9,1%). Observa-se que essa distribuição pelos valores é bem diferente da ocorrida para os outros tipos de textos

**TABELA 17** - Visão geral de distribuição dos valores semânticos estabelecidos para as conjunções adversativas nos **quatro tipos de textos**.

Conjunção \ Valor	Negação		Retificação		Contraste		Quebra de expectativa		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	42/49	85,8	39/45	86,8	52/63	82,5	38/61	62,3	171/218	78,4
Porém	1/49	2,0	1/45	2,2	7/63	11,1	7/61	11,5	16/218	7,3
Contudo	1/49	2,0	1/45	2,2	0/63	0,0	3/61	4,9	5/218	2,3
Todavia	1/49	2,0	0/45	0,0	0/63	0,0	1/61	1,6	2/218	1,0
Entretanto	2/49	4,1	2/45	4,4	2/63	3,2	1/61	1,6	7/218	3,2
No entanto	2/49	4,1	2/45	4,4	2/63	3,2	11/61	18,1	17/218	7,8
Total	49/218	22,5	45/218	20,6	63/218	28,9	61/218	28,0	218/218	100,0

Observamos na tabela geral 17 que o valor semântico mais empregado entre os 4 tipos de texto foi o contraste (28,9%) sendo seguido, com uma diferença pequena, da quebra de expectativa (28,0%). Os outros valores tiveram emprego equivalente. Constatamos também que a conjunção **mas** apresentou emprego menor na quebra de expectativa (62,3%), tendo proporção semelhante entre os outros valores. Já a conjunção **no entanto** foi mais empregada no valor quebra de expectativa (18,1%), assim como o **porém** (11,5%).

### 2.3.3 Análise

Os dados apresentados na tabela 13 nos mostram que a negação (4,7%) teve um baixo emprego nas estruturas construídas com as conjunções adversativas, nos **textos descritivos**. Esse fato parece revelar uma relação entre o efeito de sentido que se quer instituir e o tipo de texto, pois em um texto descritivo, segundo Travaglia (1991), o autor quer caracterizar e o seu interlocutor é um “voyeur” do espetáculo, assim, a seqüência adversativa que estabelece a negação pode não provocar um efeito de sentido expressivo na descrição.

Por outro lado a retificação (28,6%), o contraste (38,1%) e a quebra (28,6%) são valores mais empregados. Assim como a adversativa **mas** (88,1%). Costa (2000) afirma que o uso do **mas** destaca a decisão que se toma em sentido inverso. Acreditamos então que ao usar a adversativa ora retificando, ora contrastando ou quebrando a expectativa, o locutor dá destaque às sensações que quer instituir com o seu interlocutor, redirecionado a visão do espetáculo.

- (100) Quem chega à noite, vê o perfil iluminado da cidade em torno da baía e a Golden Gate, a magnífica ponte que se tornou símbolo de São Francisco como portal, erguida na escuridão do mar. Logo se entende São Francisco: [a ponte não está ali apenas para servir aos automóveis (p)], **mas** para ser bela (q). (T. Desc.12)
- (101) [Santiago, capital chilena, tenta se modernizar (p)], **mas** ainda guarda muito sua imagem de cidade sombria de pouco colorido (q). (T. Desc. 7)
- (102) [No local, há estacionamentos (p)], **mas** as pessoas também costumam deixar seus carros nas imediações (q). (T. Desc. 8)

Os autores dos exemplos (100), ao **retificar** dizendo que a ponte está ali para enfeitar e não apenas para ser útil, (101), ao **contrastar** o moderno com o antigo, destacando a imagem sombria da capital chilena e (102), ao **quebrar a expectativa** de que se há estacionamentos as pessoas deveriam estacionar lá, pois pode ser mais seguro, entretanto nem sempre é isso que ocorre, destacam as novas idéias introduzidas pela conjunção **mas**, redirecionando as descrições apresentadas.

Concluimos então que as adversativas não estabelecem apenas o valor de oposição como assevera grande parte da literatura da Gramática Tradicional. Há no emprego delas, segundo Ducrot (1981), um jogo enunciativo que envolve não só as intenções do locutor, mas também a forma como o interlocutor coloca em funcionamento esse jogo. Há um jogo de efeito de sentidos na estrutura proposta pelo locutor e no tipo de texto escolhido.

Em nossa pesquisa, ampliamos o significado do valor semântico de **retificação** que Vogt (1989), em colaboração com Ducrot, apresentou. Ele diz que a retificação ocorre somente quando a estrutura do enunciado está na forma de **não p mas q**, ou seja, quando o **mas** funciona como **MasSN** e serve apenas para corrigir a proposição negativa antecedente. Dessa forma estamos incluindo na retificação não apenas a adversativa como correção, mas também quando ela é usada para mudar a orientação do tópico, marcando a seqüência do assunto e fazendo o texto progredir.

Assim, no exemplo (94), constatamos que a conjunção **mas** foi empregada diversas vezes não com o sentido de marcar oposição entre os enunciados, retificando o anterior, mas foi empregada para estabelecer uma mudança de foco do assunto, e isso é comprovado na literatura pesquisada. Georgakapoulou e Goutsos (1998), pesquisando a linguagem falada do grego, afirmaram que as conjunções com sentido adversativo (do

grego **alá** e **omós**) funcionam como marcadores do discurso, contribuindo para o seu desenvolvimento (exemplo 72). Também Cunha e Cintra (1985) dizem que o **mas** e o **porém** servem para mudar a seqüência de um assunto, com o propósito de retomar o fio do enunciado anterior (exemplo 57). A conjunção **mas**, no exemplo (94), foi usada pela autora para apresentar diferentes aspectos da descrição proposta, na perspectiva do espaço: “pombos, pássaros, mangueiras, casas.” Assim a cada presença do **mas** admira-se um plano diferente da descrição.

Na tabela 14, observamos que a quebra de expectativa, nos **textos narrativos**, foi o valor semântico mais utilizado com 34,2%, sendo seguido pela negação 24,7%.

Acreditamos que o maior uso da quebra de expectativa tem relação também com esse tipo de texto, já que na narração o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, para isso a história pode ficar mais envolvente se o locutor estabelecer uma relação de quebra de expectativa com o seu destinatário.

(103)[ A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra (p)], **mas** o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte de seu animalzinho (q). (T. N. 17)

O exemplo (103) conta a atitude da mãe com o filho diante da morte de um animalzinho. É esperado que com as diferentes promessas da mãe (carrinho, velocípede...) o filho mudasse o comportamento e o caso fosse resolvido; entretanto não é o que a seqüência aponta, há uma quebra dessa expectativa: o filho se mantém profundamente abalado. Esse comportamento é fortalecido pela presença do **mas**, e ainda deixa o destinatário à espera do desenrolar dos fatos, já que o que era aguardado não ocorreu.

Observamos que o valor semântico da negação (24,7%), como mostra a tabela 14, que aparece em proporção menor à quebra, está presente na narração, marcando principalmente a negação na frase introduzida pela adversativa **mas**, como no exemplo (104):

(104) [Era uma vez no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam (p)]. **Mas** nas tabas não faziam coisa alguma (q). (T. N 23)

Em (104) enumeram-se as ações dos índios fora da taba e, em seguida, inicia-se uma oração adversativa que relata em uma relação de tempo (antes e depois) e lugar (fora e dentro da taba) “ o não fazer desses índios”. O que notamos também nessa tabela 14 é que há uma distribuição mais ou menos uniforme no uso dos valores e esse fato revela que o autor, no encaminhamento da leitura do leitor se utiliza da estratégia de empregar as adversativas, principalmente o **mas** (89,0%), com sentidos diferentes, pois o que ele quer é contar, ordenando os fatos. Há novamente uma relação entre as escolhas dos valores semânticos das adversativas e o tipo de texto.

A tabela 15 evidencia que o valor semântico mais empregado nos **textos dissertativos** foi a quebra de expectativa (34,3%). Parece-nos que esse tipo de texto propicia o uso da adversativa com esse valor específico, já que, segundo Travaglia (1991), o texto dissertativo busca o refletir, o explicar, associando-se à análise, à crítica, e, portanto, com frequência a quebra de padrões já estabelecidos. Vejamos:

(105) [O governo dos EUA ainda não decidiu se vai enviar o vice presidente, Al Gore, à Conferência Mundial, sobre clima, em Kyoto, no Japão – o encontro pode ser politicamente prejudicial para a imagem de Gore.

Negociadores de cerca de 160 países vão tentar chegar a um acordo para reduzir a emissão de gases resultantes da queima de combustíveis. Segundo cientistas, o acúmulo desses gases na atmosfera está aumentando perigosamente a temperatura do planeta. Gore é uma das autoridades norte-americanas mais envolvidas em questões ambientais (p)].

**No entanto**, as posições que os EUA devem defender na conferência, que começa hoje, dividem até os norte-americanos e podem levar o encontro a um impasse (q). (T. Diss. 4)

Fabri et alli (1999) analisaram esse exemplo (105), mostrando que para compreender a quebra de expectativa estabelecida pela conjunção **no entanto**, o leitor necessita percorrer um caminho longo na leitura, deve ter consciência de todas as idéias expostas pelo locutor como: o governo americano não decidiu sobre a ida de Gore à conferência; em Kyoto, haverá uma conferência mundial sobre o clima; deverá haver negociação para reduzir emissão de gases; Gore é envolvido em questões ambientais. Todo esse raciocínio levaria o leitor a concluir que Gore deveria participar da reunião, já que é envolvido em questões ambientais, apesar de a frase introdutória do parágrafo levantar dúvidas sobre essa decisão. Entretanto não é isso que ocorre. Surge o **no entanto** que já prepara o leitor a raciocinar que o que ele esperava não vai acontecer, ou seja, o que é

defendido pelos EUA poderá estabelecer um impasse no encontro e com isso confirma a não decisão exposta na introdução do parágrafo. Toda essa leitura exige uma atenção do leitor que, ao participar do jogo do autor, se coloca como ser pensante, que raciocina, como diz Travaglia (1991).

Observamos nessa tabela 15 que todos os valores semânticos propostos estão presentes e isso leva a crer que o autor, ao utilizar essas conjunções adversativas com valores diferentes, as emprega para levar o leitor a estar convencido, persuadido diante de sua proposta. São escolhas feitas que indicam o caminho que o leitor deve percorrer.

Observamos, ainda, que o emprego do **no entanto**, nos textos dissertativos e com o valor de quebra, parece sempre estabelecer uma outra direção para o tópico, isto é, além do valor semântico de quebra de expectativa ele muda a linha de abordagem proposta no tópico. Vejamos em (106):

(106) [O trabalho de catequese era feito principalmente nos aldeamentos, chamados missões, e os padres iniciavam o trabalho com as crianças, pois os índios mais velhos eram muito resistentes à pregação (p)].

**No entanto**, é necessário observar o trabalho da catequese sob outro ângulo (q). (T. Diss. 19)

O **no entanto**, ao quebrar a expectativa de que o trabalho da catequese seria bom nos aldeamentos, propõe uma nova direção ao tópico. Espera-se que após essa conjunção fosse apresentado algo que contrariasse a idéia precedente, ou seja, que levasse a pensar em algum mal provocado pela catequese, entretanto o que ocorre é uma mudança de linha na abordagem do tópico, introduz-se uma nova perspectiva ao assunto: “deve-se observar a catequese sob outro ângulo”. Parece-nos que esse fato confirma o que disse Ducrot (1981) a respeito do **no entanto** e do **contudo**. Ele mostra que, em um diálogo, uma frase iniciada por **contudo** põe em evidência o contraste. Já a presença do **no entanto**, também em um diálogo, pode refutar uma fala ou assinalar algo de bizarro, de estranho (cf. exemplo 65).

Como nos outros tipos de texto, tudo indica que as escolhas dos valores semânticos, feitas pelo autor, estão ligadas ao propósito que cada tipo de texto institui.

Quanto aos **textos injuntivos** e seus valores semânticos (tabela 16), observamos que o contraste (48,5%) e a negação (42,4%) foram os valores mais empregados. Acreditamos que esses empregos também têm relação com o tipo de texto,

pois os textos injuntivos, segundo Travaglia (1991), procuram incitar o seu destinatário a realizar algo que se determina que seja feito ou que aconteça.

(107) [Vestidos podem ser uma boa opção (p)], **mas** fuja daqueles com estampa (q). (T. I. 7)

Há no exemplo (107) um contraste entre vestidos lisos e estampados e uma incitação a partir da adversativa **mas** para o uso de vestidos que não sejam estampados.

(108) [No dia de festa, fazer lanches leves (p)], **mas** não pular as refeições. (T. I 10)

Há o reconhecimento de uma entidade na oração que precede a adversativa “fazer lanches leves” e a negação de outra entidade a partir da adversativa, mas ordenando o que não se deve fazer: “pular as refeições”. Tanto a negação quanto o contraste podem ajudar o locutor a direcionar o destinatário àquilo que ele deseja que seja feito.

Já o valor semântico quebra de expectativa não foi empregado em nenhum texto injuntivo do corpus. Podemos afirmar novamente que isso se deve à relação entre o tipo de texto e a forma como o locutor pretende encaminhar o seu leitor. Esse dado mostrado na tabela 16 comprova essa relação, pois nesse tipo de texto (injuntivo) o locutor necessita apenas de estratégias lingüísticas que levem o seu destinatário a fazer algo, a acatar um conselho ou a entender uma expressão de desejo e por isso ele não se utiliza da quebra de expectativa que não o ajudaria a atingir o seu objetivo.

Finalmente temos a tabela geral 17 que evidencia o contraste (28,9%) como o valor mais empregado nos quatro tipos de texto, e a conjunção **mas** (82,5%) a mais empregada dentre as outras, nesse valor. Ducrot (1981) mostra que há uma afinidade semântica entre o comparativo de superioridade **mais** e a conjunção adversativa **mas**, sendo que ambos derivam do latim **magis**. No exemplo (63), uma máxima de Sêneca, há uma declaração de devoção das pessoas infelizes superior à das pessoas felizes: “Deus é **mais** venerado pelas pessoas infelizes.” Sêneca pode querer fazer, ao mesmo tempo, uma crítica às pessoas felizes e um elogio às infelizes. Podemos então relacionar o uso da adversativa com o valor de contraste (no nosso estudo, no contraste há um eixo de comparação) como uma estratégia de argumentação que, além de instaurar a contradição, contrapondo-se à proposição anterior, conduz o leitor a uma outra conclusão mais forte que

a primeira proposta. No caso do exemplo (107), a adversativa introduz uma opção superior, poderíamos aqui dizer que em uma escala argumentativa a adversativa contribui para estabelecer uma idéia mais forte: “fugir dos vestidos estampados”.

A quebra de expectativa aparece logo em seguida com uma margem pequena de diferença (28%), apontando também que esse valor funciona como uma estratégia argumentativa, que, ao frustrar a proposição precedente, instaura uma outra mais forte, capaz de convencer o leitor, alterando os rumos de sua leitura. Observamos ainda na tabela 17 que na quebra de expectativa o **mas** (62,3%) apresenta um emprego inferior quando comparado ao número de conjunções usadas e seus valores. O **no entanto** (18,1%) teve um emprego alto como quebra de expectativa, em relação ao seu número de ocorrências. Acreditamos que isso se deve ao fato de essa conjunção ser empregada principalmente nos textos dissertativos não só quebrando a expectativa da proposição anterior, mas também dando uma nova abordagem ao tópico, como foi apresentado no exemplo (106 ). Isso vem justificar também o maior emprego dessa conjunção (7,8%) quando comparado com o **porém** (7,3%), dados da tabela 2. É interessante observar que o **no entanto** teve uma alta porcentagem em oposição a trechos (15,9% - tabela 12), o que pode ser correlacionada com a quebra de expectativa ligada à mudança de direção do tópico.

## 2.4 - Dimensão argumentativa

Segundo Orlandi (1987 ), a argumentação é um dos mecanismos básicos de produção de efeitos de sentido. Guimarães (1981) diz que o elemento lingüístico é estabelecido pelo autor de tal forma que as sentenças são articuladas para conduzirem o leitor a uma determinada leitura. Travaglia (1991), no exemplo (24), mostra que a argumentatividade tem a ver com a relação dos recursos lingüísticos usados, com a intenção comunicativa em uma situação de interação.

Koch (1992a) constata que o autor para atuar sobre o seu interlocutor se utiliza de mecanismos que se costuma denominar marcas lingüísticas, responsáveis pela estruturação, pela orientação discursiva e dentre essas marcas estão as conjunções adversativas que a autora chama de conectores interfrásticos do tipo discursivo, especificamente operadores de contrajunção, que pertencem à área semântica de oposição.

Diante disso, verificamos em nosso trabalho as instruções utilizadas pelo locutor que pretende determinar o percurso de leitura do seu leitor e quais são as orientações argumentativas estabelecidas pelas conjunções em estudo.

(109) [ Santos foi levada para o hospital Rocha Faria (p)], **mas** morreu antes de ser medicada (q). (T. N. 4)

Na seqüência (109), estruturada como p mas q, tende-se tirar de p uma conclusão “se foi levada para o hospital seria medicada e salva”, entretanto não é isto que ocorre, pois a partir do **mas**, introduzindo a seqüência q chega-se a uma outra conclusão: “a morte de Santos antes de ser medicada”. Há então na própria seqüência um elemento que corrobora para a orientação argumentativa que contraria o esperado. Esse elemento é a conjunção **mas**. Ao estruturar a seqüência dessa forma o locutor conduz a leitura do leitor. Se a frase fosse construída com a conjunção **embora**: “**Embora** Santos tivesse sido levada para o hospital (p), ela morreria antes de ser medicada (q).” estaríamos considerando o que foi dito em p e não em q, e essa seqüência (p) já apresenta ao leitor, desde o seu início, a conclusão que será tirada em seguida, não havendo quebra de expectativa como no exemplo (109).

Guimarães (1981) faz as seguintes considerações: 1º) para a estrutura A, mas B  $\rightarrow$  A é argumento a favor de r e B é argumento a favor de  $\sim$ r, então A, mas B é argumento a favor de  $\sim$ r. 2º) para a estrutura Embora B, A  $\rightarrow$  A é argumento a favor de r e B é argumento a favor de  $\sim$ r, Embora B, A é argumento a favor de r.

Para esse autor, esses elementos como **mas** e **embora** existem na língua, são chamados de operadores argumentativos de discurso e a significação deles é a estruturação de um conjunto de frases enquanto discurso. Assim em (109) o autor para provocar um determinado efeito de sentido, no caso identificando uma entidade em p e quebrando-a em seguida em q, estrutura o seu enunciado na seqüência p, mas q, orientando, dessa forma, argumentativamente, o seu leitor.

(110) [O turismo oficial conduz ao City Hall, à famosa Opera House (p)]. Os turistas menos ortodoxos, **porém**, têm outras opções: o bairro gay em torno da Castro Street, o bairro punk, centrado na região mais interna do Vallejo Street(q). (T.Desc.12)

A conjunção **porém** nesse exemplo (110) estabelece um contraste com a seqüência anterior, comparando os turistas oficiais com os menos ortodoxos, e aponta para o seu destinatário que há outras possibilidades de passeios além das oficiais; o que pode representar mais opções e até mudanças nos roteiros oficiais impostos. Há também nesse exemplo, uma posição enfática do sujeito “os turistas menos ortodoxos”, colocado antes da conjunção **porém**. Mais uma vez o autor estrutura a sua frase, estabelecendo como esses elementos (sujeito e conjunção) devem ser considerados na leitura. Percebemos uma escolha de posições e sentidos que interagem e orientam argumentativamente a leitura que o autor pretende que o leitor faça.

(111) [Trabalharás durante seis dias (p)]... **Mas** no sétimo... não farás trabalho algum (q). ( T. I. 19)

No exemplo (111), verificamos que há uma relação de sentido mais forte, isto é, na seqüência p há a apresentação de uma proposição, essa proposição terá uma outra orientação a partir do **mas** que introduz a seqüência q. Essa nova proposta deve ser considerada como determinante em relação à anterior e tem uma posição mais elevada. Observamos então que há uma hierarquia entre as duas proposições e essa relação de força entre um enunciado e outro é chamado por Ducrot (1981) de escala argumentativa que dá orientação do discurso.

Todos esses mecanismos argumentativos empregados refletem a importância das imagens que o locutor faz a propósito das convicções de seu interlocutor diante do que se trata, como afirma Gerdali (1981). Em todo o corpus confirmamos que as escolhas lexicais, os arranjos propostos, as relações estabelecidas são organizados tendo em vista um determinado leitor que estará em contato com um determinado tipo de texto. São, então, as imagens que o locutor tem do seu destinatário que determinarão todo jogo enunciativo proposto no discurso.

Ducrot (1981), ao asseverar que a argumentatividade está inscrita na língua e que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, afirma também que as conjunções são responsáveis pela organização e conseqüentemente pelo caminho argumentativo do texto. Vogt (1989), em colaboração com Ducrot, propôs uma explicação semântica para o **mas** com duas funções diferentes: uma de **MasSN**, que serve

para retificar, vem sempre após uma proposição negativa, e não possui o poder argumentativo e outra de **MasPA** que introduz uma proposição que orienta para uma conclusão não esperada e portanto argumenta para outra direção. Entretanto achamos que todo enunciado com a presença da adversativa **mas**, e também das outras adversativas em estudo é marcado pelo poder argumentativo

(112) [O queijo, claro, não dispensa a escova de dentes (p)], **mas** é uma boa arma para manter sua saúde (q). (T. Diss. 11)

Temos em (112) a estrutura não p, mas q, com o **mas** funcionando como **MasSN**, que, segundo os autores mencionados anteriormente, seria apenas retificador sem o poder argumentativo. Como já dissemos, achamos que o autor, ao introduzir a seqüência q com o **mas**, lança mão de uma retificação que impõe uma desigualdade com a primeira proposição e que cria também condições, como afirma Neves (1984), para a adesão à segunda afirmação, que está inclusive em uma posição mais elevada, levando o destinatário “ a comer queijo, já que é uma boa arma para manter a saúde”. Há assim uma relação argumentativa que encaminha o leitor ao convencimento da proposta e que ainda contribui para a progressão do discurso.

Encontramos em nosso corpus outras conjunções que participam dessa estrutura não p conjunção adversativa q e que podem ser permutadas entre si, como observamos na seqüência (113).

(113) [Não tem o mesmo charme de Chinatown (p)], **mas** é excelente para as compras.. (T. Desc. 12)

(113 a) [ Não tem o mesmo charme de Chinatown (p)], **entretanto/ porém/ contudo/ todavia/ no entanto** é excelente para as compras...

Nessa primeira análise, parece-nos que as conjunções adversativas podem ser permutadas sem alterações significativas, já que todas são marcadas por uma força argumentativa semelhante, embora algumas sejam mais especializadas em certa nuances como o redirecionamento do tópico (cf. o que dissemos de **no entanto**) o que leva a se opor frqüentemente a trechos.

## 2.5 - Dimensão informacional

Como vimos com Koch (2000), na estrutura das frases, há informações que distribuem-se em dois blocos: o “dado” e o “novo”. A informação dada estabelece pontos de ancoragem para a informação nova, que é responsável pela progressão textual.

- (114) [Uma funcionária do hotel, em depoimento no 81° DP (Belenzinho), confirmou que o PM entrou no hotel para atender uma suposta tentativa de assalto (p)].  
**No entanto** ela disse que Alves já entrou no hotel atirando (q). (T. N. 3)

Em (114), observamos que a proposição p apresenta uma informação que já é conhecida do leitor, o que é indicado inclusive pelo uso de confirmar, e é retomada em q, a partir da adversativa **no entanto**, com uma orientação argumentativa diferente. Em p temos a informação de que “o PM entrou no hotel para atender uma chamada” (o esperado é que irá resolver de forma adequada a situação), em q a orientação muda, o texto avança com uma nova informação, diferente da aguardada “O PM Alves entrou atirando”, o que não é uma conduta correta, diante de “uma suposta tentativa de assalto.”

- (115) [Agora, a Caixa Econômica Federal (CEF), principal fonte financeira do setor, ficou impedida de financiar o setor público por não atender a normas de gestão mais rígidas estipuladas pelo B.C.. Reticente em permitir que o B.C. flexibilize seus critérios para o caso da Caixa, o governo pensou em uma alternativa: as companhias de saneamento criariam sociedades de Propósitos Específicos para lançarem títulos de dívida que poderiam ser comprados pela CEF, sem ferir os critérios do B.C. (p)].  
**Entretanto**, as dificuldades financeiras de Estados e municípios impedem que a maioria das empresas de saneamento se candidatem a essa discutível engenharia (q). (T.Diss. 12)

Em p há a informação que a Caixa Econômica Federal ficou impedida de financiar o setor público, diante disso o governo pensou em uma alternativa, só que essa alternativa não poderia ser viabilizada. Essa informação é repassada a partir do **entretanto** que inicia q e ela altera o que era esperado em p, e mais, além de mudar a orientação argumentativa ela amplia o conteúdo estabelecendo um comentário que avança com a

informação: “a inviabilidade se dá porque Estados e municípios estão com dificuldades financeiras e isso impede que a maioria das empresas de saneamento se candidatem à alternativa”.

Assim observamos que em todas as 218 ocorrências a presença da conjunção adversativa traz uma **nova** informação e o comentário contido na proposição que contém a adversativa colabora realmente para dar continuidade ao texto. O já-dito é resignificado por uma orientação diferente, permitindo o avanço para o enunciado seguinte e conseqüentemente possibilitando a progressão textual. Assim (q) introduzida pela adversativa é sempre informação nova.

## **2.6 - Dimensão pragmática**

Koch (1984) diz que no uso da linguagem os componentes sintático, semântico e pragmático se encontram integrados.

Van Dijk (1981) observa que a distinção precisa entre relações de conexão no nível semântico e pragmático parece sutil, mas que há um emprego diferenciado entre esses dois níveis. Esse autor diz que os conectivos pragmáticos são freqüentemente iniciais em sentenças, seguidos por uma pausa e expressos com entonação específica, na linguagem falada. A função deles, que no nosso estudo corresponde às conjunções adversativas, é caracterizada pela idéia de continuação entre atos de fala, ou entre movimentos em turnos de conversação. Eles podem funcionar, como vimos nos exemplos (46), (47) e (48), como uma não aceitação de um ato de fala precedente ou como ênfase e restrição à fala anterior ou até suspendendo um ato de fala e provocando a reação do interlocutor.

Em nosso trabalho, específico da linguagem escrita, observamos que, de acordo com a a teoria pragmática de Van Dijk, somente as conjunções adversativas com o valor semântico de retificação e especificamente aquelas que são responsáveis pela mudança de direção do tópico da seqüência anterior, funcionam como conjunções pragmáticas. Para consubstanciar nossos resultados, quanto à dimensão pragmática, apresentamos a tabela 18

com os resultados das ocorrências das adversativas que possuem o valor semântico de retificação e são responsáveis pela mudança do tópico da estrutura precedente, ou seja, em p adversativa q, q muda o tópico de p, estabelecendo uma nova direção ao enunciado. Dessa forma as conjunções adversativas estão na dimensão pragmática.

### 2.6.1 Resultado

**TABELA 18** - Ocorrências das conjunções adversativas, na dimensão pragmática, responsáveis pela mudança do tópico, **nos quatro tipos de textos.**

Conjunção \ Valor	Descritivo		Narrativo		Dissertativo		Injuntivo		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	4/6	66,6	11/11	100,0	0/0	0,0	0/0	0,0	15/17	88,2
Porém	0/6	0,0	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/17	0,0
Contudo	0/6	0,0	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/17	0,0
Todavia	0/6	0,0	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/17	0,0
Entretanto	1/6	16,7	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1/17	5,9
No entanto	1/6	16,7	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1/17	5,9
Total	6/17	35,3	11/17	64,7	0/17	0,0	0/17	0,0	17/17	100,0

Na tabela 18, observamos que as conjunções adversativas, principalmente o **mas**, foram empregadas como pragmáticas, mudando a orientação do tópico, nos textos narrativos (64,7%), com número significativamente superior, em relação ao emprego nos textos descritivos (35,3%).

### 2.6.2 Análise

Os dados apresentados na tabela 18 revelam que a retificação, empregada como mudança de tópico, em que a adversativa é considerada, em nossa pesquisa, como uma conjunção usada também na dimensão pragmática, aparece somente nos textos narrativos (64,7%) e nos descritivos (35,3%), como vemos nos exemplos (116) e (117):

(116) [A roupa lavada, que ficava de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As

pedras do chão, esbranquecidas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas (p)].

**Entretanto**, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono, ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...(q) (T. Desc. 14)

Verificamos em (116) que o autor em (p) descreve o ambiente exterior do local, já em (q), a partir do **entretanto**, muda a orientação descrevendo as ações que se sucediam naquele mesmo local. O **entretanto** não só estabelece diferença entre (p) e (q), mas sobretudo dá um novo enfoque à seqüência contribuindo para a progressão do texto. Observamos então que a função pragmática da conjunção é a de dar uma outra orientação para o enunciado que se segue. Notamos também que há ao mesmo tempo nesta conjunção aspectos semânticos envolvidos, já que ela estabelece uma diferença, uma desigualdade entre os dois planos descritos: o primeiro; características externas do local, o segundo; ações ocorridas nesse local. Concordamos, assim, com Koch (1984) que admite uma integração entre os planos semântico e pragmático.

(117) [Na boiada já fui boi,  
boiadeiro já fui rei  
não por mim nem por ninguém  
que junto comigo houvesse  
que quisesse ou que pudesse  
por qualquer coisa de seu  
querer mais longe que eu (p)].

**Mas** o mundo foi rodando  
nas patas do meu cavalo  
e já que um dia montei  
agora sou cavaleiro  
laço firme, braço forte  
de um reino que não tem rei. (q) (T. N. 2)

Em p, no exemplo (117), temos uma seqüência em que o autor diz o que já foi e o porquê. Já em q ele interrompe a narração e a partir do **mas** ele dá seqüência ao texto, mas em uma outra perspectiva, narrando outros fatos. Notamos que o **mas** além da função

pragmática de interromper o texto dando outra orientação também possui implicações semânticas, na medida em que se coloca como um elemento que diferencia uma seqüência de outra.

Observamos assim que há novamente uma relação entre o tipo de texto e o efeito de sentido pretendido pelo autor. Nos textos descritivos muda-se o tópico da seqüência anterior, buscando apresentar novos aspectos descritos no enunciado subsequente, introduzido pela conjunção adversativa. O mesmo fato se dá com os textos narrativos cuja narração é interrompida com uma mudança de orientação do que se estava narrando anteriormente e a partir da conjunção há uma nova seqüência para a narrativa, com alteração do foco, apresentando fatos diferentes. Há então uma mudança no plano sensorial e no plano do relato. Como mostraram os resultados, o emprego da adversativa na dimensão pragmática ocorreu em proporção maior com os textos narrativos e esse fato comprova a relação do emprego da conjunção e o tipo de texto, pois como já foi colocado, o que se quer na narração é apresentar fatos, acontecimentos e esses podem ser apresentados, utilizando-se dessa estratégia : caminha-se com o relato e de repente muda-se o enfoque, causando mais suspense, deixando a história mais envolvente. Já para os textos dissertativos e injuntivos essa estratégia não ocorre, pelo menos, não foi empregada no corpus dessa investigação, revelando que o emprego da dimensão pragmática em textos escritos não é um recurso utilizado para o autor que quer levar o seu interlocutor à reflexão ou incitá-lo a fazer algo.

Outro dado é que as conjunções adversativas na dimensão pragmática estão sempre em posição inicial de um enunciado. Esse fato concorda com o que Van Dijk (1981) defende, afirmando que os conectivos pragmáticos são freqüentemente iniciais em sentenças, seguidos por uma pausa e expressos, na linguagem falada, com entonação específica.

Observamos ainda que as conjunções **no entanto** e **entretanto** também são empregadas com essa função pragmática, apesar de aparecerem em número bem inferior ao **mas**.

A seguir mostraremos as Matrizes Teóricas II das dimensões norteadoras da nossa investigação, possibilitando uma visão espacial das alterações que foram definidas após o levantamento e as análises das ocorrências.

## 2.7 - Matrizes Teóricas II

### 2.7.1 Matriz teórica da dimensão sintática

<b>POSIÇÕES DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS</b>	<b>TIPOS DE ELEMENTOS</b>	<b>REGULARIDADES</b>
No início do enunciado (q) Após o tópico (sujeito) de (q) Após o comentário (verbo) de (q) Após a circunstância de (q) Após a oração de (q) Após conjunção de (q)	(p) adversativa (q)	(p) adversativa (q)
<b>TIPOS DE SEGMENTOS DA ESTRUTURA (P)</b>	<b>TIPOS DE ELEMENTOS</b>	<b>REGULARIDADES</b>
Sintagma Oração/orações Trechos <ul style="list-style-type: none"> <li>• período</li> <li>• conjunto de períodos</li> <li>• parágrafo</li> <li>• conjunto de parágrafos</li> </ul>	(p) adversativa (q)	(p) de diferentes naturezas, adversativa (q)

### 2.7.2 Matriz teórica da dimensão semântica

<b>TRAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>	<b>VARIAÇÕES DE SIGNIFICAÇÃO</b>	<b>REGULARIDADES</b>
-----------------------------------	--------------------------------------	----------------------

<b>Quebra de expectativa</b>	(q) quebra a expectativa de (p)	Conhecimento de mundo partilhado
<b>Retificação</b>	(q) retifica (p) (q) muda a orientação de (p)	... não (p), adversativa (q) (p) adversativa (q)
<b>Contraste</b>	(q) não elimina (p)	(q) apenas distingue-se de (p) Há um eixo de comparação
<b>Negação</b>	Reconhecimento de uma identidade em (p) e negação dessa identidade em (q) Reconhecimento de uma entidade em (p) e negação de outra entidade em (q), contrapondo-se a (p)	(p), adversativa negação (q)

### 2.7.3 Matriz teórica da dimensão argumentativa

<b>NATUREZA</b>	<b>TIPO</b>	<b>REGULARIDADES</b>
Operadores argumentativos Encadeadores do discurso	Contrajunção	Adversidade a algo explícito ou implícito nos enunciados anteriores

### 2.7.4 Matriz teórica da dimensão informacional

<b>TIPO DE INFORMAÇÃO</b>	<b>NATUREZA DO CONTEXTO</b>	<b>UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>
Informação nova	Conhecimento introduzido	Foco de informação

### 2.7.5 Matriz teórica da dimensão pragmática

<b>NATUREZA</b>	<b>TIPO DE RELAÇÃO</b>	<b>SÉRIE DE</b>
-----------------	------------------------	-----------------

		<b>CARACTERÍSTICAS</b>
Conectivos pragmáticos	Inter-relações entre atos de fala: retificação/mudança de tópico ou direção do tópico	Situações do discurso Crenças Desejos Avaliações

## CONCLUSÃO

A partir da abordagem teórica da Linguística Textual e da Semântica, desenvolvemos uma pesquisa descritiva de campo e bibliográfica, investigando um corpus de 94 textos, com 218 ocorrências das conjunções adversativas focalizadas: **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto**.

Chegamos a algumas conclusões que acreditamos poderão ter conseqüências significativas para o aprofundamento dos estudos descritivos a respeito das conjunções adversativas. Diríamos que também para o ensino/aprendizagem dessas conjunções, pois estamos ampliando a visão que as gramáticas tradicionais apresentam a respeito delas. Essas gramáticas fazem uma abordagem mecânica sem preocupação alguma com o estudo discursivo da linguagem. É preciso examinar as ocorrências da língua com um olhar interativo, múltiplo, observando nelas as relações, funções, valores, propósitos em diferentes dimensões e tipos de texto, já que não há ensino da língua separado do estudo de texto. Entretanto essas implicações pedagógicas exigem, na verdade, uma outra reflexão que não será aqui desenvolvida.

Após a seleção dos 94 textos e do levantamento das 218 ocorrências, partimos para o estudo das dimensões que nortearam a nossa pesquisa: **sintática**, **semântica**, **argumentativa**, **informativa** e **pragmática**.

Esse estudo, acompanhado dos dados e análises permitiram chegar às seguintes conclusões:

- 1) As conjunções apresentam relações sintáticas diferenciadas conforme o tipo de texto. Observamos que o **mas** não possui a mesma mobilidade de posição na seqüência que estabelece a adversidade, em relação às outras conjunções, isto é, o **mas** é empregado apenas no início da oração adversativa enquanto que o **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto** posicionam-se tanto no início da adversativa, quanto após o

sujeito, o verbo, a conjunção, a circunstância e a oração. Essas posições evidenciam que a colocação das palavras na frase projeta um efeito de sentido, enfatizando significativamente aquele elemento colocado antes da conjunção e além disso provocando uma demora no estabelecimento da adversidade. Usando esses mecanismos o autor pretende determinar o percurso da leitura do leitor e os seus possíveis efeitos de sentido.

- 2) As conjunções adversativas se relacionam de forma diferenciada com a estrutura precedente. Essa estrutura pode ser um sintagma, uma oração ou um trecho. A relação com a estrutura anterior também ocorre de acordo com o tipo de texto, ou seja, com o tipo de interação que o autor se propõe a estabelecer com o seu interlocutor. Assim a relação com sintagmas nominais ocorre apenas com textos descritivos que ao caracterizar, dizer como é, o faz por estruturas que não incluem verbos. Já os textos dissertativos se relacionam com o seu interlocutor pela reflexão análise, crítica e para essa relação a oração adversativa é ligada à seqüência anterior, formada em proporção maior por trechos, que exige do seu destinatário mais atenção na busca de referências que façam parte da adversidade.
- 3) As conjunções adversativas têm valores semânticos diferentes e em nosso corpus eles foram estabelecidos como **negação, retificação, contraste e quebra de expectativa**. Esses valores são usados de acordo com o tipo de texto: a negação tem, por exemplo, um baixo uso nos textos descritivos, já nos textos narrativos e dissertativos o valor semântico mais empregado é a quebra de expectativa. Acreditamos que esses resultados têm relação com a forma de interação que cada texto pretende estabelecer. De forma diferente ocorre com os textos injuntivos, que procurando incitar o interlocutor a realizar algo não necessita estabelecer nessa relação a quebra de expectativa, e concentra-se na negação e no contraste como aponta a tabela 16.
- 4) As conjunções adversativas funcionam como operadores argumentativos que colaboram com a progressão do texto, apontando a seqüência para

uma outra direção e expandindo a afirmação anterior. Elas não podem ser consideradas como meros elementos relacionais responsáveis pela oposição entre segmentos, como assevera a grande maioria das Gramáticas Tradicionais. Essas conjunções são responsáveis pelos efeitos de sentidos que o autor se propõe a estabelecer com o seu interlocutor.

- 5) Todas as conjunções trazem uma nova e diferente informação à seqüência anterior. O dito é resignificado em uma outra direção, permitindo sempre o avanço e a progressão do texto.
- 6) No plano pragmático, há uma relação entre o valor semântico estabelecido e o seu emprego pragmático. Somente com o de valor retificação, quando usado para dar uma orientação diferente à seqüência anterior, a conjunção é empregada e ocorre como um conector pragmático, o que acontece apenas em textos narrativos e descritivos. Acreditamos que esse fato ocorre porque nos descritivos há uma mudança de orientação sobretudo nos planos sensoriais e nos narrativos, uma mudança no plano do relato.
- 7) A conjunção adversativa **mas** (78,4% - tabela 2) é a mais empregada entre as outras estudadas e com uma diferença significativa. Acreditamos que isso se dá porque essa conjunção, mesmo sendo empregada apenas no início da adversativa, se relaciona com todas as estruturas que precedem a seqüência adversativa, como mostra a tabela geral 12. Outro fato que justifica o largo uso do **mas** é o seu emprego em todos os tipos de texto e em quase todos os valores semânticos instituídos, não aparecendo somente na quebra de expectativa em textos injuntivos.
- 8) Não podemos considerar essas conjunções como equivalentes. O **mas** se concentra na face da seqüência adversativa o que não ocorre com as outras conjunções, que localizam-se em posições diferentes na frase. Essa mobilidade parece ser explicada, conforme o estudo diacrônico das adversativas de Barreto, entre os séculos XIII e XVII em textos em prosa e no século XX em textos da linguagem falada. Esse estudo mostra que

essas conjunções foram empregadas como reforço adverbial adversativo, podendo algumas ser precedidas de outras conjunções. Esse fenômeno pode ter concorrido para a mobilidade dessas conjunções na frase.

- 9) Algumas conjunções tiveram em nosso corpus, um emprego pequeno, como o **todavia** (1,0%), o **contudo** (2,3%) e o **entretanto** (3,2%) como aponta a tabela 2. Para explicarmos melhor esse fato teríamos que ampliar mais o nosso corpus, buscando nos diversos planos investigados respostas para o pouco uso dessas conjunções em textos escritos.
- 10) As conjunções em estudo, mesmo com valores diferentes, estabelecem sempre uma desigualdade entre a seqüência adversativa e a precedente.
- 11) As adversativas, ao estabelecerem uma outra conclusão ao acordo inicial proposto, fortalecem essa conclusão imprimindo maior força argumentativa a ela e conseqüentemente tentando convencer o interlocutor a aderir a sua nova proposta, como já foi visto por Costa (2000).
- 12) As imagens que o autor tem do seu interlocutor também determinam as escolhas dos argumentos, a sua hierarquização e os efeitos de sentidos pretendidos, como afirma Geraldi (1981).
- 13) A noção do **MasSN**, de Vogt e Ducrot, como retificador, sem poder argumentativo foi ampliada, apontando para outros sentidos que esse **mas** pode imprimir à frase, como mudando a abordagem anteriormente proposta, possibilitando o progresso do texto e marcando a argumentação.
- 14) A conjunção **no entanto** foi empregada com o valor de quebra de expectativa e também propondo uma nova direção ao tópico e isso pode justificar o maior número de ocorrência dessa conjunção em relação principalmente ao **porém**. No início da pesquisa, achávamos que o **porém** seria a conjunção mais usada depois do **mas**. Esse emprego do **no entanto** veio, então, alterar essa nossa intuição.

15) Finalmente, a pesquisa mostra que há uma relação intrínseca entre a escolha da conjunção, as dimensões empregadas e o tipo de texto.

Esperamos, com esse estudo, ter contribuído para o desenvolvimento do estudo lingüístico textual discursivo das conjunções adversativas, apontando para a ligação que há entre o emprego delas e o tipo de texto. Outras pesquisas poderão surgir, com a ampliação das conjunções indicativas de contração e também com a ampliação do corpus.

## SUMMARY

Based on the theories presented in the Textual Linguistic and Semantic, this study investigates the differences in the usage of conjunctions that express contrast, such as **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** and **no entanto**, in four different types of texts: narrative texts, descriptive texts, dissertation texts and injunctive texts. This investigation was carried out according to Travaglia's (1991) typological proposal.

The differences of usage of the contrast conjunctios, which are under investigation, will be verified in the following dimensions: syntactic, semantic, argumentative, informational and pragmatic.

This study presents: a) an overall view of studies carried out in Linguistics relating to these conjunctios, specially **mas**; b) the etymology of each one, paying attention to the relation usage/origen; c) what traditional grammars say about this subject, d) and the typological proposals.

The research developed from the analysis of 218 occurences, taken from 94 written texts. 32 of these texts were dissertation texts, 24 were narrative texts, 19 were descriptive texts and 19 were injunctive texts.

The results point to similarities and differences in the usage of these conjunctions and in the meaning effects that the writer intends to provoke in the reader during the act of reading.

It becomes clear in this dissertation that there are syntactic, semantic, argumentative, informational and pragmatic implications in the usage of these contrast conjunctions. It also shows that there is a close link between their usage and the type of text.

**Key words:** Contrast conjunction, Text type, Dimension, Differentiation, Similarity.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes (1952). *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva .

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de (1997). “A argumentação e suas sutilezas” in *Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/ USP.(pp. 143-207)

ARRAIS, Telmo Correia (1988). “Apontamentos para o estudo da estrutura da frase” in *Alfa*, São Paulo, nº 32.(pp. 25-46)

BARRETO, Therezinha de Mello (1999). “Observações sobre as conjunções no século XVI (Ainda perseguindo as conjunções)” in *SérisEncontros, Descrição do Português: abordagens funcionalistas*. Araraquara: Universidade Estadual de São Paulo. (pp. 141-160)

BARRETO, Therezinha de Mello (1999a). *Gramaticalização das conjunções na história do Português*. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia /Instituto de Letras.

BECHARA, Evanildo (2000). *Moderna Gramática Portuguesa*.. Rio de Janeiro: Lucerna.

BENVENISTE, Emile (1995). *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes.

BERLINCK, Rosane de Andrade (1997). “Nem tudo que é posposto é novo. Estatuto informacional do SN e posição do sujeito em Português”, in *Alfa*, São Paulo, nº 41 (nº especial). (pp. 57-78)

BRAGA, Maria Luíza e SILVA, Giselle M. (1984). “Novas considerações a respeito de um velho tópico: A taxonomia Novo/Velho in GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira(org.) *Lingüística: questões e controvérsias*. Uberaba: Curso de Letras/ Faculdades Integradas de Uberaba. (pp. 27-40)

BUENO, Silveira (1968). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva.

COSTA, Giuliana Ribeiro Carvalho (2000). *Da Adversidade à Concessão: Análise da discursividade argumentativa presidencial*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (175pp.)

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DUBOIS, J. et alli (1997) *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix.

DUCROT, Oswald (1972). *Princípios de Semântica Lingüística (Dizer e não dizer)*. São Paulo: Cultrix.

DUCROT, Oswald (1981). *Provar e dizer: leis lógicas e argumentativas*. São Paulo: Global.

DUCROT, Oswald (1987). *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes.

FABRI, Kátia Maria Capucci.; ELIAS, Inara Barbosa P.; MARTINS, Sandra E.; CUNHA, Valeska G. R. (1999). *Da diferenciação das conjunções adversativas em Português*. Trabalho monográfico. Uberlândia: UFU/ Mestrado em Lingüística (30pp.)

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingdore G. Villaça (1987). “Contribuição a uma tipologia Textual” in *Letras e Letras*. V.3 (1) Uberlândia: Departamento de Letras: UFU.(pp.3-10)

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça (1994). *Lingüística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez.

GARCIA, Othon Moacir (1988). *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra e GOUTOS, Dionysis (1998). “Conjunctions versus discourse markers in Greek: the interaction of frequency, position, and functions in context” in *Linguistics*, 36. (pp. 887-917)

GERALDI, João Wanderley (1981). “Tópico Comentário e Orientação Discursiva” in *Sobre a Estruturação do Discurso*. Campinas: I E L/ Unicamp.(pp.63-90)

GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira(1981). “Estratégias de Relação e Estruturação do texto” in *Sobre a Estruturação do Discurso*. Campinas: I E L/ Unicamp.(pp.91-113)

GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira (1983). “Tópico Comentário e Argumentação na constituição do texto” in *Revista Letras*, V.2- nº1. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. (pp. 69-79)

GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira (1987). *Texto e Argumentação: um estudo de conjunções em Português*. Campinas: Pontes.

GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira,org (1989). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes.

GUIMARÃES, Eduardo R. Junqueira (1995). *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley (1995). *Semântica*. São Paulo: Ática.

KAPPEL, Irma Beatriz Araújo (1998). *Segmentação textual, coesão e distribuição informacional na organização tópica do texto*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU/ Mestrado.

KOCH, Ingedore Villaça (1984). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez .

KOCH, Ingedore Villaça (1992 a). “Dificuldades na Leitura/Produção de texto: os conectores interfrásticos” in *Linguística Aplicada ao ensino do Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto. (pp.83-98)

KOCH, Ingedore Villaça (1992 b). *InterAção pela linguagem*. São Paulo:Contexto.

KOCH, Ingedore Villaça (1996). “Estratégias pragmáticas de processamento textual” in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, jan/jun. (35-42)

KOCH, Ingedore Villaça (2000). *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto.

KOCH, Ingedore Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1997). *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez

- LEITE, Cília. C. Pereira e KOCH, Ingedore Villaça et alii (1989). Valor semântico de estruturas adversativas in *Semântica da sintaxe*. Petrópolis: Vozes (pp.50-70)
- MELO, Gladstone Chaves (1968). *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- NASCENTES, Antenor (1966). *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura.
- NEVES, Maria Helena M.(1984). “O Coordenador Interfrasal Mas – Invariância e Variantes” in *Alfa*, nº. 28. São Paulo: Unesp. (pp.21-42)
- NEVES, Maria Helena M.(1985). “O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do Português” in *Alfa*, nº 29, São Paulo. (pp.59-65)
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (1981). “ Funcionamento e Discurso” in *Sobre a Estrutura do Discurso* . Campinas, IEL/ Unicamp. (pp. 7-38)
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (1987). *A linguagem e seu Funcionamento. As formas do discurso*. Campinas: Pontes.
- PEREIRA, Eduardo Carlos (1937). *Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia E. Nacional.
- POSSENTI, Sírio.(1981). Sobre Discurso e Texto: Imagem e/de Constituição, in *Sobre a Estruturação do Discurso*. Campinas: IEL/Unicamp.(39-62)
- RAJAGOPALAN, Kanavill (1998). “ A verdade na/da argumentação” in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*: Campinas, (35) jul/dez. (pp 39-47)
- RODRIGUES, Andréa (1995). “ Os níveis de atuação do *mas* no discurso” in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas (28) jan/jun.(pp37-44)
- RUDOLPH, Elisabeth. (1989). “The Role of Conjunctions and Particles for Text Connexity” in CONTE, PETOFI E SOZER (eds.) *Text and Discourse connectedness*.(pp.175-190)
- SAID ALI, M. (1964). *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.

SAID ALI, M. (1971). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

SEARLE, John (1984). *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1991). *Um estudo textual discursivo do verbo em português*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1997). *Gramática e Interação. Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2001). *Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino da língua materna*. Uberlândia: ILEEL/UFU. 9pp. (No prelo: livro do VIII Congresso Nacional de Língua Portuguesa da PUC – SP, realizado em abril/maio de 2000).

VAL, Maria da Graça Costa (1999). *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes.

VAN DIJK, Teun. A. (1981). *Studies in the pragmatics of discourse*. Berlin/New York: Mouton.

VOGT, Carlos (1977). *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ática.

VOGT, Carlos (1989). *Linguagem pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec.

## ANEXO

Listagem dos textos constitutivos do corpus em que ocorreram conjunções adversativas.

### I) Textos narrativos (T. N.)

- 1) Missa do galo (Machado de Assis)  
Fonte: Português, Volume único. Maria Luíza Abaurre e Marcela Nogueira Pontara. Editora Moderna, 1999.
- 2) Disparada (Theo Barros e Geraldo Vandré)  
Fonte: Músicas Inesquecíveis da MPB. CD, Polygram do Brasil LTDA.
- 3) Policia! Militar mata gerente de hotel por engano em São Paulo (Leonardo Fulvimann)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, 7 de junho de 2000.
- 4) Duas pessoas são assassinadas em tentativa de assalto no Rio (da Sucursal do Rio)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, 7 de junho de 2000.
- 5) A última crônica (Fernando Sabino)  
Fonte: Português através de textos. Magda Soares. Editora Moderna, 1990.
- 6) A farsa e os farsantes (Carlos Heitor Cony)  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 7) Piada de menininho (Ziraldo)  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 8) Noite em Copacabana (Carlos Heitor Cony)  
Fonte: Folha de São Paulo. Opinião, 1º de dezembro de 1997.
- 9) O Milagre (Stanislaw Ponte Preta)  
Fonte: Redação para 2º grau. Ernani Terra e Nicola Infante. Editora Scipione, 1996.
- 10) Brasil derrota a Holanda na Liga (da Reportagem local)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Esporte, 11 de julho de 2000.
- 11) História triste de tuim (Rubem Braga)  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.

- 12) Rodízio volta e melhora o trânsito (da Reportagem local)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, 3 de agosto de 1999.
- 13) A vingança do jacaré (Folha da tarde)  
Fonte: Para gostar de escrever. Faraco e Moura. Editora Ática, 1986.
- 14) Caça à gangue da batida prende mais três (da Reportagem Local)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, 19 de dezembro de 1997.
- 15) Frio (João Antônio)  
Fonte: Produção de Textos e Usos da Linguagem. Samira Youssef Campedelli e Jésus Barbosa de Souza. Editora Saraiva, 2000.
- 16) Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí (José Cândido de Carvalho)  
Fonte: Para gostar de escrever. Faraco e Moura. Editora Ática, 1986.
- 17) A morte da tartaruga (Millôr Fernandes )  
Fonte: Fábulas Fabulosas. Editora Nórdica, 1963.
- 18) A moça tecelã (Marina Colassanti)  
Fonte: Contos Brasileiros Contemporâneos. Editora Moderna, 1991.
- 19) Eduardo e Mônica (Renato Russo)  
Fonte: Legião Urbana-Dois. CD EMI, 1995.
- 20) Baiana cria cerâmica marqueseana (Free-lance para a Folha)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 19 de junho de 2000.
- 21) Candidatura sempre teve dificuldades (da Redação)  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 22) A máquina extraviada (José J. Veiga)  
Fonte: Contos Brasileiros Contemporâneos. Org. Julieta de Godoy Ladeira. Editora Moderna, 1996.
- 23) Como nasceram as estrelas (Clarice Lispector)  
Fonte: Doze lendas brasileiras. Clarice Lispector. Editora Nova Fronteira, 1987.
- 24) A história de dois filhos e seu pai  
Fonte: A volta do Filho pródigo. Henri J. M. Nouwen. Editora Paulinas, 1997.

## II) Textos Descritivos (T. Desc.)

- 1) Cruzeiros despojados levam às ilhas (Free-lance para a Folha)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 19 de junho de 2000.

- 2) Sem título (da enviada especial)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 5 de junho de 2000.
- 3) Ponte de aço corre o risco de virar ferro-velho (da Reportagem local)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Ilustrada, 22 de dezembro de 1997.
- 4) Se eu fosse pintor... (Cecília Meireles)  
Fonte: Ilusões do mundo. Editora Nova Aguiar, 1976.
- 5) Natal: modismo com ternura provinciana (Jornal Shopping News)  
Fonte: Organização do texto descritivo em língua portuguesa. Sueli Cristina Marquesi. Editora Vozes, 1995.
- 6) O mais-que-lindo (Branca Granatic)  
Fonte: Redação humor e criatividade. Branca Granatic. Editora Scipione, 1997.
- 7) Santiago tenta recuperar o seu colorido (do enviado especial ao Chile)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 17 de julho de 2000.
- 8) Festival de Campos requer pontualidade (Guilherme Cuchirato)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 17 de julho de 2000.
- 9) O mulato (Aluísio Azevedo)  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 10) O guarani (José de Alencar)  
Fonte: Português Instrumental. Dileta e Lúbia. Editora Sagra, 1999.
- 11) Ópera dos mortos (Autran Dourado)  
Fonte: Português Instrumental. Dileta e Lúbia. Editora Sagra, 1999.
- 12) Lição sobre o futuro (José Castello)  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 13) Seleta (Bernardo Ellis)  
Fonte: Seleta. Bernardo Ellis. Editora José Olympio, 1976.
- 14) O Cortiço (Aluísio Azevedo)  
Fonte: Língua, Literatura e Redação. José de Nicola. Editora Scipione, V. 2, 1993.
- 15) Um pé de milho (Rubem Braga)  
Fonte: Língua, Literatura e Redação. José de Nicola. Editora Scipione, V. 2, 1993.
- 16) Sem título  
Fonte: Quatro Rodas Praias. Edição Especial. Editora Abril, 1989.
- 17) Lagoa Azul-Bahia  
Fonte: Quatro Rodas Praias. Edição Especial. Editora Abril, 1989.

17) Onde, Onde...

Fonte: Revista Viagem. Editora Azul, junho de 1996.

19) Sem título (enviado especial à Galícia)

Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 26 de junho de 2000.

**III) Textos Dissertativos (T. Diss.)**1) A insolúvel seca (Mário de Moraes)

Fonte: Globo Rural. Editora Globo, maio de 2000.

2) Rebelião na agricultura

Fonte: Folha de São Paulo. Editorial, 12 de agosto de 1999.

3) Trânsito será a 3ª causa de mortes em 2020 (Marcos Pivetta)

Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, 3 de dezembro de 1997.

4) Posição dos EUA pode deixar Al Gore fora da reunião sobre o clima (das agências internacionais)

Fonte: Folha de São Paulo. Mundo, 1º de dezembro de 1997.

5) A cruzada de Tony Blair (Maria Lúcia Garcia Palhares-Burke)

Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Mais, 14 de dezembro de 1997.

6) Mercosul no limbo legal (Celso Pinto)

Fonte: Folha de São Paulo. Brasil, 5 de dezembro de 1997.

7) Sem título (Anthony Bowen)

Fonte: Folha de São Paulo. Brasil, 5 de dezembro de 1997.

8) Greenspan dá apoio ao órgão (Cláudia Pires)

Fonte: Folha de São Paulo. Brasil, 4 de dezembro de 1997.

9) Viver em sociedade (Dalmo de Abreu Dallari)

Fonte: Viver em sociedade. Editora Moderna, 1985.

10) Quem são os heróis de nossa gente? (César Martin Feijó)

Fonte: O que é herói. Editora Brasiliense, 1984.

11) Quem ajuda a combater cárie

Fonte: Superinteressante. Editora Abril, setembro de 1991.

12) Escolarização e crescimento econômico (Otaviano Helene)

Fonte: Folha de São Paulo. Opinião, 25 de julho de 1992.

13) Direitos Humanos (Dalmo de Abreu Dallari)

Fonte: O que são direitos da pessoa. Circo Editorial, 1985.

- 14) Provão e futuro do ensino  
Fonte: Folha de São Paulo. Editorial, 21 de dezembro de 1997.
- 15) Comunicação (Verbete)  
Fonte: Enciclopédia Abril. Editora Abril, 1972.
- 16) Fome no caminho da escola.  
Fonte: Folha de São Paulo. Editorial, 18 de dezembro de 1997.
- 17) Alienação (Erich Fromm)  
Fonte: Psicanálise da sociedade contemporânea. Editora Zahar, 1970.
- 18) A educação e o significado da vida (Krishnamurti)  
Fonte: A educação e o significado da vida. Editora Cultrix, 1976.
- 19) A igreja e o ensino. A catequese jesuítica. (A. Marques)  
Fonte: História, os caminhos do homem. Editora Lê, 1994.
- 20) Prudência Financeira  
Fonte: Folha de São Paulo. Editorial. 1º de dezembro de 1997.
- 21) As raízes de caráter nacional (Dante Moreira Leite)  
Fonte: O caráter nacional brasileiro. Editora Pioneira, 1976.
- 22) Saneamento Público  
Fonte: Folha de São Paulo. Editorial, 14 de julho de 2000.
- 23) Sonegam até a sonegadores  
Fonte: Folha de São Paulo. Editorial, 23 de maio de 1999.
- 24) O show vai na mala. (Gustavo Poloni)  
Fonte: Revista Veja.Turismo. Editora Abril, 21 de junho de 2000.
- 25) Produtividade; os dois Brasis (Gustavo Franco)  
Fonte: Revista Veja.Foco. Editora Abril, 21 de junho de 2000.
- 26) Pânico e auto-estima (Fernando Canzian)  
Fonte: Folha de São Paulo. Opinião, 10 de julho de 2000.
- 27) Receita investiga contas de mais de 40 distribuidoras de combustíveis (Sônia Filgueiras)  
Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Dinheiro, 10 de julho de 2000.
- 28) A questão ecológica  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 29) Superfazenda  
Fonte: Folha de São Paulo. Editorial, 17 de julho de 2000.

- 30) Repartir o chão (Luci Choinaki)  
Fonte: Folha de São Paulo. Tendências e Debates, 6 de maio de 2000.
- 31) Sustento da agricultura (Luiz Antônio Gambelli)  
Fonte: Folha de São Paulo. Tendências e Debates, 6 de maio de 2000.
- 32) O adolescente na escola  
Fonte: Informe Publicitário (Associação Paulista de Medicina - Suplemento da Folha de São Paulo), 29 de abril de 1994.

#### **IV) Textos Injuntivos (T. I.)**

- 1) ...como lidar com pessoas que você não suporta (mas com quem é obrigado a conviver)  
Fonte: Revista Você SA. Editora Abril, fevereiro de 2000.
- 2) Atitudes que você não deve tomar para não ficar deprê  
Fonte: Revista Atrevida. Editora Símbolo, junho de 2000.
- 3) Maneiras de dizer “eu te amo”  
Fonte: Revista Atrevida. Editora Símbolo, junho de 2000.
- 4) Programas para fazer com outros casais de namorados  
Fonte: Revista Atrevida. Editora Símbolo, junho de 2000.
- 5) Dicas para preparar um currículo escaneável  
Fonte: Folha de São Paulo. 6º Caderno, 11 de outubro de 1998.
- 6) Como seguir instruções.(Suely Gregori Andrade)  
Fonte: Teoria e prática de dinâmica de grupo, jogos e exercícios. Suely Gregori Andrade. Editora Casa do Psicólogo, 1999.
- 7) Nem tudo é permitido  
Fonte: Revista Veja. Editora Abril, 15 de março de 2000.
- 8) Horóscopo  
Fonte: Revista Manequim. Editora Abril, outubro de 1999.
- 9) O país inteiro não pode ser derrotado por um mosquito (Ministério da Saúde)  
Fonte: Português: Linguagens. Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Editora Atual, V. 2, 1999.
- 10) Rota da boa digestão  
Fonte: Revista Marie Claire. Editora Globo, dezembro de 2000.

- 11) Peixes  
Fonte: Revista Cláudia. Editora Abril, janeiro de 1998.
- 12) Receita (Nicolas Beher)  
Fonte: Português: Linguagens. Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Editora Atual, V. 2, 1999.
- 13) Manual  
Fonte: Manual básico de segurança de trânsito: normas de circulação, 1998.
- 14) Guirlanda de Natal  
Fonte: Revista Atrevida. Editora Símbolo, dezembro de 1999.
- 15) Receita  
Fonte: Revista Nova. Editora Abril, dezembro de 2000.
- 16) Busca e Acharás (Francisco Cândido Xavier)  
Fonte: Busca e Acharás, espírito de Emmanuel André Luiz. Instituto divulgação. Editora André Luiz, 1994.
- 17) Manual de auto-ajuda  
Fonte: Revista Marie Claire. Editora Globo, dezembro de 2000.
- 18) Pequeno, mas poderoso (Tânia Menai)  
Fonte: Você SA Editora Abril, maio de 2000.
- 19) O decálogo (Livro Êxodo, Bíblia Sagrada)  
Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.

**“DA DIFERENCIAÇÃO DAS CONJUNÇÕES  
ADVERSATIVAS EM DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS  
ESCRITOS”**

**Perguntas**

- 1) Há predominância no emprego das conjunções adversativas entre os diferentes tipos de textos?
- 2) Caso haja essa predominância, o que a justifica?
- 3) As diferenças de valores e empregos dessas conjunções estão nas dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática?
- 4) As diferenças semânticas entre as adversativas influenciam na construção de um determinado tipo de texto?

## Perguntas

- Há predominância no emprego das conjunções adversativas entre os diferentes tipos de textos?
- Caso haja essa predominância, o que a justifica?
- As diferenças de valores e empregos dessas conjunções estão nas dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática?
- As diferenças semânticas entre as adversativas influenciam na construção de um determinado tipo de texto?

**Bases teóricas:** Lingüística Textual e Semântica

**Conjunção:** elemento que estrutura sintagmas, períodos e parágrafos que compõem o discurso, é responsável pela orientação argumentativa global do discurso. (Koch)

Conjunções adversativas em estudo: **mas, porém, contudo, todavia, entretanto e no entanto.**

## Objetivos

- Estabelecer as diferenças entre as conjunções adversativas.
- Verificar a relação existente entre o tipo de texto e o emprego das conjunções adversativas e/ou de certos valores ou funções das mesmas.
- Verificar se há preferência de um tipo de texto por determinadas conjunções adversativas.
- Verificar as instruções dadas no uso de cada conjunção, nos diferentes tipos de texto.

Pesquisa de **campo e bibliográfica**

**Metodologia e corpus**

logia adotada: modo de interação pela atitude comunicativa do enunciador; objetivo da enunciação. (Travaglia: 1991)

94 textos escritos → 32 textos dissertativos

→ 24 textos narrativos

→ 19 textos descritivos

→ 19 textos injuntivos

218 ocorrências → conjunções **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto.**

Seleção dos textos, levantamento das conjunções, determinação das dimensões: **sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática**, elaboração das tabelas, resultados e análises.

Tipo da pesquisa: **de campo e bibliográfica**

**TABELA 1** - Tipos de textos e presença de conjunções.

TIPO DE TEXTO	PRESENÇA DE CONJUNÇÃO		SEM CONJUNÇÕES		TOTAL	
	COM CONJUNÇÕES		SEM CONJUNÇÕES		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%

Descritivo	19/94	20,2	57/171	33,3	76/265	28,7
Dissertativo	32/94	34,1	9/171	5,3	41/265	15,5
Narrativo	24/94	25,5	12/171	7,0	36/265	13,6
Injuntivo	19/94	20,2	93/171	54,4	112/265	42,2
<b>TOTAL</b>	<b>94/265</b>	<b>35,5</b>	<b>171/265</b>	<b>64,5</b>	<b>265/265</b>	<b>100,0</b>

**TABELA 2** - Distribuição do emprego das conjunções adversativas nos quatro tipos de textos:

TIPOS CONJUNÇÕES	Descritivos		Narrativos		Dissertativos		Injuntivos		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	37/42	88,1	65/73	89,0	43/70	61,4	26/33	78,8	171/218	78,4
Porém	2/42	4,8	4/73	5,5	6/70	8,6	4/33	12,2	16/218	7,3
Contudo	0/42	0,0	1/73	1,4	3/70	4,3	1/33	3,0	5/218	2,3
Todavia	0/42	0,0	0/73	0,0	2/70	2,9	0/33	0,0	2/218	1,0
Entretanto	1/42	2,3	0/73	0,0	5/70	7,1	1/33	3,0	7/218	3,2
No entanto	2/42	4,8	3/73	4,1	11/70	15,7	1/33	3,0	17/218	7,8
<b>Total</b>	<b>42/218</b>	<b>19,3</b>	<b>73/218</b>	<b>33,5</b>	<b>70/218</b>	<b>32,1</b>	<b>33/218</b>	<b>15,1</b>	<b>218/218</b>	<b>100,0</b>

## Fundamentação teórica

“ A orientação argumentativa está apoiada na estrutura lingüística”  
(Ducrot)

### Dimensão sintática

Aspectos formais, estruturais → relações dos elementos  
lingüísticos podem definir o significado.

**TABELA 7 - Conjunções adversativas e suas diferentes posições na estrutura do enunciado nos quatro tipos de textos**

Posição Conjunções	Início da adversativa		Após o sujeito		Após o verbo		Após conjunção		Após circunstância		Após oração		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	171/191	89,6	0/6	0,0	0/6	0,0	0/2	0,0	0/8	0,0	0/5	0,0	171/218	78,4
Porém	5/191	2,6	3/6	50,0	2/6	33,3	0/2	0,0	4/8	50,0	2/5	40,0	16/218	7,3
Contudo	1/191	0,5	0/6	0,0	1/6	16,7	0/2	0,0	2/8	25,0	1/5	20,0	5/218	2,3
Todavia	1/191	0,5	1/6	16,7	0/6	0,0	0/2	0,0	0/8	0,0	0/5	0,0	2/218	1,0
Entretanto	4/191	2,1	0/6	0,0	1/6	16,7	0/2	0,0	1/8	12,5	1/5	20,0	7/218	3,2
No entanto	9/191	4,7	2/6	33,3	2/6	33,3	2/2	100,0	1/8	12,5	1/5	20,0	17/218	7,8
Total	191/218	87,6	6/218	2,7	6/218	2,7	2/218	1,0	8/218	3,7	5/218	2,3	218/218	100,0

**TABELA 12 - Relações da estrutura (q) com diferentes naturezas da estrutura precedente (p) nos quatro tipos de textos.**

Natureza de p Conjunções	Sintagma		Oração		Trechos										Total	
					Período		Conjunto de Período		Parágrafo		Conjunto de Parágrfo		Subtotal			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mas	5/5	100,0	103/106	97,2	32/46	69,6	8/15	53,3	21/38	55,3	2/8	25,0	63/107	58,9	171/218	78,4
Porém	0/5	0,0	3/106	2,8	5/46	10,9	2/15	13,3	5/38	13,2	1/8	12,5	13/107	12,1	16/218	7,3
Contudo	0/5	0,0	0/106	0,0	2/46	4,3	1/15	6,7	2/38	5,2	0/8	0,0	5/107	4,7	5/218	2,3
Todavia	0/5	0,0	0/106	0,0	1/46	2,2	0/15	0,0	0/38	0,0	1/8	12,5	2/107	1,9	2/218	1,0
Entretanto	0/5	0,0	0/106	0,0	0/46	0,0	1/15	6,7	3/38	7,9	3/8	37,5	7/107	6,5	7/218	3,2
No entanto	0/5	0,0	0/106	0,0	6/46	13,0	3/15	20,0	7/38	18,4	1/8	12,5	17/107	15,9	17/218	7,8
Total	5/218	2,3	106/218	48,7	46/107	43,0	15/107	14,0	38/107	35,5	8/107	7,5	107/218	49,0	218/218	100,0

## Dimensão semântica

Variações básicas de significado:

**Negação** → seqüência **p**, adversativa **q**:

**q** anula, nega **p** ou **q**

**Retificação** → estrutura: não **p**, adversativa **q** → **q** corrige **p**

estrutura: **p**, adversativa **q** → **q** muda o foco de **p**,

dando outra seqüência ao enunciado anterior

**Contraste** → **q** não elimina **p** apenas distingue-se .

**Quebra de expectativa** → conhecimento partilhado, quebra da expectativa a partir da oração adversativa

**TABELA 17** - Visão geral de distribuição dos valores semânticos estabelecidos para as conjunções adversativas nos **quatro tipos de textos**.

Valor Conjunção	Negação		Retificação		Contraste		Quebra de expectativa		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	42/49	85,8	39/45	86,8	52/63	82,5	38/61	62,3	171/218	78,4
Porém	1/49	2,0	1/45	2,2	7/63	11,1	7/61	11,5	16/218	7,3
Contudo	1/49	2,0	1/45	2,2	0/63	0,0	3/61	4,9	5/218	2,3
Todavia	1/49	2,0	0/45	0,0	0/63	0,0	1/61	1,6	2/218	1,0
Entretanto	2/49	4,1	2/45	4,4	2/63	3,2	1/61	1,6	7/218	3,2
No entanto	2/49	4,1	2/45	4,4	2/63	3,2	11/61	18,1	17/218	7,8
Total	49/218	22,5	45/218	20,6	63/218	28,9	61/218	28,0	218/218	100,0

## Dimensão pragmática

“ No uso da linguagem os componentes sintático, semântico pragmático se encontram integrados” (Koch: 1984)

Conjunções adversativas com valores de retificação, responsáveis pela mudança de direção do tópico.

Propósitos, convicções, crenças.

**TABELA 18** - Ocorrências das conjunções adversativas, na dimensão pragmática, responsáveis pela mudança do tópico, **nos quatro tipos de textos.**

Conjunção \ Valor	Descritivo		Narrativo		Dissertativo		Injuntivo		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Mas	4/6	66,6	11/11	100,0	0/0	0,0	0/0	0,0	15/17	88,2
Porém	0/6	0,0	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/17	0,0
Contudo	0/6	0,0	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/17	0,0
Todavia	0/6	0,0	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	0/17	0,0
Entretanto	1/6	16,7	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1/17	5,9
No entanto	1/6	16,7	0/11	0,0	0/0	0,0	0/0	0,0	1/17	5,9
Total	6/17	35,3	11/17	64,7	0/17	0,0	0/17	0,0	17/17	100,0

### **Dimensão argumentativa**

“Argumentatividade: modo corrente de interação → quem argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro” (Geraldi: 1981)

Utilização dos encadeadores do discurso

### **Dimensão informacional**

Informação dada → conhecimento que o autor assume estar na consciência do interlocutor no momento da enunciação

Informação nova → o locutor supõe estar introduzindo na consciência do interlocutor.

### **Conclusões**

- 1) **Mas** aparece sempre no início da seqüência que estabelece a adversidade.
- 2) **No entanto, entretanto, contudo, todavia e porém** podem aparecer em diferentes posições na frase projetando diferentes significados.
- 3) A seqüência que precede a frase adversativa pode ser de diferentes naturezas: **sintagma, oração, período...** Essa relação está ligada ao tipo de texto.

- 4) Valores das conjunções: **negação, retificação, contraste e quebra de expectativa** → diferentes tipos de texto
- 5) As conjunções são operadores argumentativos que colaboram para a progressão do texto, expandindo a afirmação anterior
- 6) As conjunções sempre trazem uma nova informação ao segmento anterior
- 7) Valor semântico de retificação dando orientação diferente à seqüência anterior tem também o valor pragmático, e esse fato ocorre em textos narrativos e descritivos
- 8) O **mas** é a conjunção mais empregada, aparecendo em todos os tipos de textos, relacionando-se com todas as diferentes naturezas precedentes.
- 9) A conjunção **no entanto** foi empregada com o valor de quebra de expectativa e também mudando a direção do tópico
- 10) Há uma relação intrínseca entre a escolha da conjunção, as dimensões empregadas e o tipo de texto.

*“A linguagem confere consistência ao ser humano.  
Consolida-lhe a identidade, confugura-lhe a personalidade.  
O homem encarna-se na expressão.” (Juvenal Arduíne)*

## 2.7 - Matrizes Teóricas II

### 2.7.1 Matriz teórica da dimensão sintática

<b>POSIÇÕES DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS</b>	<b>TIPOS DE ELEMENTOS</b>	<b>REGULARIDADES</b>
No início do enunciado (q) Após o tópico (sujeito) de (q) Após o comentário (verbo) de (q) Após a circunstância de (q) Após a oração de (q) Após conjunção de (q)	(p) adversativa (q)	(p) adversativa (q)
<b>TIPOS DE SEGMENTOS DA ESTRUTURA (P)</b>	<b>TIPOS DE ELEMENTOS</b>	<b>REGULARIDADES</b>
Sintagma Oração/orações		

<p>Trechos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Período</li> <li>• Conjunto de períodos</li> <li>• Parágrafo</li> <li>• Conjunto de parágrafos</li> </ul>	(p) adversativa (q)	(p) de diferentes naturezas, adversativa (q)
---	---------------------	--

**b) No início da oração adversativa:**

O navio tem 21 cabines, 36 metros de comprimento e 147 toneladas, radares, sonares, satélites e aparelhos de última geração, não tem piscina, **mas** a região é pródiga em lagoas de coral onde a embarcação às vezes se detém. (T. Desc. 1)

**b) Após o sujeito da adversativa:**

Para estradas não pavimentadas, a velocidade máxima é de 60 km/h. O motorista consciente, **porém**, mais do que observar a sinalização e os limites de velocidade, deve regular sua própria velocidade...(T. I. 13)

**c) Após o verbo da adversativa:**

Suportarás a preterição e o menosprezo nas áreas da atividade profissional. Não renunciarás, **contudo**, ao dever de aprimorar-te, a fim de ser mais útil à comunidade à qual te vinculas. (T. I. 16)

**d) Após a conjunção:**

No extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes, o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses... E, **no entanto**, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. (T. Diss.21)

## Matriz teórica da dimensão semântica

<b>TRAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>	<b>VARIAÇÕES DE SIGNIFICAÇÃO</b>	<b>REGULARIDADES</b>
<b>Quebra de expectativa</b>	(q) quebra a expectativa de (p)	Conhecimento de mundo partilhado
<b>Retificação</b>	(q) retifica (p) (q) muda a orientação de (p)	... não (p), adversativa (q) (p) adversativa (q)
<b>Contraste</b>	(q) não elimina (p)	(q) apenas distingue-se de (p) Há um eixo de comparação
<b>Negação</b>	Reconhecimento de uma identidade em (p) e negação dessa identidade em (q) Reconhecimento de uma entidade em (p) e negação de outra entidade em (q), contrapondo-se a (p)	(p), adversativa negação (q)

- [ Há também quem se anime com as fontes sulfurosas a 70° C. Dizem que

são terapêuticas (p)], **mas** queimam a pele e fedem a ovo podre, a enxofre (q). (T.Desc.19)

- Eram 5 horas da manhã e [o cortiço acordava, abrindo, não os olhos (p)], **mas** a sua infinidade de portas e janelas alinhadas(q). (T.N.14)
- [Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro quadro de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos jasmims e grandes campânulas roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de ouro nas pontas das asas (p)].  
**Mas** logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, pássaros rápidos e certos...  
**Mas** o quintal da casa abandonada ostenta uma delicada mangueira, ainda com moles folhas cor de bronze sobre a cerrada fronde sombria...
- [Santiago, capital chilena, tenta se modernizar (p)], **mas** ainda guarda muito sua imagem de cidade sombria de pouco colorido (q). (T. Desc. 7)
  - [Trabalharás durante seis dias (p)]... **Mas** no sétimo... não farás trabalho algum (q). ( T. I. 19)

Matriz teórica da dimensão argumentativa

NATUREZA	TIPO	REGULARIDADES
Operadores argumentativos Encadeadores do discurso	Contrajunção	Adversidade a algo explícito ou implícito nos enunciados anteriores

[ Santos foi levada para o hospital Rocha Faria (p)], **mas** morreu antes de ser medicada (q). (T. N. 4)

#### 2.7.4 Matriz teórica da dimensão informacional

TIPO DE INFORMAÇÃO	NATUREZA DO CONTEXTO	UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Informação nova	Conhecimento introduzido	Foco de informação
-----------------	--------------------------	--------------------

[Uma funcionária do hotel, em depoimento no 81º DP (Belenzinho), confirmou que o PM entrou no hotel para atender uma suposta tentativa de assalto (p)].

**No entanto** ela disse que Alves já entrou no hotel atirando (q). (T. N. 3)

#### 2.7.5 Matriz teórica da dimensão pragmática

NATUREZA	TIPO DE RELAÇÃO	SÉRIE DE CARACTERÍSTICAS
Conectivos pragmáticos	Inter-relações entre atos de fala: retificação/mudança de tópico ou direção do tópico	Situações do discurso Crenças Desejos Avaliações

(117) [Na boiada já fui boi,  
boiadeiro já fui rei  
não por mim nem por ninguém  
que junto comigo houvesse  
que quisesse ou que pudesse  
por qualquer coisa de seu  
querer mais longe que eu (p)].

**Mas** o mundo foi rodando  
nas patas do meu cavalo  
e já que um dia montei

agora sou cavaleiro  
laço firme, braço forte  
de um reino que não tem rei. (q) (T. N. 2)

(86) [A bancada ruralista aprovou ontem, na Comissão de Agricultura da Câmara, um projeto que rola a dívida do setor agropecuário, que pode chegar a R\$ 25 bilhões, por 20 anos, com quatro de carência, juros líquidos de 3% ao ano e um desconto de 40%.

Essas reivindicações soariam imodestas até para banqueiros amparados pelo Proer, governos estaduais beneficiados pelo Proes, concessionários de serviços públicos apoiados pelo BNDES, financistas sustentados pelo Banco Central na crise cambial e políticos agraciados por rodadas sucessivas de federalização de dívidas estaduais e municipais (p)].

**No entanto**, os R\$ 25 bilhões que os agricultores querem jogar sobre o tesouro têm o mesmo caráter desses fantásticos exemplos: são pressões pela socialização de prejuízos (q). (T. Diss. 2)

(78)De modo geral, deve-se reconhecer que a elevação das margens de prudência financeira vem em boa hora e é adequada ao atual período de turbulência internacional. É preciso lembrar, **no entanto**, que os grandes casos de insolvência bancária ocorridos no ano passado não decorreram de uma excessiva liberalidade das regras do Banco Central...(T.Diss. 20)

(95) [O pai examinou a situação e propôs: \_  
“Olha, Henriquinho, se a tartaruga está morta não  
adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí vem cá  
com o pai.”

O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto  
no colo e disse (p): “**Mas** nós vamos fazer pra ela  
um grande funeral (q)”.(T.N.17)

(116) [A roupa lavada, que ficava de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquecidas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas (p)].

**Entretanto**, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono, ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...(q) (T. Desc. 14)

Sim, eu comprarei um casaco de pele. **Mas** eu tenho que primeiro pedir uma promoção ao meu chefe.

Você pode me dizer as horas? **Mas**, você não tem um relógio?

Harry estava doente, **mas** veio à reunião assim mesmo.

Eu passei uma semana (em Atenas) e só consegui uma cadeira no trem uma vez (p).**Mas** eu olho para todas aquelas pessoas e digo o que elas estão fazendo, como podem pegar isso todos os dias (q).

[A roupa lavada, que ficava de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquecidas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas (p)].

**Entretanto**, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono, ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...(q) (T. Desc. 14)

[Na boiada já fui boi,  
 boiadeiro já fui rei  
 não por mim nem por ninguém  
 que junto comigo houvesse  
 que quisesse ou que pudesse  
 por qualquer coisa de seu  
 querer mais longe que eu (p)].

**Mas** o mundo foi rodando  
 nas patas do meu cavalo  
 e já que um dia montei  
 agora sou cavaleiro  
 laço firme, braço forte  
 de um reino que não tem rei. (q) (T. N. 2)

[ ...O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes, o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua.

Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses...(p)]

E, **no entanto**, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos (q).(T.Diss. 21)

[O trabalho de catequese era feito principalmente nos aldeamentos, chamados missões, e os padres

iniciavam o trabalho com as crianças, pois os índios mais velhos eram muito resistentes à pregação (p)].

**No entanto**, é necessário observar o trabalho da catequese sob outro ângulo (q). (T. Diss. 19)